



# **Cara ou Cachorra?**

*um jogo discursivo de-como-ser sujeito*

**Lúisa Cristina dos Santos**

darcy pe teado.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-LINGÜÍSTICA**

**CARA OU CACHORRA ?  
UM JOGO DISCURSIVO DE-COMO-SER SUJEITO**

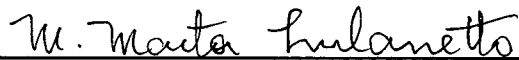
**Dissertação apresentada ao Curso de Pós-  
Graduação em Letras-Lingüística da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Letras/Lingüística.**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Marta  
Furlanetto**

**LUÍSA CRISTINA DOS SANTOS**

**FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 1997.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras-Lingüística pela comissão formada pelos professores:



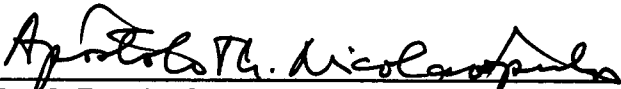
Prof. Dr. Maria Marta Furlanetto (UFSC)  
Orientadora



Prof. Dr. Albertina Felisbino Vitoretti (UNISUL)



Prof. Dr. Pedro de Souza (UFSC)



Prof. Dr. Apóstolo T. Nicolacópulos (UFSC)  
Suplente



**Para Nirce, José,  
e Róbison**



A interpretação é o vestígio do possível.

*Eni Orlandi*

## AGRADECIMENTOS

a Nirce, José, Róbison, Leila, André, Toninho, tio Toninho, a toda minha família,  
à Jeane, ao Miguel (por me apresentar Harry Laus),  
à Ruth Laus, a Raúl Antelo (pela proliferação poética), aos amigos da UEPG,  
aos amigos e professores da UFSC,  
aos amigos,  
a Capes,

a Pedro de Souza, à Zahidé Lupinacci Muzart,

à Maria Marta Furlanetto

## SUMÁRIO

Introdução .....	9
Capítulo 1 - Sobre a partida: O escritor, a obra, a história .....	15
Capítulo 2 - Pré-estabelecendo regras: .....	35
Capítulo 3 - Sobre os jogadores:	
3. 1 - Sujeito da linguagem: Heterogeneidades enunciativas .....	43
3. 1. 2 - Teoria da polifonia .....	46
3. 1. 3 - Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada..	51
3. 2 - Sujeito-autor e Sujeito autobiográfico .....	57
Capítulo 4 - Dos juízes e preparadores físicos:	
4 . 1 - Sujeito-de-direito .....	67
4 . 2 - Sujeito sexual .....	73
Capítulo 5 - As possibilidades de movimento ou sobre o movimento das peças:	
5 . 1 - Cara ou Cachorra: disputando direitos e deveres .....	87
5. 2 - “Não pode” e o jogo polifônico .....	97
5. 3 - Discurso e coesão .....	103
5. 4 - Jogando com a questão do nome próprio: Cara ou cara?....	113
Fim de jogo ?: considerações finais .....	127
Referências bibliográficas .....	133



Anexos:

Bibliografia de Harry Laus [Obra publicada, antologias, outros artigos]

Fortuna crítica [em livros, em revistas e jornais]

“MONÓLOGO *de uma cachorra* SEM PRECONCEITOS”<sup>1</sup>

Capa:

Colagem feita com reprodução de uma fotografia de Harry Laus e fotocópias de ilustrações do MONÓLOGO *de uma cachorra* SEM PRECONCEITOS, por Luísa Cristina dos Santos.

---

<sup>1</sup> Manterei a concepção gráfica do título conforme sua edição.

## RESUMO

A presente dissertação propõe um ponto de reflexão sobre a questão da subjetividade por intermédio da novela *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, de Harry Laus (Florianópolis: ed. do autor, 1981). Assumindo a perspectiva da Análise do Discurso, analiso a fragmentação e a unificação do sujeito no texto e a constituição do sentido através das diferentes posições ocupadas por ele.

A estratégia de observação adotada parte da situação e organização do campo de forças que concebe a expressão das manifestações a serem examinadas (o escritor, a obra, a história), passando às possibilidades de heterogeneidade enunciativa (Ducrot e Authier), constituição do sujeito-autor e sujeito autobiográfico. Na seqüência, pensei uma instância interpretativa fundada em relações de poder, viabilizada pela emergência do sujeito-de-direito e do sujeito-sexual.

Assim, observo, ancorada no estabelecimento destas fronteiras, o sujeito enquanto constituído por esta diversidade de funções enunciativas, sujeito complexo, dividido, que se manifesta, movimenta, através da heterogeneidade textual.

Semelhante análise possibilitou compreender como os indivíduos se constituem sujeitos, além de delinear uma forma de interpretar os efeitos de sentido oriundos da articulação entre processo criador, instituições literárias e funcionamentos discursivos.

## SUMMARY

The present dissertation proposes an instance of reflection on the question of subjectivity in the novel *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* by Harry Laus (Florianópolis: ed. do autor, 1981). From the perspective of French Discourse Analysis, I analyze the fragmentation and unification of the subject in the text and formation of meaning through the different positions it occupies.

The observation strategy I adopted departs from the situation and organization of the field of forces that conceives the expression of the manifestations to be examined (the writer, the work, the story), and goes on to the possibilities of enunciating heterogeneity (Ducrot and Authier), the formation of the author-subject and the autobiographic subject. Presently, I consider an interpretative instance based on power relations, made possible by the emergence of the subject by rights and the sexual-subject.

I therefore observe, backed up by the establishment of these borders, the subject as it is made up of this diversity of enunciating functions, a complex, divided subject, that manifests itself and moves throughout the textual heterogeneity.

Such an analysis has enabled me to understand how individuals become subjects, besides outlining a way of interpreting the effects of meaning resulting from the articulation of creative process, literary institutions and discourse functioning.



## **Introdução**

E pela porta de trás  
Da casa vazia  
Eu ingressaria  
E te veria  
Confusa por me ver  
Chegando assim  
Mil dias antes de te conhecer  
*Edu Lobo e Chico Buarque*

O mistério de um indivíduo é como a trama de um *thriller*, como um filme hitchcockiano. É ver representado num personagem e não numa história, todo um jogo contínuo e dialético do equilíbrio suspense-revelação. A completude desta possibilidade perde-se em curvas e espirais, em composições piramidais, turbilhões místicos, em acumulações de cores ardentes e evanescentes que evadem e invadem a sua obra e transportam imagens, personagens, rostos, na direção dos mistérios do inconsciente e dos labirintos do espírito.

Eis o desafio a que me imponho com esta pesquisa: focalizar a questão da subjetividade por intermédio da obra *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, de Harry Laus. Nela, o ressoar de múltiplas vozes estabelece uma espécie de curto-circuito, que põe em ação uma série de valores presumidos, condensadores de avaliações sociais.

No contexto de Harry Laus, estes valores desvelam-se em sua construção enunciativa. Pois foi exatamente este compromisso que encaminhou meu estudo para o campo da Análise do Discurso, tendo em vista a remissão à questão do sujeito por um lado, e à questão dos condicionantes do discurso, por outro. Mais, como se os dois tivessem o mesmo modo de produção, de funcionamento.

A novela apresenta-se fortemente vinculada ao contexto enunciativo, com efeitos de sentido diretamente determinados por ele. Ao mesmo tempo, a análise de sua

superfície discursiva revela uma estrutura temática complexa, principalmente por envolver questões nevrálgicas do âmbito sexual.

A subjetividade que premei não é aquela postulada pelas teorias da enunciação, muito embora, em variados momentos, delas me vali com vistas à operacionalidade de procedimentos, mas sim a que deriva de Foucault (1995a). Nas primeiras, o sujeito locutor aparece como fonte da linguagem. Foucault, por outro lado, descentraliza o sujeito como origem, integrando-o ao funcionamento dos enunciados e dos textos, opondo-se à possibilidade da linguagem para fixar a posição do falante como sujeito. Nessa perspectiva, o discurso não remete “nem a um sujeito individual, nem a alguma coisa como uma consciência coletiva nem a uma subjetividade transcendental”. O que ocorre, isto sim, é que para cada enunciado existem posicionamentos de sujeito. São essas posições discursivas que o constroem. Considerarei ainda que os mecanismos enunciativos são governados por formas de assujeitamento ideológicas (Orlandi e Guimarães, 1988) o que significa dizer que o sujeito é interpelado pela ideologia assim como é também determinado histórica e socialmente.

Com este estudo, objetivei:

- ⇒ apontar as formas de heterogeneidade enunciativa presentes no corpus.
- ⇒ mapear as modalidades lingüísticas de enunciação administradoras dos mecanismos de manifestação de si, notadamente no âmbito da sexualidade;
- ⇒ refletir sobre os mecanismos lingüísticos mobilizados que remetem à construção da intimidade do enunciador;
- ⇒ identificar o sujeito enunciativo através das posições ocupadas/assumidas no discurso;
- ⇒ investigar as implicações dos desdobramentos do sujeito enunciativo;
- ⇒ verificar em que plano discursivo o sujeito enunciativo busca legitimidade externa;



Para alcançar os objetivos propostos comecei este trabalho situando a “partida”. “O escritor, a obra, a história” organiza o campo de forças que concebe a expressão das manifestações a serem analisadas. As condições de enunciação do texto literário não são uma estrutura contingente da qual este poderia se libertar, mas estão intimamente vinculadas a seu sentido. Conforme Maingueneau (1995), “o texto é a própria gestão de seu contexto”. Tanto no caso das obras literárias como no dos enunciados tidos como “comuns”, há uma tendência ao esquecimento do contexto pragmático, a só se ver o “dito”. Contudo o confronto entre esse dito e o ato de enunciação é uma dimensão indispensável da obra literária: não apenas constrói um mundo, mas ainda deve administrar a relação entre esse mundo e o evento que seu próprio ato de enunciação constitui, o qual não pode ser simplesmente rejeitado para fora do mundo representado. Evidentemente, a criação literária supõe um distanciamento, característico da obra de arte, mas também supõe uma dependência que a torna um campo entre outros da atividade social.

No segundo capítulo, referencio a Análise do Discurso, aparato teórico que sustenta toda a pesquisa. Na seqüência, “sobre os jogadores” aborda a possibilidade de observação da heterogeneidade enunciativa a partir de duas perspectivas teóricas distintas: a polifonia (Bakhtin, Ducrot) e o conceito de heterogeneidade de Authier. Tais postulados operam produtivamente no sentido de permitirem apreender um modo de organização textual, consideradas as diversas posições do sujeito. A Análise do Discurso procura mostrar, em relação à organização textual, como se constrói a unidade do texto a partir do processo de produção do sentido e do sujeito. Semelhante conjugação permite que se vislumbre uma outra manobra de organização textual que coloca em campo dois outros jogadores: o sujeito-autor e o sujeito autobiográfico.

O jogo estabelecido por estas relações revela frinchas por onde outras falas muito mais profundas se manifestam: vozes de “juízes”, posto que se estabelecem

fundadas em relações de poder. A perspectiva que adotei mostra que a tensão, o conflito, a contradição, a resistência, o interdito, são aspectos constitutivos da linguagem, historicamente determinados. Ao analisar o enraizamento de um juridismo nas relações pessoais, pensamos a instância interpretativa através da emergência do sujeito-de-direito.

Além disso, com uma manobra de ponto de vista, este mesmo palco pode fornecer elementos para se pensar a sexualidade. A constituição do sujeito sexual está, há muito, estreitamente vinculada à proibição, ao veto, institucionalmente inscritos. Mediante a inscrição, há a possibilidade de sujeito-de-direito e sujeito sexual terem seus contornos coincidentemente sobrepostos. É a instauração do contrasenso: o poder incitando a enunciação da sexualidade para proibi-la. Um momento exemplar e fundamental deste fenômeno verificou-se na França, fins do século passado, quando os médicos possibilitaram que pela primeira vez o sujeito homossexual falasse sobre sua prática em primeira pessoa, através de relatos autobiográficos.

Analiso, a partir do estabelecimento destas fronteiras, o sujeito enquanto constituído por esta pluralidade de funções enunciativas, sujeito complexo, dividido, que se manifesta, movimenta, através da heterogeneidade textual. Para tanto, valho-me da exposição de quatro possibilidades de movimento neste jogo discursivo, lances que favorecem a manifestação da dispersão e conjunção do sujeito.

“Cara ou cachorra: disputando direitos e deveres” intenta refletir situações marcadas pela hierarquia de autoridade pré-estabelecida, definidas por determinações institucionais e históricas. “Não pode’ e o jogo polifônico” ensaia o aproveitamento de vozes presentes no texto à proliferação de práticas discursivas. “Discurso e coesão: a recorrência como mecanismo de coesão textual” discute sobre o estatuto da coesão para a Análise do Discurso; para

tanto, observo como o pormenor, ampliado à força de repetições, re-cria um mundo obsessivo subjugante. "Jogando com a questão do nome próprio: Cara ou cara?" pensa o criativo sistema onomástico de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* e os efeitos de sentido decorrentes de tal adoção.

Finalmente, nas considerações finais, mostrarei os resultados obtidos comparando-os à proposta que motivou esta dissertação.

Em anexo, estão a bibliografia de Harry Laus e sua fortuna crítica, elementos capazes de elucidarem e/ou permitirem a interpretação dos processos e propósitos que aqui procurei examinar, além, é claro, de uma cópia da novela, cuja edição está esgotada.

## **Capítulo 1**

### **Sobre a partida: o escritor, a obra, a história**

“O momento histórico é constitutivo nas obras de arte;  
as obras autênticas são as que se entregam sem reservas ao  
conteúdo material histórico de sua época e sem pretensão  
sobre ela.”

*Theodor Adorno*

“Mas viajantes de fato apenas são  
aqueles  
Que partem por partir; de coração  
flutuante,  
Jamais hão de aceitar ser outros senão  
eles

E, sem saber por quê, ordenam sempre: Adiante!”

*Charles Baudelaire*

“Alguns escritores emprestam seus próprios sonhos a seus heróis, virtudes inalcançadas, misérias dissimuladas, o amor que foram incapazes de confessar ou retribuir”. Harry Laus (1995), assim, encaixa seus próprios caminhos pelas avenidas de suas personagens, afrescos da existência humana. Com este gesto faculta à arte reviver, no plano do imaginário, o essencial do que viveu ou aspirou a viver no plano do real. Na representação há re-apresentação. Permanência.

O escritor e crítico de arte nasceu no emblemático 1922, em Tijucas (SC), seu para sempre porto seguro. Por ofício, por natureza, por vício: viajante. Rio de Janeiro, Natal, Joinville, Passo Fundo, Juiz de Fora, Corumbá, São Paulo, Saint-Nazaire, México, Macapá, Curitiba, Caxias do Sul, Amsterdam, Porto Belo, Paris, Florianópolis ... Viagens (des)contínuas por personagens, espaços, obras de arte. Grafias. Vida rumo à grafia ou grafia rumo à vida? Trânsito. A viagem como transgrafia de vida. “Nunca fiquei em parte alguma. Um dia desses me dei a pachorra de relembrar todas as mudanças que já fiz em minha vida (. . .) Somando tudo, exatamente 43 mudanças: de cidade a cidade, de casa em casa” (1985, p.7).

Pertencente à mesma geração de Dalton Trevisan, tendo inclusive participado da revolucionária revista "Joaquim", conseguiu conciliar "a rotina avassaladora dos toques de corneta desde a alvorada ao silêncio" (1980) com a efervescência, as inquietações, contraditoriamente, com a paz, de cores, formas, fonemas, a Criação. Entrar para o exército foi opção imposta pela ordem material, mantida com "pontualidade e assiduidade", muito embora, por outro lado, seja esta opção que tenha favorecido sua condição de viajante. "Estou convencido de que não há esse longe que se procura. Nem no Tibet, pois aqui é como se eu, subindo ali naquela duna, visse minha terra" (1947). Mesmo que de forma imposta, a experiência da alteridade, proporcionada pelo deslocamento espacial, por novos amigos, novas cidades, outros costumes, outras filosofias, acabou imprimindo em sua obra o caráter obsessivo da inquietação, da fuga, ou quem sabe, da procura. "A gente nunca deve sair do lugar onde nasceu porque depois não se encontra mais" (1981).

Nesta trajetória, lia, muitas vezes às escondidas, títulos sugeridos por revistas e suplementos literários mantidos pelos principais periódicos brasileiros. Desde muito cedo, acompanhavam-no Dostoievski, Gide, Proust, Kafka, Joyce, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Unamuno, Kierkegaard, entre outros, leituras apaixonadas e meticulosas as quais permitiram que Laus não "vendessee" seus próprios valores estéticos. A vocação para as letras persistiu, apesar das limitações que a carreira militar impunha. Nos anos 50/60, em grande parte vividos no Rio de Janeiro, o estímulo à formação autodidata se intensificou motivado pelo convívio com escritores, com artistas, e pela intensa movimentação cultural da então capital federal. Era costumeiramente visto circulando pelas noites cariocas, sempre com um cigarro entre os dedos, *flâneur*, a espriar um olhar baudelairiano, como que encantado pelo espírito inebriante das ruas, reconstruindo, pelo olhar, cidades perdidas.

Durante 23 anos, serviu ao exército. Em 1964, tempos de “revolução”, foi coagido a fazer um requerimento do próprio punho, pedindo transferência para a reserva, para não alegar mais tarde que fora coagido. Não estudava russo, não era mulhengo. Diria: “O motivo de minha saída do exército seria outro, ligado a meu comportamento sexual” (1980). As pressões e repressões sofridas acabaram fortalecendo suas mais íntimas convicções, as quais podem ser rastreadas em diferentes posições na sua obra, muito além de personagens e cenários, da estilística do autor, do processo de criação.

Muito embora preferisse não ter vivido tal situação, no mínimo, bastante constrangedora, “vestir o pijama de listras com apenas 42 anos” oportunizou o mergulho em atividades que realmente lhe interessavam: o jornalismo (Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário de S. Paulo, A Notícia, Revistas Vozes, Senhor, Veja<sup>2</sup>); as artes, seja através da crítica, da curadoria, ou mesmo da direção (e organização) do Museu de Arte de Santa Catarina e do Museu de Arte de Joinville; e sua autobiografia que se dispersa (e/ou se reúne) em vários livros – quase todos ficcionais, mas rotineiramente beirando a realidade – elencados na referência bibliográfica. Firmou-se, em definitivo, seu destino de escritor.

Os livros de Laus merecem a leitura e a reflexão de que ainda não foram alvo. Sua multiformidade e desigualdade confiam na decantação que só o tempo pode imprimir a uma obra. Escreveu muito, entretanto é muito mais conhecido por sua atuação como produtor e animador cultural, diretor e crítico de arte, do que propriamente como escritor. Seus trabalhos têm vigor, mas ainda aguardam séria atenção e um maior reconhecimento no cenário nacional, já que sua produção, curiosamente, é mais reconhecida no exterior<sup>3</sup>. Seu mérito está, entre outras

---

<sup>2</sup> Os artigos referentes a artes plásticas foram reunidos no livro Harry Laus: artes plásticas, organizado por Ruth Laus.

<sup>3</sup> Conforme, por exemplo, referências de Bernard Bretonnière, Claire Cayron, Gilles Luneau, Louisa Frost Turley, Jean-Marie Planes, François Gaudry, Louis Soler, Anne Bihan, Nicole Zand, arrolados em listagem anexa a esta dissertação.

coisas, em desventrar a realidade política e cultural brasileira, principalmente dos anos 50, 60 e 70, em memórias narradas, que também, simultaneamente, aprofundam temas relacionados à intimidade, complexidade de sentimentos e reflexões sobre a criação artística. São textos-diários-de-bordo que revelam a leitura de uma quase terra estrangeira pelas lentes exploradoras mas cheias de sensibilidade de um Laus descobridor.

Creio que o Brasil está presente em minha literatura pela paisagem, embora sem muita descrição pormenorizada; pela condição de pobreza e insatisfação de meus personagens; pela incoerência desses mesmos personagens que se debatem frente a um país incoerente e indefinido como é o meu. No mais, minha literatura preocupa-se com problemas humanos que são universais, que existem tanto entre os habitantes de Saint-Nazaire como em Florianópolis, onde vivo hoje. Com isto, talvez eu consiga confirmar o conceito de Christian Bouthemy, segundo o qual “não há literatura estrangeira; o que existe é literatura não traduzida (Em: Muzart, 1993, p. 88) .

O MONÓLOGO *de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, “papo bolado num vôo Rio-Madrid escrito em Paris outubro de 1977 para você acompanhar devagar reler tentar amar” (1981), foi gerado num momento em que sopravam novos ventos, falava-se em abertura política, em anistia, em redemocratização. Tempos de reanimação política (os quatro últimos anos da década de 70), de desmontagem do paradigma (da modernidade ?) calcado sobre a aposta heróica e utópica num futuro que se acreditava cada vez mais próximo<sup>4</sup>. O Brasil de então assistiu à reconstrução das entidades estudantis e eclosão do movimento operário. Nas universidades, os centros acadêmicos e os diretórios voltam a ter seus postos disputados em movimentadas campanhas, enquanto a UNE tenta resgatar seu antigo prestígio na cena política. No movimento operário, a grande novidade política da década: da região do ABC paulista, o coração da moderna indústria

---

<sup>4</sup> Legado dos anos 20/30, que desenhou o perfil do Brasil por quase 50 anos.



brasileira, emergia a figura de Lula, liderança brotada do meio operário. Marcas de que um novo paradigma estava se instalando (novas relações Estado/sociedade civil, Estado/cultura, novas formas de poder).

Fechando a década, a “distensão” proposta pelo governo Geisel transforma-se em “processo de abertura” no governo Figueiredo, transformação motivada pela política de direitos humanos que a eleição de Carter, nos EUA, havia posto em pauta. Após complicadas dicções e contradições, o regime concede anistia, permitindo o retorno festejado de exilados e banidos, revoga o AI-5 e extingue o bipartidarismo, promovendo a rearticulação partidária. Milagre, distensão e abertura. A memória recente é recuperada através da proliferação de formas do relato, da experiência romanceada, do documento, da exposição da realidade brasileira. É hora de sair do silêncio. Hora de manifestações, múltiplas, espontâneas, (des)organizadas, sonantes e dissonantes. Conforme Holanda e Gonçalves, há, por todo lado, uma necessidade de contar e ao mesmo tempo de ouvir, que se desenvolve em formas cada vez mais próximas do testemunho: seja o memorialismo, seja o registro alegórico ou quase, seja da história imediata. Afinal, é inerente à literatura (que não deixa de ter dimensão institucional) a relativização em sua suposta capacidade de se apoderar da realidade e de funcionar como instrumento privilegiado de intervenção política.

Então, as forças populares se organizam: as comunidades eclesiais de base, os movimentos e grupos teatrais de bairro, o teatro de rua, a literatura de periferia, as bandeiras de ecologia, shows para levantar fundos para as entidades que se organizam, imprensa de bairro e de sindicato, discursos reivindicatórios das minorias sexuais, étnicas, culturais, “o prazer penetra a política” (Holanda e Pereira). Essas manifestações, autenticamente nacionais, despontam ao lado de modas “internacionais” (como as “discotecas”) numa convivência nem sempre harmoniosa, mas típica do sistema cultural de que somos contemporâneos. Como em todo paraíso, ficamos expostos ao confronto com realidades inexoráveis.

A década de 70 foi um marco, também, em termos de contestação cultural e exaltação da marginalidade como maneira de questionar os valores autoritários que permeavam a cultura brasileira. O antropólogo MacRae (1987) assinala 1979 e 1980 como os anos em que o movimento homossexual atinge, no Brasil, o seu auge, manifestado principalmente através da visibilidade da população adepta de práticas homoeróticas<sup>5</sup>, da exploração comercial em torno deste novo público emergente e do desenvolvimento de uma moderna subcultura que privilegiou este setor. Fenômenos interdependentes e interagentes.

Tempos inaugurados pelo “é proibido proibir”, de Caetano Veloso, e avalizados pelas propostas andróginas de Ney Matogrosso, Secos e Molhados, Dzi Croquettes, Gilberto Gil, Mick Jagger, David Bowie, Alice Cooper, The Kiss, entre outros. Tempos revolucionários, tempos de mudanças sociais, redefinição de valores. Conforme salienta MacRae (1990), houve, entre 1979 e 1981, uma considerável proliferação de grupos de militância homossexual pelo Brasil, que muitas vezes trabalhavam associados a movimentos e partidos políticos oposicionistas ou autônomos, visando a um relacionamento recíproco de cooperação.

Vale grifar que a abertura destes espaços de discussão foram fundamentais para a afirmação do movimento homossexual naquela hora. Tal organização (na contramão da clandestinidade) representou importante passo no encaminhamento do debate em torno da questão, enquanto expressava o modo como a mesma era encarada por setores importantes de uma intelectualidade militante. “Propunha-se uma nova identidade homossexual e relações sexuais/afetivas essencialmente

---

<sup>5</sup> Jurandir Freire Costa propõe que se abandone o conceito de “homossexualismo” por carregar uma carga negativa histórica muito forte. “É preciso propor e inventar um novo lugar social para o homoerotismo masculino” (1992, p. 35). Procurarei seguir aqui sua postura quanto à terminologia, apenas mantendo a palavra “homossexualismo” e suas respectivas derivadas nos casos de citação, ou quando houver necessidade de remissão ao termo canonizado.

igualitárias” (Fry e MacRae). Nesse sentido, a reavaliação crítica desta “virada cultural/epistemológica” me parece fundamental, apesar da dificuldade de encaminhamento das reflexões.

O momento foi ainda marcado, no Brasil, por determinados livros<sup>6</sup> que incrementaram o debate, não apenas entre os grupos de esquerda que começavam a absorver a temática sexual como obrigatória, mas também entre as minorias sexuais organizadas. Emerge o universo que a “geração do sufoco”<sup>7</sup> não reconhece como patológica: angústia, impotência, travestis, surfistas, a mulher, sexo e política. Marginais e malditos. Estes trabalhos representavam, entre outras coisas, “um acerto de contas de setores significativos da esquerda brasileira com temas do desbunde<sup>8</sup>, da contracultura<sup>9</sup>, que já estavam presentes no debate cultural brasileiro desde pelo menos o final dos 60 e expressavam rearranjos importantes na relação dos novos sujeitos sociais que começavam a despontar na cena social nessa hora e setores da esquerda organizada” (Pereira). Desempenharam, assim, um papel importante no reforço deste espaço de cidadania, posto que preocupavam-se com o dia-a-dia das classes desfavorecidas e dos marginais. No *MONÓLOGO*, cuja tonalidade é eminentemente autobiográfica – confirmando preferência do período por uma literatura centrada em viagens biográficas (Sussekind) –, a discussão sobre a questão do homoerotismo é medular. A mesma preocupação também pode ser percebida em *Os papéis do Coronel*, *Caixa d’ aço*, *O santo mágico*, na peça para teatro *Roupa-Corpo-Roupa*, e em alguns de seus contos.

---

<sup>6</sup> *Primeira carta aos andróginos* ( 1976 ) e *Sábado maldito* ( 1977 ) de Aguinaldo Silva, *O que é isso companheiro* de Fernando Gabeira ( 1979 ), *Passagem para o próximo sonho* de Herbert Daniel ( 1980 ), foram representativos.

<sup>7</sup> Hollanda & Gonçalves ( p. 73 ) valem-se do apelido ( datado e registrado em cartório ) para referenciar a geração de autores ficcionais surgida por volta de 1977, caracterizada por sua formação e informação no período pós-68, quando a universidade e o debate político e cultural apresentam condições bastante específicas.

<sup>8</sup> Arte produzida nos anos 70, sob o sufoco do AI-5, tentando ficar à margem dos circuitos convencionais.

<sup>9</sup> Colocando em debate as preocupações com o uso de drogas, a psicanálise, o corpo, o rock, os circuitos alternativos etc.

Eis a estação (estar no tempo, estar no espaço, estar histórico) que atribui um sentido ao pungente *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, de Harry Laus. A novela, certamente uma das mais fortes da literatura brasileira contemporânea, é declaradamente autobiográfica<sup>10</sup>, segundo o próprio autor em entrevista concedida a Salim Miguel, na qual admite uma sexualidade conflitante: “... em minha pequena galeria de personagens, os que mais me tocam são exatamente os que refletem meus problemas: (...) o Cara, de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* (cruamente autobiográfico), pelos problemas<sup>11</sup> existenciais que o cercam, inclusive o homossexualismo” (em: Muzart, op.cit.). A verdade seja dita: a palavra exata para definir Harry Laus é *coragem*. Coragem de falar, contar e pôr para fora seus problemas e prazeres. Numa época em que as coisas não eram tão às claras quanto hoje, ele sempre assumiu publicamente sua sexualidade, muito embora observasse, com amargura, que muitas pessoas apenas aparentemente aceitam o indivíduo homossexual<sup>12</sup>.

Aliás, não é esta a primeira nem a única vez que se refere ao “problema”<sup>13</sup>. Em um de seus diários<sup>14</sup>, comenta sobre a forte impressão provocada por um filme – *Une Journée Particulière*, de Ettore Scola – assistido em Paris<sup>15</sup>. Harry Laus destaca a seqüência inicial que mostra a chegada de Hitler à Roma de Mussolini e, por outro lado, as inquietações da personagem vivida por Marcello Mastroianni que acaba perdendo o emprego de locutor de rádio por ser homossexual. Registra á página 97: “Tudo que já pensei, disse e escrevi sobre o problema, está no filme. Então, (...), o filme se volta para eu mesmo, sendo enxotado do exército por nossos fascistóides”.

---

<sup>10</sup> Expõe, portanto, a permeabilidade existente entre a esfera pública e a privada ( cf. Souza, 1997 ).

<sup>11</sup> Grifos meus.

<sup>12</sup> Conforme entrevista concedida a Meneghim, por ocasião do lançamento do livro em Joinville.

<sup>13</sup> Muzart (1997) também comenta sobre esta preocupação de Harry Laus registrada em algumas de suas cartas.

<sup>14</sup> O acervo de Harry Laus está arquivado no Núcleo de Pesquisa e Documentação, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>15</sup> Em 27 de setembro de 1977.

O MONÓLOGO *de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* foi editado pelo próprio autor (fato que lhe permitiu ampla liberdade), em formato revista, com tiragem de mil exemplares, sendo duzentas de luxo, personalizadas com a assinatura do desenhista Darcy Penteado, responsável pelas oito ilustrações exclusivas (especialmente traçadas para a novela) que entremeiam a narrativa. São quarenta e oito páginas com planejamento gráfico e diagramação esmerados. A capa foi idealizada por Índio Negreiros da Costa. Contribui para o fascínio do livro a paixão que emana de suas páginas, a plasticidade da linguagem e a vigorosa presença de suas personagens. Todos estes elementos não foram suficientes para viabilizar sua edição por uma editora comercial.

A pequena tiragem e a limitada circulação, comuns às edições autorais e independentes, tão só permitiram que o livro tivesse repercussão em âmbito restrito<sup>16</sup>. Não obstante tais dificuldades, a recepção crítica<sup>17</sup> foi-lhe bastante favorável, destacando, entre outras coisas, o caráter autobiográfico, o enigma suscitado pelo deslocamento do foco narrativo para uma cachorra, suas inovações formais, sua coragem por provocar a discussão de questões até hoje muito polêmicas: o homossexualismo, a marginalidade, o amor livre, o preconceito, a mediocridade nas relações humanas . . .

O texto é acessível, embora quase não possua pontuação gráfica (seria uma forma inspirada de expressar um raciocínio não-humano?). O escritor consegue um ritmo que permite prescindir da pontuação convencional, além, evidentemente, de possibilitar uma leitura com maior mobilidade e concisão, aliada á aceleração do fluxo narrativo. Tal opção, paralela à linha modernista de Joyce, cuja influência

---

<sup>16</sup> Registre-se a substancial fortuna crítica referente a seus outros livros (principalmente *Os incoerentes*, Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, em 1958), respaldada pelas indiscutíveis assinaturas, entre outras, de Temístocles Linhares, Antônio Olinto, Antônio Hohlfeldt, Oliveiros Litrento, Ricardo Ramos, Edilberto Coutinho, Brito Broca.

<sup>17</sup> Conforme artigos de Liége M. Alves (1981), Lauro Junkes (1982), Luís Meneghim (1981), Miguel Sanches Neto (1993), Renard Perez (1993), referenciados no final deste trabalho.

não é apenas lingüística (como se isso fosse pouco), mas também filosófica e psicológica, funciona no relato como evocação de uma espécie de unidade de ação, estruturada com justeza e originalidade tendo em vista a coesão textual<sup>18</sup>. Há, além disso, um favorecimento da livre associação de idéias, de clara inspiração proustiana<sup>19</sup>, procedimento facilmente comprovável já na introdução, quando uma frase retorna ampliada a cada parágrafo. Em movimento análogo ao fluxo e refluxo das ondas do mar (presença recorrente em seus textos), a introdução, mimeticamente, engole e arrasta consigo o leitor.

Papo bolado num vôo Rio-Madrid escrito em Paris  
outubro 1977 para você acompanhar devagar reler tentar amar

este papo de Lady Águia bolado num vôo Rio-Madrid  
escrito em Paris outubro 1977 rua Quincampoix reescrito em  
Porto Belo Santa Catarina março 1978 para você acompanhar  
devagar reler tentar amar

este papo de Lady Águia escrito em Paris rua  
Quincampoix casa de Ceres Franco reescrito em Porto Belo  
vendo-se ao longe a luta entre o céu e o mar para você  
acompanhar devagar reler tentar amar

este papo de Lady Águia escrito em Paris rua  
Quincampoix casa de Ceres Franco a quem o papo é dedicado  
com muito amor depois de reescrito em Porto Belo vendo-se ao  
longe a luta entre o céu e o mar na linha do horizonte ambos  
querendo provar sua enorme beleza ninguém aceitando ser juiz  
dessa discussão infinita

para você acompanhar devagar reler tentar amar (p.8)

---

<sup>18</sup> Aspecto que será discutido mais adiante.

<sup>19</sup> Inspiração perceptível também no sistema onomástico adotado no "MONÓLOGO", e que será interpretado nesta dissertação em "Jogando com a questão do nome próprio".

Entre os elementos que quase o transformam num livro de memórias (se é que não poderíamos defini-lo como tal), além, evidentemente, dos aspectos subjetivos, incluem-se detalhes como a localização da casa na praia de Porto Belo, a descrição das viagens entre Joinville, São Francisco do Sul, Porto Belo, Tijucas, Florianópolis . . . , o carnaval na Praça XV, mesmo as personagens, segundo Laus, foram criadas tendo como matriz pessoas muito presentes em sua vida. “Mesmo quando não escrevo memórias propriamente ditas, estou fazendo memórias. Memórias do que ocorreu comigo, daquilo que ocorreu a minha volta, de situações que ocorreram com outros mas poderiam ter acontecido comigo” (Em: Muzart, op. cit., p. 65). Propõe, desta forma, uma evidente permeabilidade entre criação e recriação de mundos<sup>20</sup>.

A novela teve como ponto de partida o fato de Laus ter que vender sua cachorra Lady Águia, a quem era muito apegado, para refugiar-se voluntariamente no exterior, após perder todos os seus bens na experiência frustrante de criação do Centro de Artes, em 1976, em Bom Abrigo, Florianópolis. Na época, foi obrigado a morar em Porto Belo, na casa de sua irmã, porque não podia pagar aluguel. Inquieto, juntou decepção, sonhos desfeitos e uns últimos trocados conseguidos na venda de um Corcel azul-pervenche, e foi para a Europa. Hospedou-se no apartamento da amiga Ceres Franco<sup>21</sup>, rua Quincampoix, Paris. O papo da cachorra foi bolado no vôo Rio-Madrid, escrito em Paris, outubro de 1977,<sup>†</sup> e concluído, mais tarde em Porto Belo, onde acabou se fixando (até 1978)<sup>22</sup>.

A tranqüilidade das águas azuladas e montanhas muito verdes da então pacata Porto Belo serviu de cenário para as divagações de Lady Águia, uma cachorra

---

<sup>20</sup> Antônio Cândido chama atenção para a presença de uma espécie de teimosia do mundo referencial, na ficção desta época, o desejo de ver a literatura representando o mundo em que vivemos ( em: Hollanda & Gonçalves, p. 17 ).

<sup>21</sup> Proprietária da Galerie L’Oeil de Boeuf.

<sup>22</sup> Há uma série de coincidências entre a novela e o conto *Porto Belo, 1977* ( em: *Contistas e cronistas catarinenses*, 1979, p. 88-90 ), este, muito provavelmente, deve ter sido um registro inicial retomado na novela.

dálmata, e sua convivência com o Cara<sup>23</sup>, seu dono, um homem sensível, culto, mas perturbado por uma paixão proibida. Lá, a cachorra transforma-se em espectadora privilegiada de seu dono. Os diálogos entre eles são cheios de emoção. Águia conviveu com seus amigos, realizações e frustrações. Acompanha-o em seu vaivém, em suas constantes viagens por lugares e pessoas. Inúmeras vezes, sua natureza animal a impedia de compreender como as coisas mudavam tão rapidamente. O Cara passava de momentos de euforia à tremenda depressão, da paixão à melancolia, enquanto as mais diversas personagens transitavam por sua casa, por sua vida.

Através deste relato, o autor fala de sua experiência de vida, suas angústias, seus medos<sup>24</sup>. Expõe, ao mesmo tempo, o lado puro e luminoso da experiência humana. O Cara é um homem em busca de libertação e autoconhecimento. A exposição sub e superposta evidencia a complexa relação estabelecida entre a realidade externa à obra de arte e a realidade desse mundo ficcional em construção. O escritor, ou melhor, o artista, nessa perspectiva, explora a existência, o mundo real é absorvido pelo mundo imaginário. Salles fala do artista como canibal da realidade, da existência, experiência que parte de sua necessidade de observar e aproveitar essa realidade, de extrair suas riquezas. É esta a sua sina: a multiplicação, viver a poesia da cisão.

Com efeito, na essência da obra de Harry Laus, há a dicotomização de um impasse: a própria condição existencial ora aponta para a questão do sofrido processo da criação literária, ora assume contornos de dilemas mais íntimos (Santos, 1996a), proposta por uma técnica lingüística que se combina com a análise psicológico-ontológica do homem. Egotista assumido, sua literatura é centrada no eu. “O que não se reflete, de alguma maneira em mim mesmo, não me interessa como material a ser trabalhado por mim” (Em: Muzart, op. cit.). Em

---

<sup>23</sup> Refletiremos, mais a frente, sobre o sistema onomástico adotado.

<sup>24</sup> Veremos como isto se processa tendo em vista a Análise do Discurso.



seu discurso literário, a questão do homoerotismo é pontuada com sutileza, mas com determinação, repisando, às vezes, perpassando, as trilhas dos já mencionados Proust, Gide, mas também de Virgínia Woolf, Fernando Pessoa<sup>25</sup>, Tennessee Williams, Gertrude Stein, Oscar Wilde, Walt Whitman, Mário de Andrade, Sylvia Plath.

Por outro lado, leia-se esta determinação como uma prática eminentemente filosófica. Segundo o crítico literário Sanches Neto (1996a), entre os escritores homossexuais é recorrente tal exclusividade temática conduzida por uma necessidade de se pensar a questão das posturas relacionadas a esta conduta sexual. Geralmente, o tratamento deste assunto é marcado por uma entre duas posturas: a filosófica e a panfletária (ambas, porém, engajadas). Esta almeja a mudança de comportamentos e/ou conceitos; já a filosófica, objetiva refletir sobre “a complexa rede de contradições vivenciada pelo sujeito”. Parece-me pertinente a associação paradigmática desta reflexão à reportagem de duas atitudes: o testemunho militante ou o pedido de socorro (conforme veremos adiante, em *O sujeito sexual*) nos testemunhos autobiográficos, concedidos ao médico vienense Krafft-Ebing, entre 1886 e 1894.

O texto caracterizado, com prioridade, em formato filosófico tem a possibilidade de, auto-reflexivamente se montar, muitas vezes confirmando, noutras rechaçando a coerência que a crítica seja capaz de descobrir-lhe. Logo, segundo tal perspectiva, não é preciso que o texto em questão centre-se exclusivamente em uma temática homoerótica<sup>26</sup>, nem que o personagem central manifeste esta problemática-tabu identitária.

Um texto assim configurado (como homoerótico ou homossexual) não é aquele que enfoca a trágica maldição das aberrações contra a natureza, vista como uma

---

<sup>25</sup> Observar as odes de Álvaro de Campos.

<sup>26</sup> Conforme se verifica em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* ou mesmo em *Os papéis do Coronel* (súmula vivencial e estética do autor).

questão bastante conflitante para um indivíduo que se entrega ao aniquilamento causado por sua indecente condição, mas sim, aquele que explora o tema. Pode-se traduzir esta exploração como argumento (gideano) que parte da assunção de um monitoramento que inclua o sistema dominador e repressor o qual, a ferro e fogo, provoca a nivelção dos sujeitos. O perigo de tal consciência reside na inadequação de se pensar os indivíduos como suscetíveis de serem perfilados exclusivamente em termos de uma sexualidade redutora e indivisível<sup>27</sup>, numa espécie de clonagem seletiva.

A estratégia hermenêutica derivada desta postura se valerá de aglomerações e/ou identidades temáticas e discursivas, identificáveis nos textos, sem maiores dificuldades para propor a presença de uma elaboração textual que se poderia dizer homossexual, ou mesmo que priorize uma conduta homoerótica. Observe-se que vários destes processos, utilizados na construção de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, poderão ser reconhecidos, em obras subseqüentes de Harry Laus.

Neste universo de carências afetivas, a evolução de uma consciência dos prazeres ilegítimos do corpo serve como apoio contra a dissolução definitiva de um personagem dilacerado pelas hipocrisias da decência dominante. Trata-se, repito, da legibilidade (e legitimidade) de uma conduta pessoal que envolve uma gama de atos eróticos, via de regra, de índole homoerótica. A ressonância destes atos, a maneira com que colocam o indivíduo para fora da lei em qualquer uma de suas múltiplas versões autoritárias, funciona definindo contestatoriamente os

---

<sup>27</sup> Costa assevera que nunca houve homoerotismo puro, livre de coerções ideológicas e representante da autêntica essência do sexual. “Isto significa simplesmente que a atual divisão dos homens em homossexuais e heterossexuais é tão arbitrária e datada quanto qualquer outra. E, assim como heterossexualidade é uma rubrica que serve para designar fatos tão disparatados quanto as orgias filosófico-sexuais de Sade e as tímidas trocas de cartas entre Elizabeth Barret e Robert Browning, como observou Stoller, assim também homossexualidade designa experiências onde sequer a atração pelo mesmo sexo é suficiente, enquanto predicado definitório comum a todas elas. A diversidade de atos, sentimentos e auto-definições incluídos nessa etiqueta, quando examinada de perto, mostra que a suposta homogeneidade teorizada nada tem a ver com heterogeneidade vivida” ( p. 44).

parâmetros de uma consciência frente à sociedade. Afinal, a própria posição historicamente definida como marginal (incluindo toda sua abrangente gama de sentidos possíveis), ocupada por este grupo na sociedade, serve por si só como indício de que existem resistências.

O que acontece em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* é que o discurso da sexualidade se constrói a partir do ponto de vista de um sujeito-locutor sem pré-conceitos (uma cachorra vê as relações entre seres humanos). Enquanto alocutários, somos convidados a olhar para o mundo conforme as lentes de Lady Águia (a opção pela cachorra como narrador traduz um convite para a mudança de perspectiva). Então assistimos a tudo pela primeira vez. Os sentimentos voltam a ser inaugurais. Como leitores, *lato sensu*, voltamos à condição virginal.

Esta possível ausência de maiores conflitos, no entanto, não passa de ilusão já que a novela de Harry Laus revela em sua superfície discursiva uma estrutura temática complexa: marcado por uma vida livre de moralismo sexual, o Cara tem, por outro lado, um comportamento contraditório (detectado por Lady Águia); ele se permite todo tipo de prazer, mas reprime os desejos de Águia (a contraposição dos papéis sexuais é um dos elementos de sustentação da narrativa). A todo momento, seu dono vangloria-se por ter uma cachorra pura e por isso não permite que ela tenha encontros com outros cachorros, a não ser com vistas à procriação<sup>28</sup>. O comportamento do Cara, que tem uma vida de liberdades sexuais, revela-se então extremamente hipócrita. Assim ela se vê, dia após dia, colocada ante a impotência de direcionar seu próprio caminho, decidido sempre por seu dono, sem poder optar pela procura individual. Aliás, a impotência está intimamente relacionada à primeira palavra do título: monólogo. Leia-se: ausência de diálogo, imposição, parcialidade. Paradoxalmente, tal inclinação é, quase que imediatamente, posta em xeque na apresentação (“...papo bolado...”).

---

<sup>28</sup> Eis uma das chaves que abrem uma das janelas para a trama interdiscursiva, conforme veremos.

A incontestável tensão entre a prática (homo)sexual do Cara e o seu posicionamento a respeito de Águia funciona como elemento questionador a apontar, entre outras coisas, para os limites bastante tênues entre liberação sexual e moralismo. Desta maneira, Harry Laus propõe uma discussão de ordem política cujo mote é o inconformismo, é a transgressão, é ser contrário ao estabelecido, é lutar contra regras<sup>29</sup>, contra o sistema que marginaliza. Abre assim um espaço de possibilidade para seu único compromisso: a verdade. Diria: “O inconformismo aliás está no cerne da criação artística” (em: Muzart, op. cit.). Transgressão é passagem. Por um atalho, pode ser lida também como viagem. O nomadismo constitutivo do escritor (con)firma-se na condição de nomadismo de sua obra.

Há a possibilidade de confirmação deste estatuto de itinerância já no título da novela, gerenciador de uma ambigüidade que (des)orienta:

MONÓLOGO  
*de uma cachorra SEM*  
PRECONCEITOS

Linearmente, a obviedade: uma cachorra não tem preconceitos. Em caixa alta, a ausência de preconceitos é deslocada para o plano textual, subsumida pelo autor. A concorrência das duas possibilidades cria uma terceira, que é a produção de um efeito de sentido verificado no desenrolar da novela. Aí está a orientação para a qual nos alerta a ambigüidade: o não-encerramento nos limites castradores da certeza da interpretação. A ambigüidade é emblemática exatamente por sua configuração incerta, deslizante.

---

<sup>29</sup> A começar pelas linguísticas, por exemplo, a ausência de pontuação gráfica convencional, pode ser lida como pista sinalizadora de um gesto de resistência.

Profundamente metafórica, a personagem-título, já que cachorra, é a imagem “ideal” do ser dominado, dirigido, explorado, reprimido, deslumbrado e desorientado ante um universo incoerente, impositivo e repressor. Quando Laus em depoimento diz: “De repente, a cachorra sou eu mesmo” (Jornal de Santa Catarina), na esteira do flaubertiano “Madame Bovary sou eu”, tão somente expõe a relação ambivalente entre autor e personagem. Eis a sedução constitutiva do livro, o poder de trânsito que permite reunir vítimas num catálogo sem fronteiras.

Não são as festinhas com rapazes, as investidas sexuais de Curitiba, ou a descoberta do próprio cio, que marcam Águia, negativa e profundamente, mas sim, a presença sentinela-vigilante do Cara, sempre dizendo “não pode não pode”. Harry Laus convida, isto posto, a pensar uma inversão de valores, em que o choque seja provocado pela proibição, pela castração, e não pelas manifestações homoeróticas. Esta proposta acaba servindo de configuração para o desejo do sujeito-polifônico e seu conhecimento do prazer. O sexo é (in)vestido por um discurso da sexualidade, em função de um sujeito como referência a si mesmo. Revela-se, desta forma, a situação de enunciação: a relação entre os sujeitos, as ideologias, e as condições de produção. Este “não pode” é o fragmento mínimo que remete ao máximo em termos de mapeamento de conotações político-sociais, campo possível para debate e a ação crítica. É esta a nossa proposta, a da leitura vertical, ler acroscopicamente.

Na tentativa de garantir uma interpretação, deve-se considerar que o artista não é uma entidade sagrada, muito menos que sua obra se constitui de forma isolada ou auto-suficiente. Conforme registra Bourdieu, o artista é um ser que, como qualquer outro profissional, se estabelece a partir das tensões do campo de poder, das apostas que ele faz, das experimentações, de avanços e recuos. A vida do escritor está à sombra de sua escrita, contudo a escrita é sua forma de vida. A vida não está na obra, nem a obra na vida, mas há um envolvimento recíproco, “constitutivo”. Ou seja, não existe gesto biográfico cujo significado seja

independente das reivindicações estéticas que fundamentam uma obra. Seguindo esta linha de raciocínio, Bourdieu propõe como método a demarcação e a conseqüente definição da trajetória de opções formais do artista.

A análise científica, quando é capaz de trazer à luz o que torna a obra de arte *necessária*, ou seja, a fórmula formadora, o princípio gerador, a razão de ser, fornece à experiência artística, e ao prazer que a acompanha, sua melhor justificação, seu mais rico alimento. Através dela, o amor sensível pela obra pode realizar-se em uma espécie de *amor intellectualis rei*, assimilação do objeto ao sujeito e imersão do sujeito no objeto, submissão ativa à necessidade singular do objeto literário. (p.15)

Assim, Bourdieu reestabelece a importância do pensamento científico para a compreensão do fenômeno artístico. Não pretende, com isto, rebaixar o produtor de arte, mas analisá-lo a partir de sua movimentação nos diversos campos, conforme sugere Maingueneau (1995), considerando a maneira particular como ele se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época. Ou seja, como alguém que tem respostas muito próprias às solicitações sociais, tendo sempre em vista que sua enunciação é parte integrante do mundo que supostamente representa. Com efeito, as obras falam do mundo, não são representação. A literatura é atividade, é acontecimento, ela gerencia sua presença na consolidação do binômio arte/vida.

Em síntese, a historicidade que se intenta resgatar não é a imagem idealizada da produção artística, nem a associação ingênua à época em que ela foi produzida, mas sim a revelação do maior número possível de elementos que estão envolvidos na sua consolidação enquanto objeto de arte. É vincular uma obra ao que a tornou possível. É tratá-la como signo trans-histórico. Na realidade, compreender a gênese social do campo literário (leia-se "contexto"), da crença que lhe dá sustentação, do acirrado jogo de linguagem que aí se pratica, dos

interesses e das apostas materiais ou simbólicas aí engendradas, está fatalmente agregado à legibilidade de seu sentido. Admitir tal estatuto, é considerar que o sentido constrói-se sobre a indissociabilidade do dito e do dizer, do texto e do contexto, todos constitutivos da obra de arte. A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas a negociação entre lugar e não-lugar, segundo Maingueneau, “uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la *paratopia*”. É, ainda segundo Bourdieu, “simplesmente olhar as coisas de frente e vê-las como são”, com tranqüilidade e verdade. Afinal, “a arte é resumo, é sumo, é essência” (Laus, 1995).

## **Capítulo 2**

### **Pré-estabelecendo regras**



Que é o cérebro humano senão um palimpsesto imenso e natural?  
 Meu cérebro é um palimpsesto e o seu também, leitor.  
 Camadas sem conta de idéias, de sentimentos caíram sucessivamente no seu cérebro  
 tão suavemente como a luz. Parecia que cada uma enterrava a precedente.  
 Mas na realidade nenhuma pereceu . . .  
 O palimpsesto da memória é indestrutível.  
*Marcel Proust*

As coisas têm peso, massa, volume, tamanho, tempo, forma, cor, posição,  
 textura, duração, densidade, cheiro, valor, consistência, profundidade,  
 contorno, temperatura, função, aparência, preço, destino, idade, sentido.  
 As coisas não têm paz.  
*Arnaldo Antunes*

Desde que surgiu a Análise do Discurso, há uma preferência entre seus analistas por formular as instâncias de enunciação em termos de “lugares”, “posições”, apontando, desta forma, para uma sociotopografia onde vêm se inscrever os falantes. Somos aquilo que a linguagem nos permite ser, acreditamos naquilo que ela nos permite acreditar. A emergência do “topos” releva-se se pensarmos em termos de formações discursivas; trata-se, segundo Foucault (1995) de “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser sujeito”. Equivale a dizer, “a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que se enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado” (Maingueneau, 1993).

Abre-se, assim, a possibilidade da revelação de sua dupla face: por um lado, o sujeito é constituído sujeito de seu discurso, por outro, esta instância o assujeita. Ou seja, se há uma submissão do enunciador a suas regras, há também um movimento inverso de legitimidade, atribuindo-lhe a autoridade vinculada a este lugar. É preciso admitir que a “encenação” não é uma máscara do “real”, mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso. A enunciação não é

uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas sim, um *dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem*. Cabe à Análise do Discurso não só justificar a produção de determinados enunciados em detrimento de outros, mas também explicar como eles puderam mobilizar forças e investir em organizações sociais.

Pode-se depreender que quando se fala em sujeito ou subjetividade “efeito” de relações sociais, está se referindo ao efeito, ele mesmo, de “reconhecimento” na ordem de lugares dessa que temos chamado de “cena enunciativa” e na ordem de “lugares” da enunciação. Portanto, efeitos num mesmo nível do real; em uma de suas formas, como citamos há pouco com Maingueneau.

É disto que se trata quando se diz que as condições de produção não são exteriores ao discurso, ou que este não é resultado ou produto de algo que está fora dele. É este mesmo modo de pensar que vai configurar a possibilidade do sujeito, de que trata, por sua vez, a Análise do Discurso; sujeito que assim se “reconhece” a partir de seu lugar na ordem discursiva.

Isto posto, sigamos pelos fios da malha discursiva, direcionando, agora, o foco para as condições constituintes do discurso. Pêcheux dá à Análise do Discurso uma orientação que inscreve-se no interior da concepção althusseriana de ideologia, instituída em verdadeiro sujeito do discurso: “A ideologia não existe senão por e para os sujeitos”, á qual acrescenta que não existe prática senão sob uma ideologia.

Embora fique evidenciada, desta forma, a ubiqüidade do sujeito em relação à linguagem, por outro lado, sua posição de suporte comprova sua impotência. Configura-se destarte, o cruzamento de dois enfoques distintos formadores de um todo (heterogêneo) complexo ideológico. Ou seja, sem considerarmos a ideologia, fatalmente acabaremos por tomar o sujeito como se fosse a causa de si, não

levando em conta nem a história de sua constituição, nem a historicidade do sentido. Posto isto, devemos considerar que “é uma só e mesma coisa a existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos em sujeitos” (Althusser).

O assujeitamento, que aparece como o coroamento da operação da interpelação, ligado à ambigüidade do termo sujeito, exprime bem esta “ficção” de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete (conforme veremos mais adiante).

Assim sendo, Pêcheux emprega a expressão “forma-sujeito” para designar o “sujeito ideológico”, “o indivíduo interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia”. A interpelação ideológica resulta na “evidência do sujeito” como “único, insubstituível e idêntico a si”: nunca poderemos questionar a evidência do “eu” porque estaríamos questionando nossa própria existência. O apagamento da interpelação é necessário para “colocar o sujeito como origem do sujeito do discurso”. É o esquecimento número 1, assim denominado por Pêcheux (1988): O sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) à formação discursiva – noção herdada de Foucault e redefinida por Pêcheux – que o domina (quer dizer, no interior da qual ele se constitui como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, repousa sobre o fato de que os elementos do interdiscurso, que constituem, no interior do discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, estão re-inscritos no interior do discurso do próprio sujeito. Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seus discursos) pelas formações ideológicas que lhes correspondem.

Pêcheux define a formação ideológica “como um elemento suscetível de intervir com uma força confrontada a outras forças, dentro da conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado”, sendo que as

formações ideológicas têm como “componentes necessários” (já que a linguagem é inerente ao homem como animal ideológico) “uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada no interior de uma conjuntura”. Tal mecanismo acaba sendo responsável por nos permitir aceitar algo como familiar, natural, ou pelo contrário, repudiá-lo como estranho, antinatural, ameaçador.

O sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas a relação que ele estabelece com essa formação dominante e com as outras formações discursivas que aí se entrecruzam é própria da história de cada sujeito e não pré-existe a esse sujeito. Cada história produz um discurso diferente. Trata-se, assim, de uma constituição mútua: o sujeito se constitui no interior de uma formação discursiva, mas, ao mesmo tempo, constitui uma relação própria (espaço para autoria) com essa formação discursiva, relação essa permeada pela história desse sujeito. Althusser, na sua definição de *forma-sujeito*, coloca essa dualidade no sujeito agente, mas sempre “no interior e sob as determinações das formas de existência históricas das relações sociais”. Para o autor, “a forma-sujeito é a forma de existência histórica de todo indivíduo, agente das práticas sociais”, sendo que “as relações sociais (jurídico)-ideológicas, para funcionarem, impõem a todo indivíduo-agente a forma de sujeito”, ou seja, a condição de assujeitado.

A forma-sujeito é realmente dialética. Não podemos reduzi-la a uma reprodução homogênea e pré-determinada, onde o sujeito seja totalmente manipulado pela ideologia e esteja completamente á mercê da formação discursiva que o domina. Em se tratando de sujeito e de seus discursos, não existe homogeneidade. Uma formação discursiva é lugar de reprodução sim, mas também de transformação. Além disso, uma mesma formação discursiva não é homogênea, isenta de contradições. Há confrontos não só entre as diferentes formações discursivas, mas no interior de uma mesma, e isto reflete-se diretamente na relação de identificação do sujeito com a(s) formação(ões) discursiva(s).

Com o apagamento da interpelação ideológica, apaga-se a maneira pela qual nossas palavras se inscrevem dentro de uma formação discursiva e não de outra. Pelo esquecimento número dois, de acordo com Pêcheux (1988), apaga-se no interior da formação discursiva que nos domina, a maneira pela qual selecionamos certas palavras, certas expressões e não outras.

Assim, ao falar “esquecemos”, em primeiro lugar, que a formação discursiva que nos domina não é única e, portanto, nenhum sentido pode ser estanque, já que estes constituem-se no interior de cada formação discursiva; em segundo lugar, que sendo dominados por determinada formação discursiva, não somos a origem de nosso discurso (apesar da ilusão necessária) e este constitui-se na relação que estabelecemos com essa formação discursiva e, através dela, com as demais; e, em terceiro lugar, que a palavra que utilizamos no nosso dizer é apenas uma dentre muitas, onde cada qual é diferente, estando nossa escolha comprometida com nossa história.

Com o intuito de esclarecer a questão do que é a materialidade histórica no interior de um todo complexo de formações ideológicas, Pêcheux propõe o conceito de “interdiscurso”, irrompendo, na análise, o exterior específico de uma formação discursiva. Não nos esqueçamos que esta é concebida como constitutivamente composta por elementos que provêm de fora, de outras formações discursivas. Através desta relação, de um discurso com outros discursos, procura-se apreender a interação entre formações discursivas diferentes. Assim sendo, ao dizer que a interdiscursividade nasce de um trabalho sobre outros discursos, estaríamos abrangendo não só o encadeamento do pré-construído, mas também a articulação desses elementos, suas imbricações, ou mesmo o apagamento de alguns.

Todo discurso mantém uma relação essencial com seus elementos pré-construídos. Esta interdiscursividade estabelece uma relação de dominância sobre cada formulação (Courtine), delimitando seu enunciado e o sujeito que a garante. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado. A relação do discurso com a formação discursiva estabelece-se de forma complexa, demandando à própria metodologia discursiva considerações acerca da contradição, da fragmentariedade e da heterogeneidade de seu objeto específico (cf. Orlandi, 1987).

Segundo Courtine, existe uma *ordem do discurso*, designada como materialidade discursiva distinta da *ordem da língua*; por outro lado, a materialidade discursiva consiste em uma ligação determinada entre a língua e a ideologia. Nós precisaremos destas duas proposições, no sentido em que representam para o interior da língua os efeitos de contradições ideológicas e onde, inversamente, manifestam a existência da materialidade lingüística para o interior da ideologia.

Por isso, descrever o processo de construção da significação no discurso assume não só esta configuração como, também, o papel constitutivo do discurso vai se revelando enquanto prática lingüística socialmente regulada: constituição de sujeitos, de saberes e de poderes.

Estas proposições devem conduzir ao estabelecimento de procedimentos que realizem a montagem instrumental, sob a forma de um dispositivo num campo metodológico. A materialização em processos determinados de um corpo de proposições teóricas visa, assumindo Courtine, ao discurso como objeto de conhecimento dado, ao discurso como objeto empírico-concreto, ou objeto real.

**Capítulo 3**  
**Sobre os jogadores**

### 3.1 - Sujeito da linguagem: Heterogeneidades enunciativas

E no balaio da construção de um  
 homem  
 Revejo os moldes e as massas  
 que eu já usei  
 Pois viver é reviver  
*Djavan*

Suscitar otra voz no es perder la propia.  
*Graciela Reyes*

Quando analisa a trajetória da concepção do sujeito nas diversas teorias lingüísticas modernas, Orlandi (1987) vislumbra três momentos distintos. Num primeiro momento, as relações interlocutivas estão, via de regra, centradas na idéia de interação, harmonia conversacional, troca entre o *eu* e o *tu*. Em tal perspectiva idealista enquadram-se, por exemplo, a noção de sujeito de Benveniste e aquela regida pelas leis conversacionais decorrentes do princípio de cooperação de Grice. Em Benveniste, o locutor, no exercício do discurso, apropria-se das formas de linguagem e a elas refere a sua pessoa, definindo-se a si mesmo (*eu*) e a seu parceiro (*tu*).

Num segundo momento deste percurso, é introduzida a noção de conflito. Esta evolução preconiza que as relações intersubjetivas – centradas no outro – são governadas por uma tensão básica em que o *tu* determina o que o *eu* diz, ocorrendo uma espécie de tirania do primeiro sobre o segundo. Aqui, é perceptível uma forte influência da retórica, bastante presente nos momentos iniciais da AD, quando se privilegiava os discursos políticos.

A Análise do Discurso, num terceiro momento, procura romper com a circularidade provocada pela polarização surgida no momento anterior, que



impedia a apreensão do sujeito na sua dispersão e diversidade. Há o reconhecimento, no sujeito, de um caráter contraditório, marcado pela incompletude e pela vontade de “querer ser inteiro”. Desta forma, o centro da relação não está mais nem no *eu*, nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. Ou seja, a apropriação das formas de linguagem não é individual, mas social e constitutiva.

Isto posto, a noção de história é fundamental, já que o sujeito é marcado espacial e temporalmente. A partir desta determinação é possível articular à concepção de sujeito mobilizado por processos histórico-sociais, a de um sujeito ideológico. Assim, há uma forma de apropriação de linguagem em que está inscrita a ilusão do sujeito, a sua interpelação feita pela ideologia. Como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo).

Neste sentido, a AD visa, em seus procedimentos, a atingir o lugar da ilusão do sujeito (de ser a fonte dos sentidos do que diz). Muito embora os processos discursivos não tenham origem no sujeito, a realização se dá necessariamente nele. Tal estratégia acaba mostrando as limitações observadas na teoria da enunciação formulada por Benveniste, que contenta-se em refletir, quando poderia criticar a ilusão subjetiva, questionando a concepção do sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte do sentido, já que na sua fala outras vozes também falam.

Com a noção de subjetividade surgindo relativizada no par *eu-tu*, incorporando o *outro* como constitutivo do sujeito, a concepção de linguagem não pode mais ficar assentada na noção de homogeneidade. A linguagem não é mais evidência,

transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todopoderoso. O sujeito fragmentado, partido, com brechas, se preenche polifonicamente.

Assim, a noção de heterogeneidade enunciativa fica passível de ser observada, num texto consubstanciada, com a permissão de duas perspectivas teóricas distintas: a polifonia (Bakhtin, Ducrot) e o conceito de heterogeneidade de Authier, que compreende, em essência, o fato de existir sempre em cada discurso outros discursos<sup>30</sup>. Cabe ao analista de discursos formular hipóteses que expliquem por que, dentro do universo de todos os textos passíveis de citação, consciente ou inconscientemente, por um determinado emissor, em um determinado contexto histórico, só alguns dentre eles, bem determinados, são citados, recorrentemente, no texto produzido.

A explicitação destas duas formas de heterogeneidades enunciativas é uma maneira de descrever com propriedade as condições de produção de determinado objeto significativo, segundo um duplo critério: pragmático (a heterogeneidade mostrada) ou histórico-ideológico (a heterogeneidade constitutiva). Em ambos os casos, as condições de produção se definem na constituição da instância verbal de produção do discurso – o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente.

Podemos ver, de maneira evidente, a manifestação desta heterogeneidade na própria superfície discursiva através da materialidade lingüística do texto, de formas marcadas que, através do modo como aparecem, nos remetem às propriedades do discurso (Orlandi, 1986), nosso objeto de análise.

---

<sup>30</sup> Construídos pelo entrelaçamento de uma pluralidade de citações emigradas de outros textos pré-existentes, segundo restrições histórico-sociais sobre as quais o autor empírico do texto não tem controle racional.

### 3. 1. 1 - Teoria da Polifonia

A questão da distinção dos papéis enunciativos tem sido tratada por Ducrot no interior da chamada Teoria Polifônica da Enunciação, cuja proposta é substituir a Teoria da Unicidade do Sujeito da Enunciação. A polifonia de Ducrot rompe com a concepção fortemente enraizada na lingüística da unicidade do sujeito da enunciação. Com o desdobramento dos interlocutores, surgiram perspectivas muito mais ricas de análise.

Bakhtin foi o precursor de tais postulados, com suas análises das obras de Dostoievski e Rabelais, para caracterizar a emergência de várias vozes nos textos narrativos literários, vozes igualmente independentes, situadas em diferentes posições, não subsumidas pela voz do narrador. Pode-se dizer que o autor se investe de uma série de "máscaras" diferentes. Bakhtin qualifica tais textos de polifônicos uma vez que essas máscaras representam várias vozes a falarem simultaneamente sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras. Assim, questionou a crença da unicidade do sujeito no domínio da literatura, que a Teoria Polifônica da Enunciação reformula para a Lingüística.

Difere nas duas teorias, entre outras coisas, o fato de Ducrot procurar analisar as várias vozes no nível do enunciado, através de marcas lingüísticas, e Bakhtin tratar da Polifonia no texto como um todo.

Ducrot considera que os enunciados contêm diferentes representações do sujeito. E distingue entre essas representações do sujeito "pelo menos dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores". Para o autor, locutor é aquele que produz as palavras no momento da enunciação e por elas se responsabiliza. Frequentemente coincide com o falante do discurso, sendo designado pelas marcas de primeira pessoa. No entanto, nem sempre é o autor empírico do

discurso, pois pode incorporar à sua fala, fala de outros locutores. Para distinguir a figura do locutor dessas outras vozes, Ducrot introduziu o conceito de enunciador, aquele a quem é atribuída a responsabilidade dos atos ilocutórios veiculados pelo enunciado do locutor.

Associa-se a esse primeiro par, locutor/enunciador, um outro que lhe é correlato: alocutário/destinatário. A enunciação produzida por um locutor dirige-se a um alocutário que, no discurso, é representado por todas as marcas de segunda pessoa, enquanto o destinatário é a pessoa a quem os atos ilocutórios produzidos pelo enunciador efetivamente se destinam.

Desta forma, o locutor que é designado por *eu* pode ser diferente do autor empírico do enunciado. É o caso, por exemplo, do discurso direto como em: “Paulo diz: Maria me perguntou: Você me ajudará?”; onde o enunciado apresenta duas marcas de primeira pessoa que remetem a dois seres diferentes. Trata-se de uma ficção discursiva que não coincide necessariamente com o produtor físico do enunciado.

Ducrot mostra como o mesmo procedimento é verificável nos casos em que se produz, o chamado, eco imitativo. “A: *‘Eu não estou bem’* – B: *‘Eu não estou bem ; não pense que você vai me comover com isso’*”. No exemplo, uma segunda pessoa retoma o que disse A. Deste modo, no que diz B estão presentes tanto A quanto B. Configura-se, por isso, um desdobramento do locutor, caracterizando um primeiro tipo de polifonia.

Além desta distinção, o lingüista reavalia a posição de locutor, distinguindo o Locutor-enquanto-responsável-pela-enunciação (ou propriamente dito) e Locutor-enquanto-pessoa. Muito embora ambos, como subdivisões do locutor, sejam representações internas ao enunciado e, portanto, seres do discurso<sup>31</sup>. O

---

<sup>31</sup> Diversos do falante, figura não enunciativa e externa ao discurso.

Locutor-enquanto-responsável-pela-enunciação, constituído no nível do dizer através da forma do enunciado, se apresenta como responsável pela enunciação e considerado apenas em função desta propriedade. Quanto ao Locutor-enquanto-pessoa, pode possuir outras propriedades além desta. Constituído no nível do dito, através do conteúdo do enunciado, o Locutor-enquanto-pessoa representa o ser empírico do mundo discursivo, referido pelo enunciado.

Num segundo momento, a noção de enunciador também sofreu reformulação. As vozes veiculadas através da enunciação expressam pontos de vista que o locutor organiza para identificar-se com os mesmos ou para se opor a eles. Essas vozes não são explicitadas. Sua existência é decorrente da imagem que delas oferece a enunciação produzida pelo locutor. Por conseguinte, os enunciadores não podem produzir atos ilocutórios.

A partir de tais distinções, Ducrot dá um novo tratamento à questão da ironia, distingue três tipos de negação, analisa a frase interrogativa, revê o fenômeno da pressuposição, entre outros fenômenos em que, pelo fato de o locutor não assumir os conteúdos presentes na sua fala, ele nomeia enunciadores.

Para melhor se fazer compreender, Ducrot busca amparo para sua distinção entre locutor e enunciador na teoria da narrativa apresentada por Genette. Nela, é possível detectar formas correspondentes ao locutor e enunciador. Como correspondente do locutor, está o narrador, que Genette opõe ao autor, da mesma forma que Ducrot opõe o locutor ao sujeito falante empírico, isto é, ao produtor efetivo do enunciado.

Genette, a respeito da atitude do narrador em função dos acontecimentos relatados, aponta para o fato de que enquanto o autor “imagina ou inventa” acontecimentos, o narrador os “relata”. Vale dizer, o narrador reproduz

lembranças por intermédio da forma lingüística a que foi levado a viver ou a constatar.

Por seu turno, Ducrot insiste numa diferença fundamental entre o narrador e o autor: trata-se de sua relação com o tempo. O tempo gramatical utilizado num relato pode muito bem não tomar como ponto de referência o momento em que o autor escreve, mas aquele em que o narrador conta.

Assim, tal distinção permite a realização do ato de narrar por alguém que não existe ou não existe mais. Se para escrever é necessário existir, isto não é necessário para narrar. Por isso, existe a possibilidade da narrativa em primeira pessoa por uma cachorra, como acontece em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, fato que viabiliza um maior engajamento e proximidade com as problemáticas envolvidas. A existência empírica, predicado necessário do autor, pode ser recusada ao narrador. Sendo este um ser fictício, interior à obra, seu papel é bastante próximo do que Ducrot atribui ao locutor.

Ao mesmo tempo, há também a possibilidade de se estabelecer correspondência paralela quanto ao enunciador. Genette denomina de “centro de perspectiva” (sujeito de consciência, para alguns autores americanos) para a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos. Para distingui-lo do narrador, Genette diz que o narrador é “que fala”, enquanto que o centro de perspectiva é “quem vê”. Muitas vezes os dois papéis não podem ser atribuídos a um único ser. Situação bastante próxima do que Ducrot descreve no nível do enunciado, ou seja, que o locutor pode ou não se declarar responsável pela enunciação. O locutor fala no mesmo sentido em que o narrador relata, isto é, ele é dado como a fonte de um discurso (noção de responsabilidade?). Contudo, as atitudes expressas neste discurso podem ser atribuídas a enunciadores dos quais o locutor se distancia – “como os pontos de vista manifestados na narrativa podem ser sujeitos de consciência estranhos ao narrador” (Ducrot).

Todos estes conceitos constituem, entretanto, instrumentos de análise operacionalmente produtivos para o resgate das múltiplas forças em movimento num mesmo campo enunciativo. Quando os analistas do discurso recorrem a tais estratégias fazem-no com o intuito de delimitar marcações significativas que o equacionar de tais campos epistemológicos realiza, naturalmente é necessário considerar e redimensionar acordos e desacordos teóricos.

### 3. 1. 2 - Heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada

AUTHIER-REVUZ (1990), apoiando-se nos trabalhos mais recentes elaborados na Teoria do Discurso e nas propostas do chamado dialogismo bakhtiniano<sup>32</sup>, propõe a distinção entre *heterogeneidade constitutiva* – processos reais de constituição de um discurso – e *heterogeneidade mostrada* – representação, em um discurso, de sua constituição. Essa distinção revela-se operatória para analisar os traços do interdiscurso no intradiscurso, ou seja, no fio da cadeia verbal. Cada uma destas subdivisões mobiliza uma ordem diferente de realidade, irreduzíveis (o que é discutível), segundo Authier, mas solidárias. No primeiro, trata-se da alteridade enquanto condição de existência do discurso de um sujeito que, nesta perspectiva, como sabemos, não é a fonte primeira de seu discurso.

Tanto o *interdiscurso* quanto o *inconsciente* são constitutivos do discurso do sujeito. O sujeito, ao produzir um enunciado, mostra conjuntamente que este se insere especificamente em determinada formação discursiva e que é o produto de um conjunto de enunciados já-ditos (mesmo não “visivelmente” presentes). Tais enunciados determinam, enquanto não-ditos, a fala do sujeito. O Outro do discurso (também responsável pelo rompimento da continuidade, pela não-dominância do sujeito) é determinado simultaneamente pelo inconsciente – já que constitutivo. Posto que interdiscurso e discurso do inconsciente são condições necessárias para a existência do discurso, verifica-se na heterogeneidade constitutiva a instância do “algo fala”, que pode se manifestar através dos lapsos, atos falhos, repetições, esquecimentos... (reveladores, visto serem involuntários).

---

<sup>32</sup> Base para uma teoria sobre a dialogização interna do discurso, conforme o desenvolvimento lacaniano da teoria psicanalítica.



O paradoxo da expressão 'heterogeneidade constitutiva' capta a ameaça de se desfazer a todo momento o que sujeito e discurso dão por feitos: no que se constitui e em quem se constitui, por **heterogêneo**, lhe escapa. Para o sujeito dividido, o papel indispensável do Eu, é aquele dum instância que, no imaginário, se ocupa de reconstruir a imagem de um sujeito autônomo, anulando, no desconhecimento, o descentramento real. (Authier-Revuz, 1990)<sup>33</sup>

De um lado, a heterogeneidade constitutiva abrange os processos reais de constituição *do* discurso, condições reais de existência, heterogeneidade não-marcada em superfície, definível formulando-se hipóteses através do interdiscurso; por outro, a heterogeneidade mostrada engloba os processos de representação *no* discurso, de sua constituição, manifestações explícitas e recuperáveis. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, detenho-me com mais vagar nas possibilidades de constatação da heterogeneidade mostrada, com vistas à polifonia.

Na heterogeneidade mostrada, estuda-se a representação que o locutor dá (e dá-se) de sua enunciação, comportando a dualidade: representa e é representado, significa e é significado; em suma, constrói-se. Seguindo o raciocínio de Authier, essa representação é, necessariamente, fantasmática já que não há correspondência direta ("irreducibilidade manifesta") entre ambos os tipos de heterogeneidade. Uma é, por definição, não-localizável, não-representável, enquanto que a heterogeneidade mostrada consiste na delimitação (ilusória, mas proteção necessária) do *um* (do sujeito e do discurso) em relação à pluralidade dos *outros*. "O sujeito fala". Expressa, no fundo, seu desejo de dominância. Movido pela ilusão de ser centro, localiza o outro e delimita o seu lugar. Há uma inscrição do *outro* no eixo discursivo do sujeito. A aparente unidade é rompida.

---

<sup>33</sup> Não é isto que permite haver autoria?

O processo de constituição do sentido nasce na relação entre representação de um fragmento exterior que se integra no fio discursivo e, por outro lado, a remissão deste mesmo fragmento a um outro, exterior ao discurso. Todo esse processo interlocutivo se representa necessariamente no discurso, constituindo a heterogeneidade mostrada, verificável através do estudo de aspas, glosas, retoques, comentários, ironia, discurso relatado, entre outras formas.

Authier-Revuz observa ainda que a heterogeneidade mostrada, além de inscrever o outro no fio discursivo do sujeito, representa um modo de negociação com a heterogeneidade constitutiva do próprio sujeito. Ao construir, no desconhecimento desta, uma representação de enunciação que é uma proteção necessária, esta passa a ser, noutra dimensão, constitutiva também. Tal fato é decorrente do asseguramento deste *eu* através de uma especificação de identidade, “dando corpo ao discurso e dando figura ao sujeito enunciador”.

Este desconhecimento da heterogeneidade constitutiva por parte das formas marcadas da heterogeneidade (discurso relatado, aspas,...) opera-se via *denegação*. Assim, sob um processo de sutura (pode-se pensar em palimpsesto) efetuado na trama discursiva pelas formas marcadas está o *lapso*, que produz uma fenda no discurso, uma falha. É este mesmo processo de sutura, de denegação que, exatamente pela sua presença, dá a imagem da falha provocada pelo lapso. “Ou seja, a ilusão que se manifesta no discurso não apaga radicalmente o que ela tenta reprimir; ela não é esse engodo perfeito produzido por um determinismo sem falhas, completamente ignorado pelo sujeito” (Authier-Revuz, op. cit.).

Por este viés, Authier-Revuz busca apoio na abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem permitida por Freud e sua releitura por Lacan. A perspectiva psicanalítica produz a dupla concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido. Pela estrutura material

da língua, na linearidade de uma cadeia, escuta-se a polifonia não-intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar indícios da “pontuação do inconsciente” (ibid.).

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente articula-se àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado... Assim sendo, o sujeito não se constitui exclusivamente na dualidade com seu outro, mas também pela interação com o inconsciente – concebido como a linguagem do desejo (censurado). Esta divisão, repito, não significa compartimentação.

As formas não-marcadas (discurso indireto livre, metáfora, ironia, jogo de palavras...) da heterogeneidade mostrada representam, de certa forma, um outro modo de negociação com a heterogeneidade constitutiva. Trabalhando com a “dissolução do outro no um”, provocando a incerteza da presença do outro (prevista na ordem da língua sua dimensão dialógica), também provocam, em contato com a heterogeneidade constitutiva, a incerteza da presença do Outro (inconsciente, interdiscurso), que poderá sair afirmado, mas que também poderá se perder.

É importante salientar a interdependência e, ao mesmo tempo, a especificidade de cada classificação. Trabalhar num dos planos implica ter que se considerar a pertinência do outro, muito embora Authier-Revuz fale em irredutibilidade de um plano ao outro. Considero pertinente salientar a posição divergente de Souza (1997a) no tocante a esta perspectiva não atentar para uma certa exterioridade socio-histórica como algo co-extensivo à subjetividade. Assumirei a digressão de Souza, pois também acredito que o exterior é o “campo enunciativo possível para toda forma de interioridade”. Ambos simultaneamente constitutivos. A viabilidade desta postura poderá ser confirmada mais adiante, tendo em vista os objetivos

desta pesquisa. A não consideração da dimensão histórica poderia gerar uma visão desfocada ou distorcida do fenômeno em questão. Por tanto, revalido aqui as observações feitas há pouco quanto à produtividade operacional dos instrumentos de análise mobilizados com vistas à multiplicidade de forças constitutivas da heterogeneidade enunciativa.

Venho tentando formular, até aqui, um panorama teórico que possa embasar a questão do sujeito e suas posições no discurso. Sujeito, conforme vimos rastreando neste estudo, interpelado pela ideologia, atravessado pelo inconsciente e que, num dado momento histórico, sob determinadas condições, surge no acaso do acontecimento e é “mais falado do que fala”. Assim, ao mobilizar enunciados produzidos por outros enunciadores, o sujeito estabelece com eles variadas relações (de identidade, divergência, conflito...) ideologicamente determinadas.

Desta forma, pode-se pensar num observador de um evento e procurar descrevê-lo em termos de um padrão que “ele próprio” impõe à situação, fato que acaba trazendo à tona a discussão sobre o estatuto da “intencionalidade”. Cabe notar, num primeiro momento, entretanto, que a intenção não é evento necessário nem suficiente para que o ato ocorra. Por isso, os analistas de discurso geralmente não a consideram em seus estudos, já que trabalhamos com o processo (constitutivo) por que passa determinado “produto”, ou seja, se o objeto da intenção não se efetiva, admiti-lo é incorrer em equívoco.

A noção de intenção, proposta, por exemplo, nos trabalhos de Melden e Ascombe (em: Shibles), tem apoio nas leis do comportamento humano. É padrão de comportamento. Aparece sempre presa à ação, sempre usada, como diz Wittgenstein (ibid.), num jogo lingüístico que poucas vezes ou jamais se refere a uma atividade privada ou isolada. Em outras palavras, a “intenção” ganha significado a partir da linguagem e do contexto ou situação operativa em que é

usada. Entretanto, a intenção, como idéia, não é condição *sine qua non* para que um evento ocorra, pois para se fazer significativa em um jogo lingüístico prevê e inclui o referido acontecimento.

Em síntese, adotando tal postulado, quanto mais soubermos a propósito de determinada pessoa, melhor poderemos avaliar suas intenções e suas linhas de atuação. Afirmar que há uma intenção é afirmar que são inteligíveis o agente e ação. Trabalhar em tal perspectiva, portanto, exige, no mínimo, a exclusão da imprevisibilidade (que é da ordem do acontecimento). Mas, mesmo não considerando a intenção como causa do que é tencionado, ela não o inclui? Neste rumo de raciocínio, toda tentativa de definir e/ou descrever a intenção acaba mostrando um caráter vicioso, já que esbarra em conceitos de natureza também vária como causalidade, ação, significado, propósito.

Discursivamente, o que se pode considerar é um conceito “efeito-intenção”, *per se*, cujo âmbito não está circunscrito a ter intenções e concretizá-las, mas sim, a acatá-lo enquanto possibilidade de sentido.

Assim, toda esta complexidade poderia ser simplificada por abordagens tradicionais, que definiriam os interlocutores do nosso corpus como um emissor e um receptor, ou como um narrador e personagens dentro de um processo literário. A linguagem seria descrita na sua transparência e captaríamos de forma direta “o que o outro quis dizer”. No entanto, não pretendo simplificar, mas sim, propor a discussão de questões a partir da complexidade do sujeito e do discurso, já que os efeitos de sentido dos enunciados podem ser analisados como envolvendo a presença de várias vozes, que apontam para “lugares” discursivos diferentes.

### 3. 2 - Sujeito-autor e Sujeito autobiográfico

Estou escrevendo minha autobiografia  
Mas ainda não decidi se vou morrer no fim  
*Millôr Fernandes*

Toda obra é a obra de muitas outras coisas além de um  
autor  
*Valéry*

Palavra minha  
Matéria, minha criatura, palavra  
Que me conduz  
mudo  
e que me escreve desatento, palavra  
*Chico Buarque de Hollanda*

Tentaremos situar o sujeito em relação ao que Foucault (1996) chama de controladores internos e externos delimitadores de seus discursos; paralelamente, observaremos como ele, institucionalmente inscrito na Literatura, relacionado às condições e possibilidades que determinam o seu discurso, transita e ocupa descontinuamente várias posições dentro de um mesmo texto. Neste sentido, o texto concretiza uma dispersão do sujeito (Orlandi, Guimarães, 1988). Equivale a dizer: é atravessado por vários discursos. Em um mesmo texto podemos encontrar, conforme veremos, várias formações discursivas, a concorrência de enunciados de discursos diversos. Ou seja, diferentes posições do sujeito revelam a não-homogeneidade textual, do ponto de vista ideológico (Foucault, 1995a). No entanto, como há uma “vocalização totalizante do sujeito”, esta heterogeneidade adquire unidade gerenciada por seus dominantes. De certo modo, a unidade do texto não passa de um efeito discursivo.

Muito embora a noção de sujeito seja fundamental, há, ao mesmo tempo, um deslocamento (de - centramento) desta noção: no funcionamento dos enunciados,

ele é, sem dúvida, o elemento unificador, no entanto, não consegue introduzir a homogeneidade no interior do heterogêneo. Assim, perde a sua função centralizadora e passa a se caracterizar pela dispersão. O sujeito pode ser visto em lugares distintos, representando-se de diferentes maneiras, ocupando posições diferentes. Portanto, a apreensão de um “sujeito-em-si” cede o lugar para um sujeito constituído socialmente, heterogeneamente.

Além disso, Foucault lembra que o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade mas assegurar a permanência de uma certa representação. Por isso, há na gênese de todo discurso o projeto (vocação) totalizante de um sujeito – vontade de constituir-se como inteiro e representar-se como tal<sup>34</sup> –, projeto este que o converte em “autor”. É neste projeto de construção da autoria que se estabelece a aparente unidade, escondendo toda heterogeneidade e materialidade do sentido. O sujeito se constitui como autor ao constituir o texto, lugar onde se realiza o seu projeto. Orlandi, em sua recente “Interpretação” (1996), fala na noção de autor como uma “função” da noção de sujeito, função enunciativa, distinta da de enunciador e de locutor. Esta responsabilidade pela origem suposta de seu dizer acaba por referir correlações sujeito/autor, discurso/texto, dispersão/unidade.

Semelhante dimensão revela, em perspectiva althusseriana, a interpelação do indivíduo em sujeito, interpelação esta que traz consigo, necessariamente, a aparência de unidade que a dispersão toma. Os fundamentos de uma teoria não-subjetiva do sujeito (conforme vimos no capítulo dois) é que podem dar conta da ilusão de autonomia e unidade enquanto efeitos ideológicos de interpelação. A eficácia deste projeto (o princípio da autoria) opera em função de ser onde se observa o maior apagamento do sujeito, pois é enquanto autor, que se encontra mais afetado pelas exigências sociais e, também, é responsabilizado pelo “agrupamento textual”.

---

<sup>34</sup> É esta “vontade” que o posiciona como responsável pelo texto que produz.

Podemos observar, dessa forma, os efeitos da ideologia: ela produz a aparência da unidade do sujeito e da transparência do sentido. Neste processo, exercendo uma função crítica, é preciso levar em conta dois fatos: o processo de constituição do sujeito e a materialidade do sentido. Vale reafirmar: "É a relação do sujeito com o texto, deste com o discurso, e a inserção (ou inscrição) do discurso em uma formação discursiva determinada que produz a impressão da unidade, a transparência, em suma, a completude do seu dizer" (Orlandi, 1988).

Mobilizada por tais coerções, a figura do autor, a partir do século XVIII, surge como sujeito de um discurso legitimado e se colocando, ao mesmo tempo, como "origem" do dizer. Até então, a nobreza, o clero e a burguesia considerariam um despropósito que alguém se atrevesse a assinar uma obra (literária). Por isso, os nomes de autor que rubricam suas obras, antes dessa data, tinham um valor meramente simbólico, emblemático (uma espécie de anonimato relativo). Por outro lado, na Idade Média, a autoria era carimbo de autenticação no discurso científico, um indicador de verdade.

No entanto, no início do século XX, a figura do autor sofre um abalo em sua conformação, quando seu discurso passa a ser produto de uma indústria cultural.

En la industria cultural abunda el autor no solamente avergonzado de su obra, sino negando que su obra sea en efecto suya. El autor ya no puede identificarse con su obra... Es un fenómeno de alienación no sin analogía con el del obrero industrial, pero en condiciones subjetivas y objetivas particulares, y con esta diferencia esencial : el autor es bien pago. A menudo, el trabajo es mejor retribuido cuanto más se desprecia; de esta correlación desmoralizante nacen el cinismo, la agresividad o la mal conciencia que se mezclan con la profunda insatisfacción nacida de la frustración artística o intelectual. (Adorno, em: Gallo, p.56)



Diferentes épocas, diferentes “regimes”, diferentes maneiras de constituição da autoria. Lugares que se impõem como importante argumentação para afirmar a historicidade desse princípio (cf. Foucault, 1996) e deslocá-lo da idéia de sujeitos, determinantes, criadores de seu próprio discurso. De qualquer forma, o autor, a assinatura, é quem apazigua as inquietações da linguagem, garantindo sua unidade, coerência.

Vista assim, a autoria, longe de ser o lugar privilegiado da autonomia de pensar e produzir discursos, é lugar de cobranças. O princípio da autoria, aliás, é pontuado por Foucault (op. cit.) como um procedimento “interno”, entre os controladores internos<sup>35</sup> e externos delimitadores de discursos. É uma ordem de controle, como forma de organização discursiva que regulariza alternâncias, cimenta discontinuidades, sustenta ocultismos. O autor instancia a inquietante linguagem da ficção no real. “Esse homem que irrompe em meio a todas as palavras usadas, trazendo nelas seu gênio ou sua desordem” (ibid.). Instala-se, portanto, paradoxalmente, o controle do acaso. O autor como princípio de agrupamento do discurso. O autor como foco de coesão e coerência discursiva, estatuto gerenciado por sua inscrição no interdiscurso, conforme discutiremos adiante.

Em síntese, a função-autor, o efeito-autor consiste numa manobra para organização (interpretação) textual, verificável no efeito de sentido único (como se não houvesse outro possível). O sujeito investe-se autor quando ele se constitui na formação discursiva dominante de um discurso legitimado (institucional). Nesta ordem de idéias, muito embora o autor não instaure discursividade, produz um espaço para interpretação no meio dos outros (cf. Orlandi, 1996). Por conseguinte, pode-se pensar num movimento em que a literatura (já que instituição) participa da sociedade (que ela supostamente

---

<sup>35</sup> Além da autoria, Foucault aponta o “comentário” e as “disciplinas” como outras possibilidades de controle e delimitação internas do discurso.

representa) da mesma forma que a obra participa da vida do escritor. Paradigma de autobiografia. Quando o escritor se cria na sua escrita, ele está a se ver diante de um espelho (Narciso?<sup>36</sup>). O jogo estabelecido por esta relação eu/outro, identidade/alteridade, é mais perceptível quando a questão é a identidade na produção escrita autobiográfica.

Na acepção comum, autobiografia vem a ser a vida de um indivíduo escrita por ele mesmo. Orlandi (1983) organizou um quadro de referência para as reflexões acerca desta representação, o qual é fornecido pela relação entre o público e o privado, já que este é o primeiro aspecto evidente ao pensarmos tal forma de produção literária, na qual o autor se põe a público, fala diretamente de si mesmo, de sua privacidade, sua intimidade. Para tanto, três caminhos se abrem à reflexão acerca deste fenômeno. Primeiro, escrever resgata “a impotência em relação ao real”. Ao se mostrar oprimido, o autor acaba identificando o outro que o oprime. Isto, colocado na perspectiva histórica, pode ser visto assim: “ao contar sua história (contida), ele vira estória (literatura) e passa para a História (contada). É um processo de legitimação”. Neste sentido, é a determinação institucional em questão que torna possível a fala e, por conseguinte, a constituição do sujeito.

Configura-se, desta forma, a “saída do silêncio”, como busca de legitimação, cuja atribuição de sentido é da censura, da opressão, da falta de liberdade e da falta de perspectiva de agir sobre o real, da impossibilidade de criticar, de discordar. Historicamente, este é um dos lugares de demonstração do deslocamento da atividade política, pela falta de espaço em lugar mais apropriado. Espaço ocupado também com “o estrangulamento das alternativas de discordância”. Não deixa de ser uma maneira de reagir à opressão, ao contá-la (ou cantá-la), exponho publicamente seus mecanismos. A gênese de tal perspectiva é a fala do

---

<sup>36</sup> Imagem básica do mito grego de Narciso, o jovem que se enamorou de sua própria imagem ao vê-la refletida na água de uma fonte. É interessante registrar a idéia básica da autocontemplação, do amor da pessoa por si mesma. Ao mirar a própria imagem refletida na água, Narciso trata-a como um objeto, como algo externo, mas o significado inconsciente sugerido é o oposto: olha para dentro de si mesmo.

silêncio, a voz do silêncio ou, quem sabe, o dizer da falta (cf. Authier-Revuz, 1994).

Outra perspectiva ponderável é a desveladora de uma “crise de identidade”, configurada na dispersão. As relações não são o bastante para uma construção identitária: é preciso recompô-las, dar-lhes unidade, a partir de uma vontade efetivada como autoria. A escrita possibilita um certo distanciamento do cotidiano, favorecendo a fixação de pontos de vista. O deslocamento dos acontecimentos para observação, pela escrita, permite a auto-referência sem as intervenções que se dariam na situação ordinária de vida. Por este viés, o autor escreve para falar de si mesmo, diretamente. É um “modo de reação ao automatismo do cotidiano”. O outro parece ser o objeto (ilusório) da atenção, entretanto o Eu-mesmo é o objeto final dela.

Por fim, Orlandi relaciona mais uma possibilidade de representação, entra em cena a “ideologia do sucesso”: “Olha eu aqui”, “Eu sou escritor”, “Por que não?” Descobre-se que, primeiro, Eu-mesmo posso ser objeto de interesse, segundo, Eu-mesmo posso ser objeto de atenção de inúmeras pessoas. Só é preciso mostrar-se. É a solução do “espontaneísmo, a que está no escopo da cultura de massa. É um modo de reação ao anonimato”.

Há, nestas três possibilidades, a tentativa, a procura da completude através de apagamentos. “No primeiro caso, apagam-se os limites história/estória/História, ou, em outros termos, o limite entre o Eu-pessoal e o Eu-político. No segundo, apagam-se os limites que determinam o objeto legítimo da narração, isto é, os limites daquilo que é legítimo contar: conta-se o Eu. No terceiro caso, apagam-se os limites do que se costuma considerar alvo digno de interesse: coloca-se o Eu como objeto de interesse geral” (Orlandi, op. cit.).

O interessante nesta gestão é a concorrência destas configurações cujos limites são extremamente flexíveis, se não permeáveis. A apologia à procura da completude através de apagamentos (principalmente dos limites, quase sempre tão castradores) é detectável, por exemplo, num outro tipo de tríade, também remissivo à questão autobiográfica. Lejeune considera que há verdadeira autobiografia (“pacto autobiográfico”) quando existe “identidade de nome entre autor, narrador e personagem”(1983). Isto pode ocorrer de modo patente quando a personagem tem o mesmo nome do autor, inscrito na capa e na folha de rosto; ou ainda de modo implícito quando elementos exteriores ao texto (capa, contracapa, prefácio etc) indicam que se trata da vida do autor. Não se deve confundir nome ficcional com pseudônimo, pois este é “um nome de ‘autor’ (...) e assinala este segundo nascimento que é a escrita publicada”. Neste caso, se houver identidade de nome entre os três níveis (autor, narrador, personagem), existe pacto autobiográfico também.

O “pacto romanesco”, simetricamente oposto ao pacto autobiográfico, possui também dois aspectos: prática patente de não-identidade (autor e personagem têm nomes diferentes) e atestação de ficcionalidade (a designação de ‘romance’ ou ‘novela’ exerce esta função, enquanto que a designação de ‘narrativa’ é compatível com o pacto autobiográfico).

Entre esses dois extremos, Lejeune concebe o “pacto fantasmático” no qual o leitor é convidado a ler os romances não só como ficções que remetem a uma verdade da “natureza humana”, mas também como “fantasmas” reveladores de um indivíduo. Neste sentido, ele abole a dicotomia e cria um “espaço autobiográfico”, no qual ficção e autobiografia dialogam, tão verdadeiras quanto elaboradas uma e outra.

Este conceito me parece mais operacional que os dois pactos anteriores, extremamente rígidos e formalistas. A obra de Harry Laus não foge ao pacto

fantasmático. A narrativa de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* é concebida como novela por Harry Laus (conforme “diz” a contracapa), entretanto, nela existe a evocação de cidades com as quais manteve estreita relação, há locações bastante particulares e precisas (Recanto de Luciana, casa do Bom Abrigo, Casinha da Didi), as personagens “lembram”, por inúmeros aspectos, a si próprio, familiares, amigos e uma certa cachorra dálmata... Acrescente-se estratégias que envolvem jogos temporais: reminiscências reflexivas, o caso “7 do 7 de 77”, uma aparente contradição<sup>37</sup>, entre outras.

No empreendimento desta escritura, o autor elabora e comunica um ponto de vista sobre si. Complexa ou ambígua, com os desvios das perspectivas do narrador ou das personagens, ela retém, peremptoriamente, a marca do autor. Harry Laus e seu “alterego” subdividido em Cara e Lady Águia ressentem o mesmo desejo de transpor, de forma transfigurada, um real que não pode ser representado de maneira direta e unívoca. O *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* transforma Cara (representação confessa de Harry Laus) num objeto “externo” de autocontemplação, posto que visto pelos olhos “sem preconceitos” de Lady Águia. Há uma ênfase na descrição da personagem, não como alguém multifacetado que se desdobra em vários sujeitos, mas como um ser de personalidade constante e, principalmente, reconhecível na sua postura diante da vida.

---

<sup>37</sup> Lady Águia (enquanto locutor responsável pela enunciação e que se representa como tal no discurso [conforme quadro exposto na seção anterior]) cede a vez, em algumas circunstâncias, para um “outro” locutor (locutor-enquanto-pessoa). Esta figura enunciativa é a pessoa no mundo que, entre suas características, tem a de se apresentar no discurso como se fosse sua origem. Em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, é possível perceber tal dispersão através de uma aparente contradição na locução da cachorra (conforme | x | e | y |). Por seu intermédio, vislumbra-se uma cisão na conformação do locutor, um modo de organização textual, cuja natureza está intimamente associada à negociação de lugares, de posições subjetivas que atravessam o texto.

| x | “como em matéria de tempo não sei calcular nada só posso dizer que anoiteceu amanheceu muito mais vezes do que quando fiquei no Estreito . . .” (p. 38)

| y | “fomos dar a volta de sempre pela praia quando voltamos todos tinham ido embora não demorou dois dias apareceu Pavão” (p. 19)

Neste sentido, retomo e assumo o quadro referencial de Orlandi, há pouco sintetizado, para ensaiar um engate de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* à vocação de apagamento de limites. Quer como uma maneira de saída do silêncio por impotência em relação ao real, quer como uma postura de deslocamento auto-referencial, ou ainda como uma voluntária reação ao anonimato, as três lanças apontam para um mesmo alvo: o desejo de transposição. Logo, seu relato pode ser interpretado como “verdade”, sendo registro de uma época, ou como “ficção”, produto do imaginário ou, ainda, como recriação, numa viagem no tempo e no espaço, que resulta numa reescrita crítico-narcísica do Eu de Laus. Sua modulação é de uma “autobiografia literária” (cf. Lejeune, op. cit.) e, por isso mesmo, situa-se no entre-lugar da verdade histórica e da ficção.

Ampliando a dimensão destas reflexões, poderíamos nos perguntar: Toda escritura não é então, genericamente, autobiográfica? (cf. Furlanetto, 1994) Em suma, a emblemática figura de um sujeito atomizado na materialidade, encontra no elo entre **ser** e **sentido** a mimese de si próprio.

**Capítulo 4**  
**Dos juízes e preparadores físicos**

#### 4. 1 - Sujeito-de-direito

Todas as pessoas são iguais perante a lei  
e têm os direitos e deveres consagrados nesta declaração,  
sem distinção de raça, sexo, crença, ou qualquer outra.  
*Declaração Universal dos Direitos Humanos*

A feição deles é serem pardos maneiras d'avermelhados de bons rostros  
e bons narizes bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura,  
nem estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas  
e estão acerca disso com tanta inocência como têm de mostra o rosto.  
*Pero Vaz de Caminha*

As reflexões sobre o sujeito do discurso são sempre permeadas pela noção de que o sujeito só pode se constituir, como observa Pêcheux, como uma forma-sujeito (sempre historicamente determinada). A determinação nos permite reencontrar a inscrição do sujeito na língua, as posições subjetivas que ele vem ocupar no discurso, ou, dito de outra maneira, os fundamentos e as modalidades de funcionamento da interpelação na língua. O estudo da formação de certos mecanismos lingüísticos apresenta assim um interesse evidente: permite, com efeito, reencontrar as formas que preexistiram a este apagamento da determinação. Este tipo de reflexão inscreve-se, sem dúvida, na história.

Neste momento da análise, resulta oportuno lembrar, mesmo que brevemente, a teoria de Althusser segundo a qual o Estado funcionaria sob duas vertentes superpostas e sinérgicas em sua ação: Aparelhos repressivos de Estado e Aparelhos ideológicos de Estado. A primeira seria coercitiva e funcionaria na base da violência legítima. Os Aparelhos repressivos de Estado estariam representados pelas instituições (governo, burocracia pública, polícia, tribunais, prisões, etc), que funcionariam através da repressão (inclusive a física).



A segunda, que é a abordagem que interessa aqui, diz respeito aos Aparelhos ideológicos de Estado. Eles não se confundem com os Aparelhos repressivos de Estado, posto que estariam representados pelos sistemas: escolar, familiar, religioso, sindical, político, jurídico, de informação, de cultura, etc. Ou seja, seriam instituições que não pertencem ao domínio público mas ao privado. Na realidade, não funcionam pela violência, mas pela ideologia, embora não exista aparelho puramente ideológico. Conforme assinala o próprio Althusser, os aparelhos ideológicos expressam tacitamente os efeitos dos choques entre a luta de classes capitalista e a luta de classes proletária.

Portanto, encarnando tais pressupostos, a relação sujeito-linguagem é constituída firmada na ilusão (ideológica) de que o sujeito é a fonte do que diz, quando, na verdade, ele retoma sentidos (já-dados e inscritos em formações discursivas determinadas). O assujeitamento do sujeito à ideologia está intimamente relacionado à emergência do sujeito autônomo e responsável: o “sujeito-de-direito” (Haroche). A noção de um sujeito jurídico mostra-se bastante pertinente pois que as relações entre as pessoas se estabelecem enquanto relações de poder, fundadas em responsabilidades, direitos e deveres.

Deste modo, convém trazer a noção de sujeito-de-direito, conforme proposta de Lagazzi, para o cotidiano das relações interpessoais, expondo como o embate entre direitos e deveres, cobranças e justificativas, conforma um juridismo que, entremeando a linguagem, “lugar de poder e tensão”, trespassa as relações entre as pessoas. Ao mesmo tempo, observar como as pessoas mobilizam alguns mecanismos que a própria linguagem oferece, procurando deslocar e redistribuir esta tensão.

Em *Fazer Dizer, Querer Dizer*, Haroche analisa o “triunfo” do sujeito e da subjetividade verificado com o enfraquecimento do poder religioso frente ao poder do Estado.

O século XVIII é marcado pela dominação da Igreja, pela existência de um “sujeito religioso” submisso à ideologia cristã e assujeitado às práticas rituais religiosas. Herança já do século II, quando os “religiosos” começaram a estabelecer a hierarquia. Os melhores mandam nos outros: institucionalização, uniformização. No entanto, as necessidades de expansão econômica conduziram a uma nova interpelação do sujeito pela ideologia, proporcionada pelo progresso do Direito e sua laicização, tornando-o determinante frente ao religioso. A forma-sujeito do capitalismo, historicamente correspondente à forma do sujeito-de-direito, passou a centrar suas atividades em si mesmo, autonomicamente (implicação: responsabilidade). Tal individualismo provoca a ruptura de uma prática de obediência absoluta à lei divina. Com o enfraquecimento da Igreja, houve crescimento e centralização do Estado, e o poder jurídico constitui-se aos poucos na Instituição Jurídica.

Já que podemos colocar na história a referência para a gênese da noção de sujeito-de-direito, também a noção de sujeito, que deriva da ideologia, pode se esclarecer por uma análise histórica, conforme sugere Haroche. Com vistas a esta ocorrência, frise-se um trabalho prévio às exigências do jurídico: para que o sujeito-de-direito possa responder por si, por seus atos, por seu comportamento, é preciso, previamente, tornar o homem uniforme, regular, determinado, predizível, mensurável...

Direitos e deveres sempre permearam as relações sociais, mas com a emergência do sujeito-de-direito, aconteceu a constituição de uma nova forma de assujeitamento, que Pêcheux denominou como a “forma plenamente visível da autonomia” (Gadet). Poder-se-ia resumir a situação da seguinte forma: como

Deus não governa mais totalmente a conduta humana, vai ser preciso substituí-lo por um poder que estará à sua altura, a fim de não deixar esta conduta exposta a ela mesma, isto é, exposta à possibilidade de reflexão e da distância crítica.

Cada vez mais fortemente o sujeito-de-direito foi se configurando, e hoje a responsabilidade é uma noção constitutiva do caráter humano, da pessoa, do cidadão, sem o que não nos reconheceríamos socialmente.

A ideologia jurídica instala uma ambigüidade no sujeito: ao mesmo tempo em que este se vê como um ser único, senhor e responsável de si mesmo, ele é “intercambiável perante o Estado”, ele é “qualquer um” (Haroche) que se dirige a cidadãos, a cada um e a todos ao mesmo tempo, a uma massa uniforme de *sujeitos assujeitados*, que têm a ilusão da unicidade. O sujeito se vê como um ser único, mestre e responsável por si mesmo, podendo entretanto, a qualquer momento, soçobrar no anonimato de “qualquer um”.

Tal forma de poder (indivíduos categorizados, aprisionados em sua identidade) configura técnica designada por Foucault (1995a) como sendo de “governo pela individualização”. Fundamentalmente, estas análises que insistem nos mecanismos de isolamento e intercambiabilidade levam a distinguir o individualismo (como possibilidade de resistência e revolta do indivíduo) do mecanismo coercitivo de individualização, de isolamento (imposto pelo Estado ao indivíduo, para fins de poder).

Se por um lado constatamos a tentativa do Estado em abafar as diferenças e particularidades dos indivíduos, na busca do cidadão comum, mediano, completamente absorvido pela “massa”, observamos, por outro lado, a permanência da hierarquia de poder entre as pessoas, uma hierarquia de “autoridade”, constitutiva do próprio Estado.

São estas relações hierarquizadas e autoritárias de comando-obediência, presentes nas mais diversas situações e diferentes contextos sociais, que levam as pessoas a se relacionarem, conforme já mencionei, entre arestas de tensão, impregnadas por direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas. O detentor, mesmo legítimo, da autoridade não é mais definido como “fonte de uma proteção amorosa” (caso do sujeito marcado pela ideologia religiosa) mas, antes, como o depositário de uma força eventualmente ameaçadora, a relação essencial que liga o poder e o sujeito põe-se como uma relação de desconfiança e suspeita.

A ilusão subjetiva coloca-nos como origem da linguagem, proporcionando-nos a sensação de domínio sobre as palavras e impedindo-nos de enxergar o poder inscrito na linguagem. O sujeito de direito (efeito de uma estrutura social bem determinada: a sociedade capitalista), que se vê enquanto centro de decisão, centro de poder, reafirma o sujeito da linguagem, que necessita enxergar-se como origem de seu discurso para falar.

A linguagem é “lugar de poder e de tensão”, mas ela também nos oferece recursos para jogar com este poder e esta tensão. O poder procura, no entanto, eliminar as possibilidades de recorrência a tais dispositivos de resistência. Lembrando: a formação discursiva (numa formação ideológica dada) é que determina o que pode e o que deve ser dito.

Assim, a possibilidade da emergência do sujeito-de-direito se produz em uma certa relação de determinação com o discurso (relativamente incerto e indeterminado). A dificuldade maior está em apreender o enraizamento da lei no universo da dúvida. Compreendemos, então, que os fundamentos do direito, das leis, estejam armados de proibições para descartar a dúvida e a incerteza nascidas do exame crítico e geradoras do espírito livre-pensador. Enquanto o

desejo do sujeito emerge graças a uma relativa indeterminação à possibilidade de uma falta, de uma interdição, o poder, a lei, reprimem então o desejo, procuram proibi-lo.

Temos assim, o juridismo inscrito nas relações pessoais. É justamente este juridismo, estas situações de confronto, que emergem textualmente e que possibilitam a instância interpretativa.

## 4. 2 - Sujeito sexual (ou erótico?)

Às vezes o tigre em mim se demonstra cruel  
 como é próprio da espécie.  
 Outras, cochila  
 ou se enrosca em afago emoliente  
 mas sempre tigre; disfarçado.  
*Carlos Drummond de Andrade*

A mulher, pois, vendo que o fruto daquela árvore era bom para se comer, e era formoso, e agradável à vista, tomou dele, e comeu, e deu a seu marido, que comeu do mesmo fruto como ela.  
 No mesmo ponto se lhes abriram os olhos, e ambos conheceram que estavam nus; e tendo cosido umas com outras, umas folhas de figueira, fizeram delas umas cintas. E Adão, e sua mulher, como tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que andava pelo paraíso, ao tempo que se levantava a viração depois do meio-dia, se esconderam da face do Senhor Deus entre as árvores do paraíso.  
*Gênesis 3, 6-8*

Prosseguindo as reflexões acerca dos mecanismos de manifestação do sujeito, opto por Michel Foucault, particularmente no que diz respeito a uma teoria da sexualidade, enquanto espaço discursivo onde se tramam, se enredam, saberes, poderes e certas posições de sujeito, como teoria possível das condições de produção do discurso tomado como objeto.

Em "História da sexualidade I: a vontade de saber", Foucault não nos apresenta um rastreamento dos comportamentos sexuais através de séculos de história das civilizações, sua meta é buscar o "tênue fio que durante todo este tempo ligou o sexo e a procura da verdade" (Foucault, 1984). Este tênue fio acaba tramando uma rede envolvendo elementos absolutamente heterogêneos: discursos,

instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são elementos do que Foucault denomina como "dispositivo da sexualidade".

Para tanto, começa problematizando: "Como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar privilegiado em que nossa verdade profunda é lida, é dita?" (1984, p. 229) Suas interrogações resumem seu projeto para a "História da Sexualidade", espaço onde acabou por deslocar o foco de sua atenção para a constituição do sujeito de uma moral na sua relação discursiva de si para si. Sendo assim, encaminha suas reflexões a partir de uma noção na qual prega que nossa verdade como sujeitos humanos alojou-se nuclearmente no sexo, principalmente a partir do cristianismo.

A teóloga alemã Uta Hanke-Heinemann (1996) conta que já nos primeiros séculos da era cristã a atividade sexual foi julgada com severidade crescente. Os médicos recomendavam a abstinência, aconselhavam a virgindade e refutavam a busca do prazer. Os filósofos estóicos condenavam todo o sexo extraconjugal e exigiam a fidelidade de ambos os cônjuges. A pederastia era vista menos favoravelmente do que antes. O elo matrimonial foi refortalecido, as relações sexuais só eram permitidas no casamento. Assim, a hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da antiguidade singularmente preservado até hoje no cristianismo.

João Paulo II ainda fala sobre o adultério com a própria esposa. "Não faça nada pelo simples prazer", é um princípio fundamental desde Sêneca (em: Ranke-Heinemann); por extensão, a rejeição ao homossexualismo: o ato sexual deve ser

um ato para procriação<sup>38</sup> – sublinearmente associado à negação do prazer. Destaque-se que a noção de que o sexo tem de ter a finalidade procriadora, caso contrário será visto sob o estigma negativo do prazer, e não à luz do amor, deixou marca duradoura nas sociedades ditas cristãs.

Foi o cristianismo também que propiciou a instauração de um discurso da sexualidade, através da confissão, do vigiar, do examinar. Estes mecanismos incitam o sujeito a produzir um discurso de verdade sobre sua sexualidade, que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito. É a "scientia sexualis" lentamente substituindo a tradicional "ars erotica" (cf. Foucault). Desta forma, colocou-se a sexualidade como questão existencial, e sua dominação como condição de salvação.

O paradoxo de se "falar" da sexualidade através da proibição, do interdito, é um fenômeno antigo em nossas sociedades. Este movimento pode ser verificado não apenas no aspecto discursivo, mas também na realidade das instituições: Igreja, escola, família, o consultório médico... Aos poucos, a modernidade foi levando os indivíduos a falarem de sua vida sexual, a confessá-la, contá-la para, finalmente, moldá-la como peça chave de suas verdades mais íntimas. É o poder incitando a enunciação da sexualidade. Para proibi-la.

Aí Foucault concentra o objetivo de sua obra: "retomar a vontade de saber onde o poder sobre o sexo se embrenhou". Não pretendia com isto fazer a "sociologia histórica de uma proibição, mas a história política de uma produção de verdade." Aliás, é da repressão, é da miséria sexual, que emerge um tipo de discurso formidavelmente instrumental para o controle e o poder. É a "armadilha dos

---

<sup>38</sup> Ranke-Heinemann observa que o ato sexual para a procriação é despojado de culpa mesmo para Agostinho, cujas doutrinas influenciaram séculos de moralidade sexual cristã. Lembra-nos ele que mesmo no sexo conjugal a pessoa pode incorrer em pecado mortal por um excesso de prazer sensual. Essa falta de autocontrole não é coberta pela disposição do apóstolo em perdoar, pois, nesse caso, a pessoa se torna "adúltera" com a própria esposa. O tema do sexo conjugal, inspirado pelo desejo como pecado mortal, continuaria a fascinar e a preocupar os papas e os teólogos até nosso século.



sexólogos, dos médicos e dos policiais do sexo: venham a nós, digam e mostrem tudo isto a nós, revelem seus infelizes segredos a nós..." Tal discurso acaba explorando a tentação de acreditar que é suficiente, para ser feliz, ultrapassar o limiar do discurso da proibição. Porém, o estímulo maior se encontra não na perseguição da liberdade em si, e sim, apropriadamente, no constante interdito de fazê-lo. Por isso, Foucault admite que existem elementos táticos comuns entre a linguagem da censura e a da contra-censura, embora as estratégias sejam opostas. O interdito ou tabu está ligado, em suas origens, à esfera do sagrado, à qual incumbia refrear a violência da promiscuidade sexual, através de um conjunto de regras e proibições (o instituto do casamento é a mais conhecida dessas regras).

Esta produção discursiva não tem fundamentalmente o objetivo de reduzir, proibir a prática sexual. Ao contrário, através de uma série de dispositivos característicos da sociedade em que vivemos, alça um efeito de provocador da própria sexualidade que é produzida; e não só a sexualidade tida como "normal", heterossexual, familiar, mas a figura do "desviante sexual, seja ele masturbador, homossexual, pervertido". Vale destacar: o interdito sempre andou de mãos dadas com o seu oposto, a transgressão, a qual, numa incoerência apenas aparente, serve exatamente para lembrá-lo e reforçá-lo: só se pode transgredir o que se reconheça proibido.

Desta forma, é preciso que se compreenda os chamados movimentos de liberação sexual como movimentos de afirmação que têm como ponto de partida a sexualidade. Ou seja, são movimentos que partem da sexualidade, "do dispositivo de sexualidade no interior do qual nós estamos presos, que fazem com que ele funcione até seu limite; mas, ao mesmo tempo, eles se deslocam em relação a ele, usam-no, se livram dele e o ultrapassam" (Foucault, 1988, p. 29).

Tanto os movimentos homossexuais como os de liberação da mulher partiram do desafio de deslocar a centralização sexual do problema, para reivindicar formas culturais de discurso, de linguagem, etc. O cerne da questão apontava para o individualismo metodológico, possessivo e selvagem que selecionou a competição como meio de vida. Assim, o outro é negado enquanto outro, enquanto alteridade e, principalmente, diferença. Seja por motivos étnicos, religiosos e, principalmente sociais, o outro é rejeitado, é excluído, é inclusive “incinerado publicamente”<sup>39</sup>.

Conforme se verificou com as mulheres, os movimentos homossexuais começaram a procurar formas novas de comunidade, de coexistência, de prazer; mas, diferentemente delas, a fixação dos homossexuais à especificidade sexual é muito mais forte, há quase uma redução total ao sexo. No entanto, levando-se em consideração que a homossexualidade é uma prática eminentemente sexual, combatida enquanto tal, a mencionada especificidade acaba por se justificar.

No final do século passado, psiquiatras começaram a analisar clinicamente os casos de homossexualismo, com firme determinação em curá-los ou, quando a cura não fosse possível, ao seu confinamento em asilos. Anteriormente, eram tidos e tratados como libertinos ou delinqüentes, doentes do instinto sexual. Institui-se, então, o ponto de partida para nova série de intervenções e controles.

Por outro lado, como nos apresenta Lejeune em “Autobiographie et homosexualité en France au XIXe siècle”, foram os médicos que possibilitaram, pela primeira vez, que o sujeito homossexual falasse sobre sua prática em primeira pessoa. Instituiu-se um lugar (apesar de todos os pesares) para a saída do silêncio.

---

<sup>39</sup> Casos paradigmáticos são: o do índio pataxó incendiado por rapazes de “classe média”, em Brasília, em abril de 1997; o do genocídio promovido pelo ex-soldado do Exército no Rio Grande do Norte, quando descobriu que era tido como homossexual, em maio de 1997; ou ainda, entre inúmeros outros, o do exemplar oficial do Exército que caiu em desgraça quando se tornou público que era homossexual, em 1996, e em 1997, sofreu violenta agressão física que o colocou em estado de coma.

A autobiografia é um ato de apresentação pública que para um homossexual, no século XIX, verificava-se praticamente impossível, a não ser nas entrelinhas da poesia lírica, ou mesmo em textos de outras naturezas, mas sempre de forma dissimulada, velada ou jocosa.

Até então não era atribuição da literatura investigar a autobiografia homossexual, mas sim, da medicina legal, a partir da leitura de duas instituições repressivas: a justiça e a psiquiatria. Cabe àquela viabilizar um espaço para a fala e a escritura sobre a própria sexualidade.

O início da emergência de um lugar enunciativo deu-se com a publicação de "Recherches au sujet de l'amour de l'homme pour l'homme" de Karl Ulrichs, em 1864. Aí se estabeleceu que o gosto por indivíduos do mesmo sexo (batizado de "uranismo") é não mais um vício ou uma doença, mas uma disposição inata. A partir de então, foi apresentado pelo dr. Westphal o primeiro estudo sistemático sobre a "inversão".

Médicos de toda a Europa passaram a se preocupar com a inversão apoiando-se na idéia de uma disposição inata. No entanto, ainda longe de a considerar como legítima, viram-na como um sintoma de "degenerescência" ou a marca de uma "carga hereditária". O fundamental era que a homossexualidade não aparecia mais como um vício, mas como um elemento natural: certos indivíduos eram fisicamente de um sexo, porém psiquicamente de outro.

A tese de Ulrichs, bem como a hipótese da hereditariedade, levava ao estudo da história da família e do indivíduo, da manifestação da sexualidade na infância até o ponto x quando se configura a escolha homossexual. Assim, pode-se diferenciar a homossexualidade nata (patologia congênita) do vício adquirido ou do comércio (praticado por pessoas não-uranistas).

Por conseguinte, surgiu a necessidade de organizar a biografia do sujeito “invertido”, através da escrita autobiográfica, donde se extraíam amostras dos casos para publicação em revistas médicas especializadas.

A mais bem sucedida convocação ao testemunho autobiográfico foi do médico Krafft-Ebing, cuja “*Psychopathia sexualis*” incrementou-se a cada nova edição: da primeira edição (1886) à nona (1894), o livro passou de 110 a 454 páginas. Os leitores de cada edição enviavam a Krafft-Ebing seus testemunhos autobiográficos que acabavam por sustentar a edição subsequente. As motivações para esta participação eram bastante variadas, entretanto circundam duas atitudes: o testemunho militante ou o pedido de socorro.

Em seu estudo, este médico austríaco chegou á conclusão, conforme registro de Fry e MacRae, de que os uranistas sofrem de uma mancha psicopática, que mostram sinais de degenerescência anatômicos, que sofrem de histeria, neurastenia e epilepsia. Acrescenta ainda que na maioria dos casos, anomalias psíquicas (disposição brilhante para a arte, especialmente música, poesia, etc., ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidades) estão presentes e podem se estender a condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral).

Seja qual for o caso, o “doente” tem plena consciência de que Krafft-Ebing poderá publicar sua narrativa. Evidentemente poderia se questionar a legitimidade ou o valor destes relatos, no entanto são fruto de um compromisso aceite para fazer com que sua voz seja ouvida, mesmo submetida a um discurso institucional e condenável. “Se somos assim, sejamos assim, e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês” (Foucault, 1984, p. 234).

Segundo Lejeune, a sexualidade foi, geralmente, observada associada a crimes, delitos ou sintomas patológicos: roubos, atentados ao pudor, problemas epiléticos, tentativas de assassinato, suicídios, parricídios...

Havelock Ellis foi o primeiro a ensaiar a homossexualidade fora do quadro médico, a partir de entrevistas com a alta sociedade inglesa: “mes cas, dit-il, ne sont pas ceux des malades cherchant un remède à leur perversion” (Lejeune, 1987). A maioria se aprova tanto quanto a qualquer indivíduo “normal”. São os “pederastas normais”<sup>40</sup>, voz não muito discutida na literatura médica do século XIX.

Os médicos são pouco escrupulosos na sua maneira de relatar os discursos colhidos. As notas autobiográficas são “editadas” (cortadas, resumidas, truncadas, reorganizadas) com liberdade pelos médicos. Entretanto, há páginas que falam à imaginação, justamente aquelas em que o médico deixa a fala para o “desviante”. Lejeune verifica que “ces fenêtres qui s’ouvrent dans le texte découvrent parfois des paysages atroces, mais donnent au lecteur la possibilité d’entendre une voix, de suivre une expérience racontée dans la perspective du vécu, elles ouvrent un espace possible à l’identification”. (op. cit., p. 85)

Em 1896, Lupts (dr. Georges Saint-Paul) lança “Perversion et perversité sexuelles”, obra fundada na oposição de dois casos: a confissão de um jovem italiano dada como exemplo de uma “perversão natural”, e aquele de Oscar Wilde, exemplo de “perversidade adquirida”. O livro fora prefaciado por Zola. Tal proposta mostra a preocupação (comum a médicos, sexólogos, psiquiatras, e juristas, do século XIX) em entender quem, dentre os homossexuais, era um

---

<sup>40</sup> O *Corydon* de Gide serve de exemplo onde o homoerotismo é explicitamente defendido, com base científica.

“verdadeiro degenerado, pervertido”, e quem era “um invertido simples”<sup>41</sup>, quem era conforme a natureza, quem era contra ela. Sublinearmente pode-se detectar a noção de “desvio” tão cara aos defensores do instinto “normal” de reprodução da espécie.

Um dossiê preparado por Georges Hérelle, entre 1884 e 1900, intitulado “Ms. sur la pédérastie”, o faz um dos primeiros teóricos homossexuais da homossexualidade, na linha de Ulrichs, adiante do “Corydon” de Gide. Na obra, Hérelle experimenta um triplo diálogo. Diálogo contra toda a literatura médica: ele conhece bem a essência das teorias alemãs e francesas, de Westphal a Krafft-Ebing, de Charcot e Magnan a Laupts. Diálogo com seus amigos, que após responderem a seus questionários, discutiam aspectos ali suscitados. Por fim, diálogo consigo mesmo. Tal questionamento cede muito menos lugar à hereditariedade e à patologia, explora mais livremente a história, a vida moral, os problemas práticos do homossexual, considerado como um ser certamente diferente mas normal. O dossiê traz em anexo uma Carta-prefácio que pontua, com uma lucidez notável, o desejo e as possibilidades de expressão dos homossexuais na França ao fim do século XIX.

#### *Lettre préface*

Venu de lire.

Émotion de lire de tels livres: curiosité passionnée, déception ou indignation, reconnaissance.

Peu de valeur des renseignements de seconde main. – Difficulté de connaître les péd. – Ils ne se révèlent pas même entre eux. – Moi.

Et pourtant étrange besoin de se faire connaître – mais il y a un tréfond ...

Qui je suis. – Pas médecin. – Un peu philosophe. – Toujours curieux de ces questions. – Bien documenté.

---

<sup>41</sup> Eis um reflexo da obsessão criada pelas ideologias instintivistas, evolucionistas e racistas do século XIX para justificar o modelo da sexualidade familiar, conjugal e heterossexual enquanto fortaleza da moral e signo da superioridade da cultura burguesa frente às outras classes sociais e aos povos colonizados.

Et vous? qui êtes-vous? comment les jugez-vous? Pourquoi ces mots: ignominieux, etc.

Ah! si je savais que vous sympathisiez ... Idée de se confesser... Mes amis m'ont dit l'avoir eue aussi.

Mais les faits – sous le couvert de l'anonyme, je puis vous les dire complètement, brutalement.

Mais vous n'aurez pas encore mon âme.<sup>42</sup>

Hérelle não se submeteu aos questionários e às posteriores análises do dr. Laupt, preferiu criar um a seu modo. Todo seu dossiê sobre a pederastia atesta uma grande independência de espírito. Somente a geração seguinte, com Gide, conquista o direito à palavra.

Philippe Lejeune, contudo, destaca a importância destes testemunhos, mesmo os mais manipulados, já que são as formas encontradas para manifestação de uma saída do silêncio. Ou seja, a prática autobiográfica coloca-se como produto de uma espécie de liberação. Além disto, a carta-prefácio elencada e destacada por George Hérelle é mais que um documento histórico, haja vista sua pertinência acrônica.

Na fronteira de tais discursos, há toda uma literatura dita da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas (veja Wilde, Proust, Gide e outros já mencionados no capítulo 1). É a inversão estratégica de uma "mesma" vontade de verdade. Na verdade, é isto que acontece, via de regra, com todas as minorias.

---

<sup>42</sup> Em Lejeune, 1987, p. 89.

Carta-prefácio

Li.

Emoções por ler tais registros: curiosidade apaixonada, decepção ou indignação, identificação.

Pouco valor nas informações - dificuldade de conhecer os pederastas - eles não se revelam mesmo entre eles.

Estranho, contudo, a necessidade de se fazer conhecer - todavia há um profundo . . .

Quem sou? - Não médico - Um pouco filósofo - Sempre curioso sobre estas questões. - Bem documentado.

E você? Quem é você? Como os julga? Por que estas palavras: ignominiosas, etc.

Ah! Se eu soubesse que você era simpatizante da idéia de se confessar . . . Meus amigos também.

Os acontecimentos - sob a cobertura do anonimato - eu vos contarei completamente, brutalmente, depois.

Mas vocês não terão, ainda assim, minha alma.

Foucault vislumbra na atualidade um movimento que parece estar indo contra a corrente do "sempre mais sexo", do "sempre mais verdade no sexo" que existe há séculos: trata-se de criar outras "formas de prazer, de relações, de coexistências, de laços, de amores, de intensidades" (1984). O fato é que a sexualidade, mesmo que "formulada e proibida, dita e interdita", apresenta-se como um dispositivo de conversão que nenhum sistema de poder pode dispensar.

Por outro lado, sob o poder há coisas vivas, pulsantes: há "atrás dos muros do asilo, a espontaneidade da loucura; através do sistema penal, a febre generosa da delinqüência; sob o interdito sexual, o frescor do desejo". O que acaba por implicar uma "certa escolha estético-moral: o poder é mau, é feio, é pobre, estéril, monótono, morto; e aquilo sobre o qual o poder se exerce é bem, é bom, é rico" (p. 238). Mas é conveniente considerar que onde existe poder, existe também a possibilidade de resistência; e para que isto ocorra faz-se necessário que a resistência seja como o poder: "inventivo, móvel, produtivo". E já que se abre tal possibilidade, é sinal de que não somos (pelo menos, totalmente) tão aprisionados pelo poder, existe espaço para ruptura, para modificação de seus contornos.

A "vontade de saber" sobre a sexualidade é peça essencial de uma estratégia de controle do indivíduo e da população – "grande novidade da sociedade moderna" –, já que o estatuto da sexualidade não se efetiva exclusivamente enquanto simples determinação regional, funcional, mas sim enquanto característica peculiar da essência do homem que remonta às suas origens mais primitivas, psicofísicas. Semelhante característica ajuda a conformar, cada vez de uma forma especial, todas as dimensões definíveis do ser humano, e é também conformada por cada uma delas. A sexualidade não é algo que uma pessoa simplesmente possua ao lado de outras coisas, e portanto algo sem o que seus demais atos e relações existenciais não possam ser concebidos e realizados, ela



é construção social, que, portanto, deve ser vista sempre mergulhada em seu contexto histórico.

Como a sexualidade é transregional (transtópica), torna-se extremamente difícil dar uma descrição definitiva da masculinidade e da feminilidade humanas. Teria tal descrição de receber renovados matizes para as diferenças individuais da pessoa. E por isso as tentativas de definição sempre ficam abertas à acusação de confundir modelos e papéis de gêneros historicamente condicionados, ou a capacidade reprodutiva, com a essência da sexualidade, ou então de dar predominância absoluta a um dos sexos e a definir o outro somente desta perspectiva.

Devemos, portanto, seguindo Foucault (1988), não referir uma história da sexualidade à instância do sexo, e sim, mostrar como o sexo se encontra na dependência histórica da sexualidade.

Não situar o sexo do lado do real e a sexualidade do lado das idéias confusas e ilusões; a sexualidade é uma figura histórica muito real, e foi ela que suscitou, como elemento especulativo necessário ao seu funcionamento, a noção do sexo. Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo se está dizendo não ao poder; ao contrário, se está seguindo a linha do dispositivo geral de sexualidade... É preciso pensar o dispositivo da sexualidade a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas (p. 35).

Pensar o mundo de uma forma não-simplista: mocinhos versus bandidos. Pensar, isto sim, em homens, mulheres, médicos, legistas, homossexuais, psicoterapeutas e instituições que fazem parte de um todo por certo maior que a soma de seus componentes individuais. Pensar a sexualidade como conteúdo fornecido pelas relações sociais humanas, as atividades produtivas e a consciência. Como tal,

palco onde se movimentam disputas, paradoxos, contradições e transformações. Processo.

De qualquer forma, o ocaso das categorias<sup>43</sup> (de identidade de gênero, masculino e feminino, por exemplo) inventadas pelo mesmo poder que nos levou a falar tanto de nossa sexualidade sugere que talvez o sexo esteja perdendo um pouco seu lugar de exceção e ganhando no desvelamento ou expressão da verdade sexual.

Se, por uma inversão tática dos diversos mecanismos da sexualidade, quisermos opor os corpos, os prazeres, os saberes, em sua multiplicidade e sua possibilidade de resistência às captações do poder, será com relação à instância do sexo que deveremos liberar-nos. Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o sexo-desejo, mas os corpos e os prazeres (Foucault, op. cit., p. 39).

---

<sup>43</sup> O psicanalista Contardo Calligaris aponta a mobilidade e a dificuldade de se tratar das diferenças sexuais. Há alguns anos, existe a distinção entre sexo biológico e identidade de gênero, sendo entendido que pode não haver correspondência entre um e outro. Isto quer dizer, grosso modo: é possível se viver como mulher em um corpo de homem e vice-versa. No entanto, existir como homem ou como mulher não implica no que concerne ao desejo sexual. Paradoxo: se tenho um corpo de mulher, mas vivo como homem, isso não quer dizer necessariamente que eu prefira desejar mulheres.

Em síntese, o *sexo biológico* é diferente de *identidade de gênero* que é diferente de *orientação sexual*.

Calligaris ainda pondera que certamente será possível encontrar diferenças biológicas segundo as quais dividir os seres humanos. Mas, se as diferenças encontradas são sem dúvida biológicas, as categorias segundo as quais os humanos são divididos são eminentemente culturais. Para Kristeva, por exemplo, palavras como *feminino* e *masculino* não se referem a mulheres e homens: são funções de linguagem, indicando a posição do sujeito na cultura.

Assim, “não se trata de discutir se o homoerotismo é determinado biologicamente ou não. O problema é que para procurar uma especificidade biológica do homoerotismo é necessário primeiro considerar (culturalmente) que o homoerotismo seja uma categoria relevante. Daí, procura-se ver se existe ou não algum traço biológico dos homoeróticos”.

Então, por mais que encontremos uma especificidade biológica própria do homoerotismo e que seja estatisticamente significativa, resta que a divisão da sociedade sexual em homoeróticos e heteroeróticos não tem nada de biológico, e é uma distinção, conforme vimos, bastante recente.

Volta-se, desta forma, à estaca zero: o sexo não coincide com a identidade sexual (de gênero), que por sua vez não coincide com a orientação sexual. Desta orientação talvez seja possível encontrar uma marca biológica. Mas, de qualquer maneira, as categorias, os grupos que acabarão sendo confirmados graças a estas marcas não serão nunca “naturais”, mas sempre decididos previamente pelo nosso estágio cultural (histórico). A problemática das diferenças sexuais se transforma então, neste fim de século, em uma questão sobre as próprias categorias segundo as quais se estabeleceriam as diferenças, colocando-se além do âmbito da orientação sexual.

**Capítulo 5**  
**As possibilidades de movimento**  
**ou**  
**sobre o movimento das peças**

## 5. 1 - Cara ou cachorra: disputando direitos e deveres

Tirar cara ou coroa é confiar à sorte a solução de uma disputa.  
As moedas das monarquias tinham no verso a efígie do soberano, ou soberana, e do outro lado a coroa.

Atirada para cima, ao cair, qualquer moeda mostraria uma das faces:  
ou a cara, ou a coroa, perdendo quem tivesse escolhido a que ficasse para baixo.  
Nas moedas republicanas, convencionou-se que o lado da coroa é o oposto da cara.

*R. Magalhães Júnior*

Não concluiu mais nada porque ainda não estava acostumado com discursos  
porém palpitava pra ele muito embrulhadamente muito!  
que a máquina devia de ser um deus de que os homens não eram verdadeiramente donos  
só porque não tinham feito dela uma lara explicável  
mas apenas uma realidade do mundo.

*Mário de Andrade*

Com vistas à operacionalização de minha análise efetuei recorte dos dados que melhor caracterizavam as hipóteses e finalidades deste trabalho. Procurei privilegiar enunciados nos quais as situações de linguagem mostrassem o movimento da tensão, o discurso polêmico – conforme classificação de Oriandi (1987) – que é onde melhor se observa o jogo entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia), a disputa entre um e outro sentido. Aí estão marcadas questões de regras, práticas, relações hierarquizadas e autoritárias de comando-obediência, polarizadas em uma multiplicidade vocálica.

O que vemos nestes “enunciados mínimos” é um grande jogo entre duas posições que têm (aparentemente) uma relação de antagonismo entre si. De um lado, Cara

com uma vivência (sexual) caracterizada pela permissividade, de outro, está Lady Águia com seus desejos contidos por cerceadores “não pode não pode”, provenientes de seu dono. A posição de Cara atua no sentido de calar o desejo de Águia. “O desejo do sujeito é calado precisamente porque o sujeito procede da literalidade e da univocidade da Lei” (Haroche, p. 190).

Recorte | a |: ... logo se chegou correndo para mim um conhecido sem raça mas preto e branco alegre e simpático com quem sempre brincava mas desta vez a brincadeira foi um tanto violenta ficou todo nervoso saiu de entre as pernas dele um pequeno bastão vermelho parecido com a tripa do Menino naquela prisão fedida quando saiu o leite não leite amargo me agarrou por trás abraçou-me pelas virilhas sua cabeça cutucava a minha senti alguma coisa pulsando quente entrando em mim mais dor que prazer comecei a gritar apareceu o Cara correndo com uma grande vara na mão nos separou a porrada eu corri apavorada para meu quartinho o Cara veio correndo atrás de mim

– não pode ainda sua filha da puta

não deu atenção a meu desesperado pedido de perdão batendo o rabo aceleradamente sem cessar ele sem cessar me batendo com o jornal dobrado eu sem saber qual o erro cometido fechou a porta acho que era de manhã dormi um pouco não sei quanto tempo acordei de noite o Cara me solta vou para dentro de casa ele e Curitiba estão ouvindo música o rapaz bebendo um líquido marrom o Cara sempre a mesma coisa amarelada com pedras dentro que eu gostava muito de mastigar quando ele atirava no chão para mim lambia depois mastigava aquilo ia-se diluindo misteriosamente em minha boca virava água o Cara falava

– ela é pura não quero mistura com vira-lata ... (p. 20-21)

A “interlocução” ocorre entre Lady Águia e o Cara, cachorra e seu dono. No que se refere às condições de produção, portanto, o dono está em posição de autoridade em relação à cachorra. A principal pista deste funcionamento está na seleção lexical que representa claramente o impasse existente entre as duas

personagens. Observe-se, através do recorte, a clara delimitação dos espaços de atuação, antagônicos, evidenciáveis na alternância e recorrência pronominais (eu x ele): *meu x ele x eu x o Cara x me x ele x eu x ele x mim x o Cara x minha . . .* Há uma espécie de incompatibilidade de procedimentos, estreitamente vinculada à situação de conflito, que se mostra no recorte. Isto é, o *status* de proprietário do Cara outorga-lhe o direito de *“correndo com uma grande vara na mão”* separar *“a porrada”* Águia do cachorro que a possuía. Observe-se que o movimento de Águia com este *“conhecido sem raça”* era de passividade, curiosidade; rompido bruscamente pela intervenção do Cara: *“ – não pode ainda sua filha da puta”*. A postura da cachorra que era, a princípio, de medo, *“eu corri apavorada para meu quartinho”*, passa a de total submissão, já que não questiona a reação de seu dono, mais que isto, pede perdão: *“não deu atenção a meu desesperado pedido de perdão batendo o rabo aceleradamente sem cessar”*. Com a insistência do Cara em mostrar sua posição de autoridade, *“ele sem cessar me batendo com o jornal dobrado”*, resta à cachorra acatar a posição de obediência e aceitação: *“eu sem saber qual o erro cometido”*. Nesta seqüência, Águia assume o lugar proposto pelo equívoco, a posição de ré. A passividade é característica do sujeito-de-direito, mas paradoxalmente, não se oporia ao seu desejo, pois esta passividade do sujeito não é apenas sofrida mas também desejada, mantida como legal satisfação. Haroche vislumbra na passividade os imperativos de mobilidade e de intercambiabilidade exigidos pelas formas de assujeitamento ao Estado: condição necessária para esta, a crença aparece portanto como um elemento indispensável à passividade, ela torna o sujeito seguro, tirando-lhe toda incerteza. Não crer mais seria a destruição (dos sujeitos).

Recorte | b |:

*– coitada deixa ela aproveitar a vida*

*– não pode é muito nova a cria não presta só com mais de um ano pelo terceiro cio*

*resolvia por mim eu compreendo que o abraço do tal vira-lata poderia me encher de filhotes como minha mãe tinha tido passei a achar que o sangue o calor eram coisas naturais mas sem o abraço seria inútil sentir sofrer tudo aquilo mas quando o Cara dizia “não pode” a proibição era definitiva como aprendi com as surras por causa do xixi e do cocô em lugares proibidos ...*

(p. 21)

Nesta seqüência enunciativa, Curitiba tenta dissuadir o Cara: *“coitada deixa ela aproveitar a vida”*, na presença da própria cachorra. Apesar da mediação, o Cara insiste na proibição, embora, desta vez, justifique sua posição: *“ – não pode é muito nova a cria não presta só com mais de um ano pelo terceiro cio”*. Sua justificativa expõe a única possibilidade de concretização do “pode”: a procriação; seu mais eminente direito (ou dever?).

*“Resolvia por mim”* é importante pista sinalizadora da posição de comando do Cara, autoritariamente assumida, e “compreendida” por Águia. Aí, Águia mostra ter consciência de que existe uma inversão, ou melhor, uma apropriação (pelo Cara) do poder de decisão sobre sua própria vida. *“Quando o Cara dizia ‘não pode’ a proibição era definitiva”*. Há um reconhecimento do lugar do Cara e de seu próprio lugar na hierarquia estabelecida no relacionamento entre eles.

Recorte | c |: *... começou a tentar encaixar o bastão dentro de mim eu morta para rir porque naturalmente a coisa não ia caber mas Curitiba insistia eu ali feito idiota pensando na dor-prazer daquela manhã com medo que o Cara aparecesse com a vara enorme querendo fugir do abraço de Curitiba querendo ficar para saber o resultado quando a porta se abre de repente o Cara furioso me agarra pelo pescoço me arrasta*

*– não pode não pode*

*me tranca no quartinho de onde ouço a discussão*

*– não quero saber disso*

– *não sou tarado foi brincadeira*

– *é de raça pura quero cruzar com outro da mesma raça*

*Curitiba ria*

– *minha raça é melhor*

– *raça de filho da puta se você se aproximar da Águia outra vez te mando embora*

*as vozes foram indo para longe dormi acordei pela madrugada aos gritos assaltada por bastões e tripas de todas as cores e tamanhos querendo me possuir à força “não pode não pode” a voz do Cara me enchendo os ouvidos... (p. 21)*

Entre este recorte e o anterior processa-se uma ruptura essencial. Até então, a proibição do Cara “parecia” estar estritamente relacionada à reprodução, à qualidade da cria; no entanto, o escopo da proibição mostra-se muito mais abrangente a partir do recorte | c |. Eis a emergência de uma postura fundamental, considerando-se os objetivos desta dissertação: “Não pode” ao instinto. “Não pode” ao prazer. “Não pode” ao sexo. “Não pode” à descoberta do próprio corpo. “Não pode” ao conhecimento dos próprios limites. “Não pode” à vontade. “– *não quero saber disso*”.

Para corroborar esta moção, retalhamos a seqüência e destacamos:

| c1 | – *é de raça pura quero cruzar com outro da mesma raça,*

onde o equívoco provocado pelo chiste, pela ironia, parece funcionar como um dispositivo discursivo a apontar, mais do que ao “simples” descontentamento do Cara, a uma fenda na superfície lingüística expondo, com o gesto, alguns de seus pilares fundacionais, conforme mapeamento já estabelecido (principalmente) no capítulo anterior.

Em | c1 |, evidencia-se a manifestação de um outro enunciador que expressa um ponto de vista insustentável. O locutor assume as palavras, mas não o ponto de



vista que elas representam. Para Maingueneau (1993), o interesse estratégico da ironia prende-se ao fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência, viabilizando um enunciado que possui dois valores contraditórios. No primeiro, um enunciador assume a literalidade do enunciado: Lady Águia é uma cachorra de raça pura, por isso é “normal” seu proprietário querer que ela cruze com outro animal da mesma raça. No segundo, um enunciador assume um gesto de dimensão ofensiva – e defensiva (comuns na ironia) – ao dizer que Curitiba (um homem) não poderia “cruzar” com a cachorra por não pertencer à sua raça. A dupla leitura instaurada articula-se a partir das possibilidades de sentido contidas em “raça”. Dupla leitura, inscrita na situação de enunciação construída pelo texto. Relativo a animais domésticos, o (não) cruzamento de raças significa manutenção ou aprimoramento de determinados caracteres. No entanto, aplicada a seres humanos, raça é um conjunto de caracteres somáticos, de origem, de ascendência, neste caso, falar em “não misturar raças” aponta para posições discursivas socio-historicamente carregadas.

A formulação trabalha com as possibilidades de sentido expondo uma fachada cujo efeito é o de intentar construir uma sexualidade voltada para o “natural”, apresentada como materialização da “normalidade sexual”, cujo aporte tem naturezas várias: moral, social, religiosa, científica. Aí sim, falam vozes “homogeneizadas”, de condições de produção, como “códigos fundamentais de uma cultura que fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar, e nas quais se há de encontrar” (Foucault, 1995a, p. 10). Esse é o plano, conforme percurso do capítulo dois deste trabalho, das formações ideológicas, previstas por Pêcheux, e das formações discursivas, concebidas por Foucault e reinterpretadas por Pêcheux e Courtine.

Via de regra, o “querer” do impulsivo – por exemplo: Lady Águia querendo fugir, querendo ficar – na medida em que é seguido da aparição imediata de um poder que parece daí derivar bem naturalmente, não produz o mesmo efeito de sentido

que o “querer” do obstinado – “*não quero saber disso, quero cruzar com outro da mesma raça*” – que segue um “não-poder” de que ele parece diametralmente nutrir-se e reforçar-se.

Observe-se, entre o recorte | c | e o recorte | a |, a existência de um sintagma que diferencia as duas cenas, não obstante o mesmo sentimento de curiosidade e passividade que mobiliza a cachorra: “*com medo*”. Com o medo do Cara aparecer com seu “*não pode não pode*” (que acaba acontecendo), há o reconhecimento de um sentimento de culpa, que não existia, e que a repressão sofrida acabou instaurando. É esta voz que passa a assaltá-la até de madrugada: “*‘não pode não pode’ a voz do Cara me enchendo os ouvidos*”.

Na problemática da enunciação, a modalização (cf. Greimas, 1979) define a marca, o valor atribuído pelo sujeito aos estados de coisas que descreve ou alude em seus enunciados e/ou aos participantes destes estados de coisas. A evocação dos diferentes conceitos utilizados na análise da enunciação greimasiana permite que se compreenda melhor a noção de modalização. O conceito de “distância” considera a relação entre sujeito e mundo por intermédio do enunciado: no caso de distância máxima, o sujeito considera seu enunciado como parte integrante de um mundo distinto dele mesmo; a distância mínima é o fato do enunciado totalmente assumido pelo falante. O conceito de “transparência” estuda a presença ou o apagamento do sujeito da enunciação: o discurso pedagógico presente nos livros escolares, por exemplo, pressupõe uma transparência máxima; a poesia, uma opacidade máxima.

Aos conceitos referidos some-se o conceito de “tensão” que registra as relações entre falante e ouvinte por meio do texto: ser, estar, ter, por exemplo, marcarão a tensão mínima, os auxiliares querer e poder, a tensão máxima. Há, portanto, na redundância dos dois mencionados auxiliares em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, a evocação de um movimento de tensão exacerbada. A

modalização do enunciado então mobiliza sentidos como portadores de um certo grau de adesão do sujeito a seu discurso.

Entre as possibilidades de gradação, existe uma escala de probabilidades que se refere em enunciados com modalidade compromissiva, ao grau de obrigação com que são (auto)impostos ou, complementarmente, ao grau de liberdade com que podem ser cumpridos (modalidades deônticas). As modalidades deônticas manifestam-se em enunciados com modalização diretiva, isto é, têm como objetivo tentar que o receptor tenha, no futuro, o comportamento expresso pelo estado de coisas ao qual nele se faz uma alusão.

Além de se manifestarem em enunciados com modalização diretiva, a modalidade deôntica é expressa por operações de obrigatoriedade, de proibição, de facultatividade ou permissão. No caso dos recortes selecionados, “*não pode não pode*” é enunciado de proibição, reforçada sobremaneira pela repetição, cujo estatuto discursivo discutirei adiante.

Estas colocações funcionam no sentido de assegurar posição de força no discurso. Ao manter a direção do discurso, sua posição de comando está assegurada. Assim, o autoritarismo do Cara é posto para “orientar” o comportamento de Águia, a princípio, no tocante às suas necessidades fisiológicas mais elementares, logo depois, às suas “curiosidades” sexuais<sup>44</sup>. A força de um é contraposta à fraqueza do outro.

Recorte | d |: ... *me chamou para perto dele abriu a calça tirou o bastão para fora quando ia começar a lamber me deu um tremendo chute*

– *não pode*

*me bateu de novo me trancou na prisão no dia seguinte não vi mais Curitiba que pena pois até era bonito gentil mas é tão difícil saber o que “pode” e o*

---

<sup>44</sup> Observar os recortes | e |, | f | e | g |.

*que “não pode” melhor ficar sempre perto do Cara ele me trata bem me dá comida me faz carinhos sem intimidades muitas vezes fala coisas comigo que não entendo bem mas gosto da música de suas palavras em voz baixa ... (p. 22)*

Destaque-se, neste último recorte, a progressão discursiva resgatada através de um mecanismo de gradação lexical. O “meu quartinho”, no recorte | a |, estrutura formada por um pronome marcando uma possessividade desejada e um diminutivo afetivo que aponta para aconchego, é refúgio da cachorra “apavorada” e passa de “não pode” em “não pode” a “prisão”, lugar de criminosos, daqueles que não têm liberdade, e em que só se pode entrar como castigo, punição. Além disso, no primeiro recorte, o Cara “fechou a porta”, aqui, “me trancou”. Em termos de equivalência semântica: “fechou a porta” está para “meu quartinho”, assim como “me trancou” está para “prisão”.

Tais estratégias assumem um efeito de incrementar a contraposição das duas posições ideológicas, numa relação dessimétrica de autoridade: fragilidade x força, ou oprimido x opressor, que aparecem ancoradas por noções como virtude/pecado, moralidade/imoralidade, saúde/doença<sup>45</sup>, direitos/deveres. Lembre-se que as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. A posição institui o sentido, tendo em vista as formações ideológicas nas quais se dá a inscrição destas posições (Orlandi e Guimarães).

Quando, no começo deste capítulo, falei em “posições que têm (aparentemente) uma relação de antagonismo entre si”, o “aparentemente” propõe uma janela aberta para a possibilidade de se entrever uma relativa harmonia neste jogo estabelecido entre Cara e Lady Águia, hajam vista suas falas remeterem a uma mesma configuração discursiva. Enquanto manifestação dos conflitos universais acima referidos, suas vozes não diferem quanto à ideologia, refletindo situações

---

<sup>45</sup> Rangel, em um ensaio “interessante”, capta analogias possíveis entre dois textos de condições de produção diferentes, muito embora o “modo de fazer” seja o mesmo. Para tanto, faz um percurso inverso do que geralmente se opera em análise do discurso, quer seja, partiu dos efeitos para às condições de produção.

marcadas pela hierarquia de autoridade pré-estabelecida, definidas por determinações institucionais e históricas, que a concebem como tal.

## 5. 2 - “Não pode” e o jogo polifônico

A orientação do “não-lugar”<sup>46</sup> alerta-nos para a escolha freqüente de sucessivas determinações negativas ( “não pode, não pode, não pode . . .”), cujo efeito leva o leitor a perceber mais de um lado da questão. Semelhante interpretação permite a percepção de um efeito de ambigüidade, que acaba descerrando os limites castradores de qualquer certeza de interpretação.

Releva-se, com a recorrência da negação, um funcionamento em que o responsável pela recusa opõe-se, não a um locutor, mas a um enunciador colocado em seu próprio discurso, no entanto não é delimitado discursivamente. Este choque entre atitudes – positiva/negativa – destaca a negação como objeto de análise polifônica, a princípio em nível de enunciadores, já que atribuídas a dois enunciadores diferentes.

A negação presente em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* é polêmica, trata-se de um “verdadeiro” ato de negação, de refutação do enunciado positivo correspondente. Com ela, há a rejeição de um enunciador mobilizado no discurso, enunciador este que não é o autor do enunciado realizado. O enunciado rejeitado é constituído no interior da própria enunciação que o contesta, administrando, através de sua recusa, um caráter dramático, tensivo. Reiterativo impacto, que se mesmo, é outro.

Entre as manifestações mais clássicas de heterogeneidade enunciativa estão os discursos direto e indireto. Através do quadro polifônico de Ducrot, visto acima, o discurso direto se apresenta pela aparição de um segundo locutor no enunciado

---

<sup>46</sup> Conforme ensaio em que analiso nas sutilezas da obra “Utopia”, de Thomas More, a moldagem de um discurso político por intermédio do enunciado de suas teses. Neste caso, a “moldura” empregada é a opção pelo “não”, o lugar da negação (Santos, 1996b).

atribuído a um primeiro locutor. Ou seja, um segundo locutor (o Cara) aparece e passa a fazer parte da locução de um primeiro (Lady Águia). Além disso, conforme já foi mencionado, a “voz” do Cara pressupõe um enunciador que “diz”: – pode!

Muitas vezes, atribui-se ao discurso direto um espaço de opositor do discurso indireto, já que o primeiro mostraria “literalmente” as locuções mencionadas, sendo assim considerado mais fiel que o discurso indireto. Na verdade, não se trata de um simples caso de fidelidade, são apenas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação.

Através dos fenômenos referentes à citação, é possível resgatar o contraste entre diferentes formas de relatar uma mesma enunciação, avaliando, desta mesma forma, os diferentes graus de engajamento do citante com relação ao discurso citado.

Maingueneau (1993) aponta a “ambigüidade fundamental do fenômeno da citação” ao se considerar o grau de adesão do locutor com o que está dizendo. Para tanto, retoma A. Berrendonner, quando este assevera que no caso de um locutor contentar-se “em relatar as alocações assertivas de um terceiro, em lugar de garantir *pessoalmente*, através de uma simples afirmação, a verdade de p, isto permite concluir que ele *não pode*, por si só, subscrever p, não acreditando muito, por conseguinte, em sua verdade”. Por outro lado, para C. Kerbrat-Orecchioni, o fato de um locutor ocultar-se por trás de um terceiro “é freqüentemente uma maneira hábil, por ser indireta, de sugerir o que se pensa, sem necessitar responsabilizar-se por isto”. Evoca-se assim uma ambigüidade: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o *não-eu*, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a “autoridade” que protege a asserção. Pode-se tanto dizer que o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo, quanto o contrário. Quer

num caso, quer noutro, há um gesto de resistência em incorporar o enunciado do outro.

Um dos recursos que mais chamam atenção na composição de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* é a quase total ausência de pontuação gráfica. A única (e escassa) marcação que se verifica é justamente aquela indicadora do discurso relatado direto: travessão e aspas. O enunciado “*não pode*” é o único a aparecer nas duas situações.

Quando o locutor-narrador “afasta-se” permitindo que o locutor-personagem-Cara enuncie sua “vontade”, este o faz por meio do uso de travessões:

| e | ... o Cara trazia me arrastava até o cocô me fazia cheirar  
– *não pode não pode não pode* (p. 18)

| f | ... o Cara furioso me agarra pelo pescoço me arrasta  
– *não pode não pode* (recorte | c |)

| g | ... quando ia começar a lambar me deu um tremendo chute  
– *não pode* (recorte | d |)

O fato de se valer do discurso relatado direto com travessão, além de realçar veementemente a fala (esta aparece ilhada em meio a outros enunciados destituídos de qualquer marca de pontuação gráfica), marca uma relação na qual o locutor se delimita, como se estivesse apontando: este que diz “*não pode*”, não sou eu.

No entanto, a partir de um determinado momento, o “*não pode*” é consubstanciado à massa enunciativa do locutor-narrador sem a insularidade provocada pelo uso de travessões, mudança de linha e com a ausência, quase



que absoluta, de verbos delocutivos<sup>47</sup>, mas ainda “cintilante”, conforme Authier (1984), pelo uso de aspas, numa espécie de “eco imitativo”, por Ducrot, marcando assim sua alteridade. Aliás, a alteridade também fica claramente manifestada nos recortes | e | até | m | pela ruptura sintática entre a voz que cita e a voz citada. Este é o caminho escolhido pelo locutor citante para dividir com o interlocutor seu espanto, suas discordâncias, suas incompreensões. Mostra também a possibilidade de o locutor citante poder delegar ao locutor citado a responsabilidade pela sua afirmação, cujo conhecimento de causa não se questiona. Responsabilizado pela afirmação, o locutor citado dá legitimidade ao argumento “defendido” pelo locutor citante, paradoxalmente isentando-se de responsabilidades, ao pretender passar-se apenas como retransmissor das palavras de outrem. Fica, desta forma, marcada, na superfície discursiva, uma relação de não-coincidência, seja entre palavra e sujeito, seja entre palavra e coisa.

| h | ... *quando o Cara dizia “não pode” a proibição era definitiva ...* (p. 21)

| i | ... *acordei pela madrugada aos gritos assaltada por bastões e tripas de todas as cores e tamanhos querendo me possuir à força “não pode não pode” a voz do Cara me enchendo os ouvidos...* (p. 21)

| j | ... *é tão difícil saber o que “pode” e o que “não pode” melhor ficar sempre perto do Cara...* (p. 22)

| l | ... *eu senti que sua decisão era a final como se tivesse dito “não pode”...* (p. 41)

Verificamos que tanto no caso do uso de aspas como no de emprego de travessões evidencia-se uma certa resistência a incorporar o discurso da

---

<sup>47</sup> Muitas vezes empregados como legítimos filtros analíticos.

proibição. Aos poucos, há um reconhecimento do lugar do Cara na hierarquia – cachorra-seu dono. Tal reconhecimento pode ser pinçado, por exemplo, quando Lady Águia diz *“aprendi com as surras”* (p. 21) ou então, quando reconhece que *“é melhor ficar sempre perto do Cara”* (p. 22). Ou seja, ficar sempre perto do Cara significa ter segurança, não correr riscos, acertar sempre entre o que “pode” e o que “não pode”. Assim, passa de uma política de resistência para uma de aceitação, de acatamento do inquestionável:

| m |... *quando o Cara dizia “não pode” era caso fechado tratei de me conformar em poucos dias passou tudo...* (p. 37)

Tanto passou que, dias depois, quando sofreu o assédio de Louro, enquanto o Cara fora para o quarto com um outro moço, Águia ficou “querendo que o Cara aparecesse” (p. 26). Como ele não aparecera, teve que se desvencilhar sozinha e fugir, numa evidente alusão à assimilação do “não pode”. Vale dizer, via obstinação, o conflito resolve-se pela vitória do sujeito volitivo. Leia-se aí uma clara conexão entre repressão e sublimação do desejo.

A opção pelo “não”, lugar de recusa, de negação, impõe-se como fator de coesão. Toda contestação é, via de regra, imperiosamente afirmativa. Acredita, cria, exige, porém, nunca responde. A face enigmática deste enigma, paradoxalmente, nada esconde. Para além da linguagem, atrás do pensamento, há “uma” fala. Nós, topógrafos, vemos nos lugares de enunciação o acúmulo de representações. O mapa da negação é uma seta do percurso do outro. A topografia da recusa.

Se a configuração de modalizações incompatíveis não aparece como verdadeira fratura, mas como espécie de imbricação do “não-poder” e do “querer”, modificação deste em função daquele, não é inútil observar que o efeito de sentido “resistência”, presente também na obstinação, encontra explicação satisfatória somente ao se convocar o nível do discurso (interdiscurso). Leia-se

nessa convocação: a retomada de sentidos, a legitimação de uma forma sujeito-de-direito que se constitui determinadamente frente ao religioso, a questão da autoria, sua constituição histórica, a autobiografia, a sexualidade.

Subjaz na recorrência do sintagma “não pode”, conforme discutiremos adiante, a manifestação de controle social, a evocação de posições assumidas por práticas de produção de enunciados (práticas discursivas). A repetição não é “a” verdade do sujeito, no entanto revela consigo pistas, respingos, setas, desta posição, que uma espécie de operação de metonímia entre significantes, impulsionada pelo real traz à tona. Neste caso, particularmente, há remissão à prática do autor (sustentado pela instituição literária) na medida em que há um aproveitamento diferenciado das alternâncias de vozes presentes no texto, articulando-as com a sua própria voz e interferindo, em graus diversificados, nas falas que relata. Evidentemente, existe aí, em processo, a proliferação de práticas discursivas que funcionam a partir desta posição (pontuadas nas personagens). É este “não pode” o fragmento mínimo que remete ao máximo em termos de mapeamento de conotações político-sociais. Diz a sabedoria popular: Quem tudo nega, tudo confessa.

### 5. 3 - Discurso e coesão: a recorrência como mecanismo de coesão textual<sup>48</sup>

Fechaduras fecham e abrem e assim rainhas. Fechaduras fecham e fechaduras e assim fechaduras fecham e fechaduras e assim e assim fechaduras e assim fechaduras fecham e assim fechaduras fecham e fechaduras e assim. E assim fechaduras fecham e assim e assado. E assado e assim e assim e assado.

Exata semelhança e exata semelhança e exata semelhança como exata como uma semelhança, exatamente como assemelhar-se, exatamente assemelhar-se, exatamente em semelhança exatamente uma semelhança, exatamente a semelhança. Pois é assim a ação. Porque.

*Gertrude Stein (tradução de Augusto de Campos)*

Repetir é viver e criar ressonâncias  
constringidas pelo muro de um jardim  
que não chega a florir e esparze cicatrizes  
de begônias violáceas em hora de sentir.

*Carlos Drummond de Andrade*

A reflexão provocada pelo capítulo anterior leva-nos a re-pensar a questão do que faz e do que não faz um texto. Lemos propõe esta discussão partindo de alguns aspectos de uma obra referencial em estudos lingüísticos – *Cohesion in English*, Halliday e Hasan, 1976 –. Tais aspectos revelam, em sua essência, a impossibilidade da inscrição do texto num quadro em que a Lingüística oferecia então como tratamento possível de seus objetos. Como se trata de uma abordagem bastante conhecida (a de Halliday e Hasan, doravante, H & H), dispense-me de deter-me em maiores detalhes. Meu objetivo é apenas utilizar a concepção destes autores como auxiliar na reflexão sobre alguns pontos que, me parece, merecem uma leitura conduzida pela Análise do Discurso.

H & H estabelecem como fator fundamental na distinção entre texto e não-texto, a relação coesiva entre sentenças. Eles também apontam, outrossim, para a tensão

---

<sup>48</sup> Estas reflexões foram suscitadas pelo curso *Tópicos Especiais em Análise do Discurso*, ministrado pelo Prof. Dr. Pedro de Souza, no segundo semestre de 1996, na Universidade Federal de Santa Catarina.

existente entre dois pólos constitutivos (embora haja, como veremos, certa vacilação) da unidade textual. De um lado, uma tendência gramatical privilegia o valor das propriedades coesivas do texto em si, através das propriedades de categorias gramaticais e lexicais. Desta maneira, a língua é vista enquanto sistematicidade formal (que se esgota em si mesma). Por outro lado, verifica uma tendência semântico-pragmática, onde há o reconhecimento de instâncias “externas” ao texto que o determinam, há o reconhecimento de “um fora da língua”(1976).

Convém lembrar, em tal constatação, o mérito de H & H em, mesmo encontrando-se dentro dos limites da Lingüística, terem suscitado um aspecto incômodo nos estudos lingüísticos que é a possibilidade ou a não-possibilidade de o sentido ser esgotado na referência a um sistema, do gesto comum de se “jogar” o sentido para outro nível, outra perspectiva.

A língua, já que ordem, só conhece a combinatória do possível, do dizível. H & H, na vacilação entre incluir a coesão como propriedade da língua e, por outro lado, admitir uma referência ao não-sistemático; ao admitir uma certa noção de falta, de falta de sentido; ao tangenciar a significação; ao admitir um certo grau de incerteza sobre o que faz texto, abrem a possibilidade de se pensar uma relação entre sentido e não-sentido, texto e não-texto (cf. Lemos). Além de viabilizar a discussão do próprio conceito de coesão.

Observemos como se processa a coesão textual, em dois patamares diferenciados (o lingüístico e o discursivo), por meio da “coesão recorrencial”. Fávero (1991) propõe uma reclassificação dos tipos de coesão, partindo das análises de H & H, Beaugrande e Dressler, e de seus próprios estudos junto com Koch. Nesta sua renovada proposta, a classificação se dá em termos da “função” que estes mecanismos exercem na construção do texto, e não como vinha acontecendo, por meio de classes de palavras, de léxico, etc. A reclassificação

considera três tipos de coesão: referencial, recorrencial e seqüencial “stricto sensu”<sup>49</sup>.

Fávero estabelece que a coesão recorrencial acontece quando, apesar de haver retomada de estruturas/itens/sentenças, o fluxo informacional progride; “tem, então, por função, levar adiante o discurso”(op. cit.). Ou seja, há a articulação (coesão) de uma informação “nova” à “velha”, no dizer de Koch, há, entre os elementos recorrentes, “novas instruções de sentido”. Fávero frisa também a diferença entre recorrência e reiteração. Na primeira existe, como já assinalamos, progressão informacional; na segunda, a informação já dada é mantida. Por outro lado, reconhece que há também na recorrência uma relação referencial, “porém se deve falar sempre em ‘termos de dominância’”(ibid.).

Nesta ordem de idéias, Fávero subdivide os casos de coesão recorrencial conforme a natureza desta recorrência: recorrência de termos (repetição de um mesmo item lexical), recorrência de estruturas (paralelismo sintático), recorrência sintática (paráfrase), recorrência fonológica (segmental ou supra-segmental).

Vislumbra-se, via de regra, como fio condutor a percorrer as quatro possibilidades, uma vocação para a estilística lingüística, que também é acentuada no já mencionado livro de Koch. Equivale a dizer: os recursos lingüísticos recorrentes são utilizados como marca de expressividade, visível, por exemplo, nos “versos de Fernando Pessoa em que a repetição do termo ‘cansaço’ consegue imprimir-lhe um caráter concreto:

O que há em mim é sobretudo cansaço  
 Não disto nem daquilo,  
 nem sequer de tudo ou de nada:  
 Cansaço assim mesmo, ele mesmo,  
 Cansaço.” (Em: Fávero, op. cit., p. 27)

---

<sup>49</sup> Já que todas não deixam de ser seqüenciais.

Ou então, no parágrafo de Rubem Alves, a imagem da mesmice, da total estagnação em que se encontrava a aldeia é repassada através de recursos lingüísticos (recorrentes) destinados a marcar essa situação de modo a tornar o próprio texto “pesado, arrastado, monótono”:

Era uma aldeia de pescadores de onde a alegria fugira e os dias e as noites se sucediam numa monotonia sem fim, das mesmas coisas que aconteciam, das mesmas coisas que se diziam, dos mesmos gestos que se faziam, e os olhares eram tristes, baços peixes que já nada procuravam... (Em: Koch, p. 50)

Até mesmo quando confirma, partindo das coordenadas de Dressler, “as funções de ênfase, intensificação e ‘um meio para deixar fluir o texto’ ”(Fávero, op. cit. , p. 27), verificamos que as “novas instruções de sentido”, quase sempre, aportam em instruções estilísticas.

Assim, eis um dos mecanismos, segundo apregoa a Lingüística textual, responsável pela interdependência de segmentos do texto (de enunciados, partes de enunciado, parágrafos e mesmo seqüências textuais), sendo cada um necessário para a interpretação dos demais. Conforme os exemplos vistos acima, a coesão se dá por via recorrencial sustentada por uma referência na própria superfície textual. “The most direct form of lexical cohesion is the repetition of a lexical item (...) the second occurrence of a word harks back to the first.”(Halliday, 1994, p. 330).

Os elementos de referência são os itens da língua que, em vez de serem interpretados semanticamente pelo seu sentido próprio, relacionam-se a outros elementos necessários à sua interpretação. A referência pode, ainda segundo Halliday e Hasan (1976), ser situacional (exófora ou extratextual) ou textual (endófora), entretanto, não se ocupam de referências ao “fora do texto”,

considerando que seu conceito de “exophora” se restringe ao “context of situation”, às vezes, “context of culture”.

Todas estas instâncias têm em comum o fato de que um item lexical refere-se (anaforicamente) a outro, relação estabelecida por intermédio de um referente comum. Ou seja, conforme suas propostas, o mecanismo de coesão textual instaurado por recorrência, repetição de uma mesma palavra ou segmento de frase, tem como relação referencial um mesmo referente. Com isto, estou dizendo que o estatuto da coesão, para a Lingüística textual, é da ordem da língua.

O deslocamento deste patamar para o campo do discurso exhibe, entre outras coisas, a insuficiência de uma análise meramente estrutural. Discurso é estrutura e acontecimento (Pêcheux, 1990). “Fazer texto’ é a produção de um efeito de unidade de sentido no discurso, cuja condição é o silenciamento, não de um outro sentido, mas de toda uma força de ‘proliferação de sentidos’ que é própria da linguagem” (Lemos). Por este viés, o conceito de “fazer texto” referencia questões como intersubjetividade, comunicação, troca, informação, cuja seqüência é o efeito de produção de uma mensagem absolutamente inequívoca. Tal processamento é que constitui o discurso em objetos “texto”. Diferentemente, o conceito de texto para Halliday (e para a Lingüística Textual, de uma maneira geral) está umbilicalmente associado à ordem do realizável, perdendo a dimensão histórica que a noção “unidade em uso” parece sinalizar. “A text is a unit of language in use”(1976, p. 1).

Do ponto de vista da Análise do Discurso, assim se estabelece a coesão – e por extensão, a coerência, o “fazer sentido”: o dizer faz elo com uma infinidade de outros dizeres e toda aparição sua os evoca, chama-os à cena. A mencionada tendência de proliferação incontrolável de sentido nada mais é que a história desse dizer que insiste em retornar (caso do chiste e do ato falho). O real da língua é atravessado por “falhas” que o desestratificam sem haver apagamento.



Leia-se: o retorno acontece simplesmente porque o sujeito fala, isento de intencionalidade, por acaso, aparentemente sem propósito. A formulação enunciativa “nega” um primeiro sentido para que outro se faça presente. Outro sentido que oculta o primeiro mas, ao mesmo tempo, o conserva. Como num palimpsesto: palavras sob palavras. Esse movimento estabelece o que pode ser interpretado como tensão. A tensão entre o previsível e o imprevisível.

Como já apontei, o próprio Halliday soube reconhecer que o texto faz referência àquilo que está fora do texto, ou seja, que a coesão também se dá entre os elementos do texto e elementos que, na sua exterioridade, o determinam, assim o constituindo. “The question is, what are the external factors affecting the linguistic choices that the speaker or writer makes” (1976, p. 21). Tais elementos obedecem a uma ordem discursiva que subjuga essa força proliferadora “aos dizíveis das formações discursivas” (cf. Lemos). Ou seja, isto não mostra que a unidade seja unidade de fato, apenas que, submetida a essas “leis” do discurso, a linguagem faz efeito de unidade (processo discursivo de coesão)<sup>50</sup>. Eis o paradoxo: o texto é um todo faltante, já que o que faz o texto está fora dele, o fora é também constitutivo.

Tendo em vista tais postulados, podemos verificar como a não-observância do mencionado “fora” da ordem da língua pode comprometer o gesto de interpretação. Em Halliday, a exterioridade não tem nem a mesma natureza nem o mesmo estatuto que tem na Análise do Discurso (cf. Orlandi, 1996). Nela a noção que trabalha a exterioridade discursiva (ou o fora constitutivo) é a de interdiscurso. Aliás, convém relevar que o gesto de interpretação também pode ficar comprometido se não considerarmos a flutuação na significação dos

---

<sup>50</sup> Uma vez enunciado e, portanto, produzindo efeitos, um elemento é fígado, preso, colado a uma rede de interpretação que irá reger o desencadeamento de uma configuração de sentidos. Nesse processo, parecem estar em jogo não somente as unidades de sentido que estão cristalizadas em certos lugares, mas a possibilidade de seus deslocamentos. Esse processo talvez permita levar adiante a idéia de que as formações discursivas estão relacionadas com as articulações entre os elementos de extensão e estatuto variados.

conceitos envolvidos, ora voltados para um domínio mais generalizado, ora individualizáveis. Cite-se, a título de exemplificação, a vulnerabilidade do próprio conceito de “texto”.

Analisando os recortes | a |, | b |, | c | e | d |, extraídos da novela *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, observemos o movimento de recuperação da transitividade verbal do enunciado “não pode”, vincadamente elíptico, “não pode ∅”, não pode o quê?

No recorte | a |, o “não pode” refere-se, em caráter imediato, ao ato sexual de Águia com um outro cachorro (“conhecido sem raça mas preto e branco alegre e simpático”). No recorte | b |, o “não pode” refuta o enunciado “deixa ela aproveitar a vida”. No recorte | c |, o “não pode não pode” proíbe veementemente o ato sexual de Águia e um homem (Curitiba). No recorte | d |, o “não pode” castra o gesto mecânico, condicionado de Águia ao lambar o “bastão”. Num primeiro momento, poderíamos nos perguntar por que, em vez de vários outros elementos, exatamente um deles aparece (e reaparece obsessivamente) excluindo os demais? Qual é a produtividade de sentido?

Ao mesmo tempo, o enunciado “não pode” é profundamente opaco. As regras lingüísticas geralmente não são suficientes para explicar alguns fenômenos em muitos textos, notadamente nos literários. Estes têm que, em sua singularidade, lidar com tais regras para impor seu próprio universo de sentido, já que a própria noção de situação de enunciação encontra-se afetada (cf. Maingueneau, 1996). Da mesma forma verificada por Pêcheux (1990), ao explorar a noção de acontecimento discursivo a partir do enunciado “On a gagné”, a materialidade léxico-sintática de “não pode” está imersa em uma “rede de relações associativas implícitas”, caracterizada pela heterogeneidade tanto enunciativa quanto discursiva. Como diria Pêcheux, a materialidade discursiva destes enunciados

põe em ação uma atualidade e uma memória, algo que reproduz e transforma, que preserva e rompe ao mesmo tempo.

Estritamente, a transitividade é a necessidade, que há em muitas formas verbais, de se acompanharem por um complemento objeto direto que complete a sua predicação. Em sentido lato, a transitividade é sinônimo de predicação incompleta, aplicando-se quer aos verbos de objeto direto, quer aos de objeto indireto. Note-se que a transitividade depende de uma significação particular dentro da polissemia do verbo. Assim, os verbos transitivos podem ser intransitivos para exprimir que o sujeito é capaz da atividade pressuposta no significado verbal (por exemplo, "Lady Águia vê bem").

Uma espiada em dicionários mostra-nos que o verbo "poder", enquanto transitivo, significa "ter a faculdade de", "ter possibilidade ou autorização para", "ter capacidade para", "estar exposto a", "ter ocasião de", entre outras opções. No entanto, existe também a possibilidade de o verbo funcionar intransitivamente, admitindo novos significados: "ter influência", "possuir força física ou moral", ou, como relativo, "ter capacidade para agüentar, suportar", "ter influência ou poder sobre".

Em nossos recortes e, por extensão, na obra, ecoam não só a concorrência de significações, como a negação da possibilidade, a proibição. Aliás, o sujeito desse discurso encontra seu fundamento na negatividade obsessiva. Colocando em termos lógicos, toda negação absoluta é uma afirmação, é portadora de positividade. A positividade da negatividade resulta da afirmação, é portadora de positividade. A positividade da negatividade resulta da afirmação do nada através da negação do dado. Assim sendo, discursivamente falando, os mencionados ecos encontram a sua condição de ser, de já-dito, no conturbado período histórico brasileiro em que o livro fora escrito (década de 70). Tempos de censura, de repressão, tempos de "não pode". É esta a transitividade que o "não pode"

recupera. O pormenor ampliado à força de repetições re-cria um mundo obsessivo subjugante.

A censura é o lugar da negação e ao mesmo tempo da exacerbação do movimento que institui identidade. Por isso é um lugar privilegiado para se “olhar” a relação do sujeito com as formações discursivas. Porque nos faz apreciar melhor os processos de identificação do sujeito ao inscrever-se na região do dizível para produzir(-se) sentido (Orlandi, 1995, p. 83).

Como não temos acesso direto ao interdiscurso, ele se simula por seus efeitos na formulação (intradiscurso). Do dizível (o interdiscurso<sup>51</sup>), vozes veladas revelam formações, ressonâncias do discurso da medicina (notadamente da psiquiatria), que, em fins do século passado, subjugou os indivíduos adeptos a práticas homoeróticas; ou ainda do discurso da justiça e do cristianismo com vistas à sexualidade, aos costumes. O eco é a dispersão que assume configuração unitária.

Retomando os recortes, sua articulação faz-se, entre outros recursos, pela recorrência verticalizada da estrutura “não pode”, muito embora a recuperação da transitividade verbal horizontalmente aponte para complementos diferentes, o fio referencial condutor (coesivo) não aporta na estilística da língua, ou mesmo é exclusivamente da ordem da língua (cf. Orlandi, 1996). Eis um sintoma de que aí o sujeito tem um problema com o dizível (para o analista, é uma pista de um modo de funcionamento do discurso). Não é excessivo lembrar que, em termos psicanalíticos, a repetição denuncia um conflito psíquico; se por um lado ela representa uma forma de resistência, por outro, é o mais poderoso dos instrumentos terapêuticos (cf. Garcia-Roza). A recursiva e insistente proibição do Cara recai essencialmente sobre a sexualidade de Águia, é ela que preenche o  $\emptyset$ ,

---

<sup>51</sup> Para Orlandi (1996), falar em interdiscurso é falar em repetição histórica, a que inscreve o dizer no repetível enquanto memória constitutiva, saber discursivo.

é esta a recorrência que subjaz o discurso do Cara, subsidiada pela rede interdiscursiva. Estas indicações levam-nos a crer que há relação mimética entre temática e estrutura repetitiva. A última emerge cristalizando redes de sentido de um universo textual. Fato que pode ser constatado na poesia de João Cabral de Melo Neto e que também faz parte (eu diria, essencial) da força narrativa de Dalton Trevisan, por exemplo.

Na perspectiva discursiva, portanto, o estatuto de coesão é viabilizado pela recorrência de um já-dito, na retomada de outros discursos, na volta<sup>52</sup>. A repetição, assim focalizada, realiza-se como condição para a diferença, pois sem ela não haveria a possibilidade de ser outra coisa. O mesmo que é outro, o excesso, a contradição. A repetibilidade (cf. Foucault, 1995a) limita-se à formulação: “as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado”(p. 102). A mencionada singularidade não impede o aparecimento de certas constantes – gramaticais, semânticas, lógicas – entretanto o enunciado não pode estar restrito a elas, ele é encadeamento, coexistência, é prática (definida pela própria formação discursiva). O sentido não vai sendo apurado a cada recorrência, ele é outro. A sistematicidade não é gratuita, o valor se estabelece no jogo concretizado entre as peças, como ocorre, por exemplo, num quadro de Gustav Klimt, uma pastilha evoca a outra, idênticas e ímpares, insubstituíveis. É um já-dado e o sentido é outro. É traição. A repetição como desafio à razão também faz texto.

---

<sup>52</sup> Cabe aqui relembrar a apresentação da novela (conforme mencionei no primeiro capítulo) e seu gesto “imitativo” do movimento do mar, ou mesmo, como eco às avessas.

#### 5. 4 - Jogando com a questão do nome próprio: Cara ou cara?

Tendo pois o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e todas as aves do céu, ele os levou a Adão, para este ver como os havia de chamar. E o nome, que Adão pôs a cada animal, é o seu verdadeiro nome.

Ele os chamou pelo nome, que lhes era próprio, assim as aves do céu, como os animais da terra: mas não se achava ajudante para Adão, que fosse semelhante a ele.

*Gênesis 2, 19-20*

Meus pais me batizaram Salvador, como meu irmão. Assim como este nome o indica, estava destinado a salvar nada menos que a Pintura do nada da arte moderna, e isto em uma época de catástrofes, neste universo mecânico e medíocre onde temos o desamparo e a honra de viver. Se me volto em direção ao passado, homens como Rafael me aparecem como verdadeiros deuses.

Sou, sem dúvida, o único a apreender porque, hoje em dia, é impossível aproximar-se, mesmo de longe, à perfeição das formas rafaelianas.

Minha própria obra me aparece como um grande desastre. Desejei tanto viver em uma época onde não houvesse nada a salvar!

*Salvador Dalí*

Nome próprio: "Nome com que se nomeiam individualmente os seres e que se aplica em especial a pessoas, nações, povoações, montes, mares, rios etc" (Ferreira, p.1197). Corriqueiramente encontramos conceitos que destacam no nome próprio a propriedade de identificação do sujeito. Identificar no sentido de diferenciá-lo, de determiná-lo, de reconhecê-lo. Sem dúvida, o nome tem um caráter fortíssimo de signo indicador ou indexial. Ele aponta diretamente o objeto no mundo exterior extralingüístico. Por isso ele é reconhecido na Lingüística moderna como sendo o portador e exemplo maior da função de referenciação da linguagem. Ou seja, é exemplar nesta capacidade de enviar "um determinado

corpo” a um objeto em especial. “Dado o nome, eis o objeto”. A asserção resume esta propriedade clássica do nome próprio.

A questão do nome próprio, aliás, já é discutida no século XVII (cf. Haroche), na “Gramática Geral e Racional” de Port Royal, quando se aponta, por exemplo, a distinção entre duas espécies de idéias: as idéias suficientemente determinadas por elas mesmas (idéias singulares, que correspondem ao nome próprio, à definição) e idéias insuficientemente determinadas (idéias gerais que correspondem aos nomes comuns). A determinação intervém nos gramáticos da Gramática Geral a título de necessidade, para reiterar a necessidade de uma separação entre nome próprio e nomes gerais. Assim, Haroche observa que os gramáticos de Port Royal opõem-se a Vaugelais, por exemplo, que prevê a possibilidade de intervenção de um critério exterior ao discurso, pelo acréscimo de determinantes, de especificações, de contextos, de circunstâncias, enfim.

Não é que não aconteça freqüentemente que o nome próprio convenha a vários como ‘Pedro’, ‘João’ etc . . . , mas é só por acidente, pois vários tomaram o mesmo nome; e então é preciso aí acrescentar outros nomes que o determinem, e que o façam entrar na qualidade de nome próprio, como o nome de ‘Luís’, que convém a vários, próprio ao rei que reina hoje, dizendo-se ‘Luís XIV’. Freqüentemente nem é necessário acrescentar nada, porque as *circunstâncias do discurso*<sup>53</sup> fazem ver bem de quem se fala. (Vaugelais, em Haroche)

Arnauld e Lancelot, gramáticos de Port Royal (op. cit.), observam que o nome comum ao qual se junta um determinante, gerencia um funcionamento idêntico ao do nome próprio. Em outras palavras, é o sujeito que determina o nome, quando este não pode ser determinado por mecanismos de língua, e é a falta de conhecimento do sujeito que faz com que o nome seja indeterminado. A determinação serve à exigência de pureza na língua e se integra no

---

<sup>53</sup> Grifos meus.

funcionamento ideológico mais amplo que concerne à relação do sujeito com a língua e com o saber, relação esta mobilizada por um gesto de interpretação.

É esta a tese defendida pela maioria dos lingüistas e logicistas: o nome próprio é em essência uma marca identificatória. Ele seria um puro significante, uma marca formal que não conteria significados; ele nem descreveria o objeto, servindo só para identificá-lo. *Meaninglessness*.

De fato, a diferença básica entre um nome comum e um nome próprio está no fato de que no primeiro existe uma relação de significação entre o nome e o objeto que designa, no segundo, senso comum, jamais é veiculado com ele o sentido de um objeto, mas, no máximo, uma marca. Posto desta maneira, é até possível se vislumbrar no horizonte a clássica dicotomia *significado / significante*. Stuart Mill (em: Dor) discorda da posição dos lógicos (particularmente de Bertrand Russell e seus seguidores) que estabeleceram como diferença fundamental entre o nome comum e o nome próprio a presença ou ausência de sentido, já que nomes (sejam próprios ou comuns) têm sentido. Desta forma pondera que a diferença pertence a uma outra ordem: no caso do nome próprio fica enfatizada sua posição de "entidade distintiva". Portanto, desloca a distinção para a "diferença sonora" que distingue um nome de outro.

Esta postura diverge daquela assumida por Lacan: "Não pode haver definição do nome próprio a não ser na medida em que percebemos a relação da emissão nomeadora com alguma coisa que, em sua natureza radical, é da ordem da letra" (ibid.). Mill sugere então uma incursão no universo da escritura (veja-se, por exemplo, o funcionamento do ideograma<sup>54</sup>) onde se encontrará a origem da característica mais fundamental do nome próprio: de uma língua à outra, o nome próprio conserva-se sempre em sua estrutura sonora, em razão de uma afinidade

---

<sup>54</sup> Os ideogramas não se reportam à fonação mas, sim, diretamente aos semantemas da língua, cuja "idéia" representam convencionalmente.



com a marca, ou seja, a designação direta do significante, até mesmo, a emergência do significante como tal em estado puro, cujo traço fundamental é o uso de uma função-sujeito na linguagem – “a de nomear por seu nome próprio”. O nome próprio atesta tanto quanto especifica o que Lacan denomina “o enraizamento do sujeito” na emergência do significante. “Nomear é, primeiramente, algo que diz respeito a uma leitura do traço Um (significante puro), designando a diferença absoluta” (ibid.).

Lacan encontra em Saussure uma boa direção (muito embora seu uso do signo saussuriano seja confessadamente livre), aquela em que o sentido se sustenta no jogo de elementos da própria estrutura, ou seja, não há um significado prévio anterior, que garantiria o sentido na direção da verdade, o que implica não haver também a consideração teórica de um referente (cf. Furlanetto, 1994). Tal possibilidade permite-nos a remissão a Wittgenstein, quando este afirma que o *uso da palavra* é que reúne experiências disparatadas do ponto de vista perceptivo, constituindo socialmente o objeto (ibid.).

Ao referenciar o caráter de mutabilidade do signo, Saussure explica que a alteração se dá pela idéia de continuidade. Os dois elementos unidos no signo guardam cada qual sua vida própria, numa proporção desconhecida. É ainda o arbitrário que implica, teoricamente, na liberdade de estabelecer qualquer relação entre a matéria fônica e as idéias. Seguindo este raciocínio, parece ficar claro que os significados não refletem distinções objetivas pré-existentes à configuração sígnica (ibid.).

Esta linha de raciocínio tangencia as ponderações de Pêcheux no encaminhamento de uma reflexão sobre a noção de “pré-construído”. Nela, Pêcheux (1988) examina a questão do nome próprio também partindo da concepção lógica de Frege. Assim, declara que nenhuma determinação pode ser aplicada ao nome próprio já que este é resultante de uma operação de

determinação “levada ao extremo”. Se nenhuma determinação pode ser aplicada ao nome próprio, devem necessariamente existir termos que não sejam nomes próprios, a partir dos quais, os nomes próprios, ou antes, as expressões parafrásticas que lhes correspondem (“aquele que [etc]”) possam ser construídos por determinação. Ora, isto equivale a dizer que essa designação pelo nome próprio implica, por correspondência, a possibilidade de designar “a mesma coisa” por intermédio de uma perífrase. Por exemplo: Harry Laus  $\Leftrightarrow$  aquele homem que me disseram que se chama Harry Laus. Tal evidência oculta que uma convenção arbitrária faz com que cada homem tenha um determinado nome (cf. Russel, em Pêcheux, op. cit.). Constatação, aliás, bastante próxima àquela, há pouco citada, de Vaugelais.

Pêcheux avança em suas reflexões ao destacar como uma característica essencial do pré-construído, a separação fundamental entre o “pensamento” e o “objeto de pensamento”, apontando a pré-existência deste último. Por conseguinte, Pêcheux associa o curso de suas inflexões à expressão de Frege: “um nome de objeto, um nome próprio, não pode absolutamente ser usado como um predicado gramatical”.

Na sentença ‘a Estrela Matutina é Vênus’, temos dois nomes próprios: ‘Estrela Matutina’ e ‘Vênus’, para o mesmo objeto. Na sentença ‘a Estrela Matutina é um planeta’, temos um nome próprio: ‘Estrela Matutina’ e um termo conceitual: ‘um planeta’. Lingüisticamente, nada mais ocorreu do que ‘Vênus’ ter sido substituído por ‘um planeta’; mas, conteudisticamente, a relação tornou-se completamente distinta. (Frege em Pêcheux, *ibid.*)

Ou então: “ ‘2.2.2.2’ e ‘4.4’ têm a mesma referência, isto é, são nomes próprios do mesmo número, mas não têm o mesmo sentido”. (*ibid.*)

Entretanto, os lógicos, conforme já foi observado, quando muito, limitavam-se a constatar que o nome próprio não é uma “propriedade” como os outros, ele designa o sujeito sem representá-lo. Freqüentemente comentavam embasados na noção de “convenção”, o efeito de exterioridade e o *non-sens* que aí se manifestam<sup>55</sup>.

O conceito de pré-construído, cuja rubrica é de Paul Henry, permite que se leia a imposição do nome próprio como uma forma em edição fundamental do “efeito pré-construído”, que representa a modalidade discursiva pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito de seu discurso (“Eu, Fulano de Tal”) como “sempre-já” sendo sujeito, ou seja, a modalidade discursiva sob cujo domínio ele é produzido como “causa de si”.

Mas então um nome próprio (com)porta ou não sentido(s) ? Lewis Carroll afirmava que sim, através do seu personagem Humpty Dumpty:

Humpty Dumpty said, looking at her for the first time, ‘but tell me your name and your business’.  
 ‘My *name* is Alice, but –’  
 ‘It’s a stupid name enough!’ Humpty Dumpty interrupted impatiently. ‘What does it mean?’  
 ‘*Must* a name mean something?’ Alice asked doubtfully.  
 ‘Of course it must’, Humpty Dumpty said with a short laugh: ‘*my* name means the shape I am – and a good handsome shape it is, too. With a name like yours, you might be any shape, almost’.<sup>56</sup>

<sup>55</sup> E é justamente esta pulsação sentido/*non-sens* do sujeito dividido que separa em definitivo o conceito psicanalítico de recalque da idéia filosófica de esquecimento ou de apagamento.

<sup>56</sup> Carroll, pp. 94 e 95. Os grifos estão na obra.

Humpty Dumpty disse, olhando para ela pela primeira vez, ‘diga-me seu nome e o que você faz’.

‘Meu *nome* é Alice, mas ...’

‘Um nome bastante estúpido!’ Humpty Dumpty interrompeu impacientemente. ‘O que ele significa?’

‘*Deve* um nome significar alguma coisa?’ Alice perguntou cheia de dúvidas.

‘Naturalmente que deve!’ Humpty Dumpty disse com um sorrisinho: ‘*meu* nome significa a forma que eu sou, e ele também tem uma considerável boa forma. Com um nome como o seu, você deve ter alguma forma’.

O nome próprio também é sinal mas não por certo um simples indício que serviria para designar, como pretendem as concepções, desde Peirce até Russel. Sendo ele sinal (volumoso, segundo Barthes), considere-se em sua acepção uma densa espessura de sentido, jamais desgastado pelo uso, ao contrário do nome comum. Constitui portanto, de certa forma, uma "monstruosidade semântica", pois, sendo dotado de todos os caracteres do nome comum, pode, no entanto, existir e funcionar independentemente de quaisquer projeções. Tal possibilidade de funcionamento tem sido, não raro, explorada com propriedade pela Literatura, conforme exemplos aqui indexados.

"Humpty Dumpty" tinha razão em sua preleção, principalmente se considerarmos a afiliação institucional (no caso, literária). A etimologia do nome próprio, caso investigada, sempre indicará algum sentido, ou sobreposição de sentidos, oriundos de pregressões, muitas vezes, sem fim. Ao estudá-la, é possível encontrar significações comuns em nomes vindos de diferentes origens lingüísticas, bem como as mais inusitadas relações (anagramáticas, associações que vão desde cores até com idéias relacionadas a poder).

Esses significados originários são esmaecidos ou esquecidos no seu uso rotineiro, servindo o nome próprio, como vimos, principalmente para referenciar e identificar as pessoas. Os significados etimológicos dos nomes têm uma ressonância relativa no vivido de cada um, tornando-se mais objeto de investigação por curiosidade do que a busca de um sentido que organize a vida de alguém. Podemos acrescentar que, quando há investigação *a posteriori*, o nome (até então, sinal) se transforma em um símbolo que obriga a elaborar o sentido que comportava virtualmente, mas que o sujeito não sabia. Ele é um símbolo de primeira grandeza porque, ao contrário de fazer a referência, provoca o sujeito a pensar e a elaborar estes conteúdos. Isto posto, a etimologia subsume, via de regra, um papel de manancial simbólico. Ela é uma fonte que fornecerá um aporte continuado de significações potenciais de que o sujeito é portador.

O nome próprio então viabiliza um engendramento de sentido que não é dado *a priori*. Há nele uma potencialidade de adesão de novas associações, de gravitações ao seu redor. Siderações. Produz-se, na virtualidade de um nome, uma suscetibilidade de tramitação de valores, juntando-se a ele em um novo consórcio, de transparência e força capazes de barrar ou fazer desmaiar todos os outros. Brotam, desta rede social, associações que podem ultrapassar, e muito, quaisquer prospectos. Em síntese, para que um nome faça sentido é preciso que ele já tenha sentido.

Barthes evidencia em Proust este funcionamento, quando evoca sua construção nominal "Princesa de Parma". "E quantas associações não evoca? A das violetas e seu perfume, a da cidade italiana onde viveu e trabalhou o pintor Corrégio, o romance de Stendhal e o palácio de Sengeverina, a da rua burguesa que tem este nome em Paris, e, enfim, o da Princesa de Parma, com a qual o narrador travou conhecimento". Evidentemente, esses semas são imagens, mas continuam a ser puros significados, concedidos a toda uma organização do sentido.

Na verdade, o nome próprio tende a se preencher de sentidos novos, ao mesmo tempo que guarda o seu poder referencial e identificatório. Extrapolando a dimensão unívoca do signo, sem que, porém, deixe de sê-lo, podemos inferir que o nome próprio é muito mais que um sinal, um signo ou um significante: ele é um texto, se levarmos em consideração a análise de sua condição de emergência, cuja remissão está mergulhada na própria epopéia do sujeito em construção e desconstrução continuada (em conformidade a uma visão eminentemente psicanalítica do nome próprio).

O psicanalista Francisco Martins sintetiza este signo especial como "símbolo-âncora" a sustentar uma dilatação sêmica que pode, no limite extremo, virtualmente enviar à história do sujeito em contínuo refazer-se. Sendo para o

sujeito potencialmente um texto que se engendra, este texto exige ser lido na forma mais radical, que consistiria em eternamente ser considerado nesta história vivida e em recriação pelo ser. Para Martins, reduzi-lo a um referente maior identificatório do cidadão na sociedade, trancafiaria o nome próprio em uma leitura única. “Não seria desonesto enclausurar o nome somente neste modo de leitura? Igualmente, para ser verdadeiro e ético, não é condição necessária centrar a questão no sujeito e escutá-lo o mais amplamente possível?” (p. 20)

Consensual é, aliás, nas mais variadas perspectivas psicológicas, a evidência de que o nome próprio é motivado. A psicanálise corrobora esta hipótese precisando-a: o nome próprio é fruto da atividade “desejante” de um sujeito. Vejamos, com olhos de analistas de discurso, que vozes falam o/do nome próprio a partir da interpretação de sua adoção em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*.

A resposta-interrogação dada por Alice a Humpty Dumpty: “Deve um nome significar alguma coisa?”, soa emblemática já que mostra a corriqueira posição de um indivíduo acerca do seu próprio nome próprio. Perguntar qual o sentido do nome de alguém revela-se como interrogação inquietante, provocadora de estranheza. Há uma expedição quase que imediata ao ato original (histórico) de nomeação do sujeito. É uma questão que interpela o sentido da existência.

A historicidade do nome próprio parece se dar na medida em que ele se refaz, se singulariza no nome de alguém. Esta ótica permite que se diga que o nome próprio não tem sentido, não tem significado, é puro significante. No entanto, há outros efeitos se cruzando com o processo de nomeação das personagens de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*. Indício útil, conforme aponta Foucault (1995b, p. 25), o nome próprio evita designações ambíguas, “ele diz o que o pintor olha”. O nome próprio, nesse jogo, não passa de um artifício:

permite que se passe sub-repticiamente do espaço onde se fala para o espaço onde se olha, ajustando-os um sobre o outro como se fossem adequados.

O efeito de sentido em jogo na obra produz curiosidade, surpresa, estranheza, dúvida, suspensão. Entretanto, ao se nomear as personagens como Cara, Lady Águia, Suave, Curitiba, Lenço Azul, Homem, Sujeito, Menino, Amigo, Pavão, Provisório, Coroinha, Gordo, Louro, e Senhora (nomes absolutamente possíveis já que, como foi dito, o nome próprio não tem sentido prévio) é possível inseri-las dentro de uma historicidade, de um já-dito.

Privilegiando os protagonistas com a incidência do olhar, o que produz “Cara”, “Águia”? A que estas palavras se filiam? Quais os sentidos de “Cara” e “Águia”? Ao analisar a opção, não é difícil concluir que “Cara” e “Águia” são escolhas orientadas pela semântica, no entanto, sempre determinadas pelos discursos nos quais se constroem. Algo que se por um lado referencia a ordem da língua, por outro, mantém seu estatuto de dialogicidade.

A “águia” é um símbolo bastante rico e difundido. Apresenta-se quase sempre relacionado com o sol e com o céu, eventualmente com o raio e com o trovão. Acentuadamente simbólicos são, sobretudo, sua força, resistência e seu vôo em direção ao céu. Desde a Antigüidade, a águia é vista como “rainha” das aves, comumente usada como símbolo de reis e dos deuses. Na Bíblia, encontra-se como símbolo de Deus todo-poderoso ou então da força da fé. Na Idade Média, era símbolo do renascimento e do batismo e, eventualmente, também de Cristo e (em razão de seu vôo) de sua ascensão. Segundo consta, ao alçar vôo, olha diretamente para o sol, por isso é considerada também como símbolo da contemplação e do conhecimento espiritual. Além disso, entre as quatro virtudes cardeais, a águia simboliza a justiça (cf. Lexikon).

Foucault (1995b), ao falar da linguagem como signo das coisas, reconhece que nela (na linguagem), em sua forma primeira, os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam. Entre tais assinalações menciona “a realeza no olhar da *águia*”. Acresça-se a esta “fortuna”, as possibilidades de sentido presentes na expressão (emprestada da língua inglesa) “lady”, todas também dotadas de caráter eminentemente positivo, enaltecedor, respeitoso: senhora, dama, amada, namorada, tratamento dado às senhoras de elevada posição social e/ou maneiras refinadas, título que na Inglaterra se dá às senhoras da nobreza.

Por outro lado, qualquer dicionário aponta para “cara” caráter e características relacionados a traços de aspecto, aparência, ar, fisionomia. Traços que individualizam uma pessoa. É usado também como sinônimo de pessoa que não se conhece, indivíduo, sujeito, até mesmo como pessoa indeterminada, seja do sexo masculino ou feminino. Mesmo quando “cara” remete à ousadia, à coragem, tais virtudes parecem ser focalizadas negativamente, tanto é assim que comumente “cara” é adotado em expressões populares depreciativas: cara de pau, cara lavada, cara de tacho, cara de madalena arrependida, encher a cara, cara amarrada, cara de enterro, quem vê cara não vê coração, quem cospe para o céu na cara lhe cai . . . Cara é um lado da moeda que tem no seu lado oposto a coroa. Face e verso, e vice-versa.

Revela-se, por intermédio do processo de transformação de “cara”, “águia” e demais nomes em nomes próprios, a produção de um outro efeito que impossibilita a tensão entre ser o nome de alguém e filiar-se historicamente a um sentido já-dado. A tal efeito que, ao mesmo tempo, subsume a perda e a preservação do sentido denominamos “homonímia”.

No jogo instaurado nesta prática de textualização, há constantemente a promoção de um “equivoco”. Este equivoco está pontuado na relação de identidade entre nomes próprios (Cara, Águia, Lenço Azul...) e nomes comuns



(como cara, águia, lenço azul...), neste último caso, imediatamente associados à face, à gíria, ao sol, ao céu etc. Tais palavras, postas em relação, produzem o equívoco de se pensar que é uma coisa, mas, na verdade, é outra. Algo que parece estar comparecendo como efeito de interpretação ambígua (destaque-se: efeito). Parece que o nome próprio, desta forma, firma-se como marca visível das analogias invisíveis<sup>57</sup>. O que acontece não pode ser entendido como uma mesma palavra detentora de dois sentidos, mas sim, está em jogo um “efeito de homonímia”<sup>58</sup>, abrindo para processos históricos diferentes.

Desta forma, verifica-se que o sentido já circunscrito está no termo cara, águia, lenço azul, e não – como poderia se pensar – em Cara, Suave, Lenço Azul. Cara, Suave, Lenço Azul..., então, vêm sublinhados por um processo interdiscursivo (pré-construído) e atravessariam o fluxo do intradiscurso plenos de (outros) sentidos. Parece ser esta relação que permite a produção do equívoco, isto é, o desdobramento do sentido se opera tendo como ponto de partida a retomada. Aí está também a revelação de um mecanismo batizado por Authier-Revuz de “heterogeneidade constitutiva”.

Permeando este processo de nomeação das personagens, há uma *sobredeterminação*<sup>59</sup> do real da língua, que comparece na qualidade de efeito de

---

<sup>57</sup> Foucault (1995b) propõe, em “busca do sentido”, a busca da lei dos signos a partir das coisas que são semelhantes. Para tanto, discorre sobre o “sistema das assinalações” que retrata as similitudes submersas na superfície das coisas. “O sistema das assinalações inverte a relação do visível com o invisível. A semelhança era a forma invisível daquilo que, do fundo do mundo, tornava as coisas visíveis; mas para que essa forma, por sua vez, venha até a luz, é necessária uma figura visível que a tire de sua profunda invisibilidade. Eis porque a face do mundo é coberta de brasões, de caracteres, de cifras, de palavras obscuras, de hieróglifos”. (p. 43)

<sup>58</sup> Calil (1996) aponta efeito aproximado quando analisa a relação entre criança em idade pré-escolar e o texto por intermédio da “rasura”.

<sup>59</sup> A noção de *sobredeterminação* está relacionada à de inconsciente. Segundo Lemos (1992), referindo-se ao que diz Laplanche e Pontalis (1992), a *sobredeterminação* aparece em dois sentidos na obra de Freud. O primeiro deles é o de que uma formação psíquica é determinada por diferentes fatores: não há uma causa. O segundo sentido de *sobredeterminação* é o de que cada formação remete a uma pluralidade de elementos inconscientes. Assim, a autora afirma que a noção de *sobredeterminação* implicaria tanto em uma determinação daquilo que vem “de fora” e da qual o sujeito é efeito, quanto uma rede complexa de elementos.

homonímia. A narrativa passa a ser articulada tendo como um de seus fios condutores este efeito marcado nas relações entre os nomes das personagens e os acontecimentos narrados. O processo de constituição do sentido nasce desta relação. A antologia de nomes de *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* abre-se para outras possibilidades de significação e referencialidade, e o sentido da história (e da História) circula em torno disto.

Cara é um lado da moeda que tem no seu lado oposto a coroa (ou a cachorra?).

É da própria repetição (observe-se que o estatuto da Análise do Discurso prevê a inscrição das formações discursivas, conforme já discutimos anteriormente) que vem o imprevisível. Eis o paradoxo, a contradição. Quando um cara, uma águia viram personagens, há uma repetição com diferença, é o reviramento do sentido que se dá na tensão entre o sentido e não-sentido, próprio do equívoco. Com a homonímia, instaura-se um procedimento (aqui já citado) bastante próximo ao destacado por gramáticos de Port Royal em que se juntarmos um determinante ao nome comum, se estabelecerá um funcionamento idêntico ao do nome próprio.

A narrativa, então, estabelece um constante jogo entre os nomes próprios e os enunciados em que estas palavras homônimas já têm um sentido. Quando estes termos se tornam personagens, através de um processo de *repetição com diferença*, são lançados para outro lugar, obnubilando um sentido já-dado para novamente se fazerem ímpares. Esta diferença é que irá jogá-los, em uma fração de segundo, para fora do discurso onde ganharam sentidos, para fora de certas formações discursivas. Neste instante preciso e fracionário, eles voltam ao não-sentido, antes que um sentido venha novamente a nos situar na via discursiva. Para serem personagens, têm de perder o sentido, a inscrição, esse é o momento da desestabilização, o sujeito é colocado, momentaneamente, num lugar vazio de sentido, à espera do sentido por vir. A esse momento, Lemos (1992) se refere como o de abandono ao dizer excessivo, desperdício absoluto.

Tudo passa a ser ressignificação quando estes elementos se rearticulam e se estabilizam em um lugar. Neste processo, outras relações de unidade serão articuladas. A partir deste novo lugar de sentido, estas relações entre o que vem antes e o que virá depois assumem uma outra dimensão, levam a história para um outro lugar cuja previsibilidade não está no simultaneísmo de ser uma coisa e ser outra. O “quarto vazio” sustenta interativamente um real simbólico e um “real” imaginário (efeito de unidade). É possível aqui encaixar Barthes quando destaca na conformação dos nomes próprios as três propriedades atribuídas pelo narrador à reminiscência: o poder de essencialização (pois designa apenas um referente), o poder de citação (pois é possível sempre que se queira toda a essência contida no nome, bastando que ele seja proferido), o poder de exploração (pois é possível “desdobrar” um nome próprio tal como se faz com uma lembrança). Pensando-se deste modo, o nome próprio constitui, de certa forma, a forma lingüística da reminiscência.

Assim como a repetição é condição para a diferença, pois sem ela não haveria a possibilidade de ser outra coisa, o imprevisível é próprio da ordem do equívoco. Por este viés, não se está pensando o processo de criação como liberdade de um sujeito-indivíduo, a “liberdade” é do equívoco. Sua emergência é que produz o acontecimento que afeta o sujeito do discurso e as posições em jogo nas formações discursivas dadas. Considerando então *o esquecimento número 1*, proposto por Pêcheux, tem-se a ilusão de se “saber do que se fala” (1990).

Visto que o nome próprio se oferece a uma catálise de infinita riqueza, pode-se afirmar que, poeticamente, todo o **MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS** tem como fulcro uns poucos nomes próprios. Aí sim, podemos retomar a questão do que faz texto e incluir a concepção onomástica desta narrativa entre os mecanismos que permitem a produção de uma mensagem absolutamente inequívoca que o equívoco acaba por sustentar.

**Fim de jogo ? Considerações finais**

largar desse cais, ir sem direção...  
 sugar das entranhas desse chão  
 meu fim...  
 trilhar as estradas que não trilhei  
 romper as portas trancadas por mim  
 e assim minhas mãos saberão dos meus pés  
 e assim renascer ...  
*Saens Saint e Altay Veloso*

Linha de chegada. Enfim, a pergunta fundamental: Cara ou Cachorra? Quem fala mais alto no MONÓLOGO de *uma cachorra SEM PRECONCEITOS*? Que voz, entre aquelas tantas que se revezaram, embaralharam, desafiaram?

Pensando-se toda essa multiplicidade de formas e funções que possibilitaram a caracterização do discurso é que podemos entender Foucault (1995a) quando propõe “fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterre na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexo das regularidades que regem sua dispersão” (p.55). Ou melhor, “em lugar de reconstituir cadeias de inferências (como se faz freqüentemente na história das ciências ou da filosofia) em lugar de estabelecer quadros de diferenças (como fazem os lingüistas), descreveria sistemas de dispersão” (p. 43).

Tendo em vista semelhante orientação, a combinação de estratégias de que lancei mão confirmou a hipótese traçada no projeto desta pesquisa. O peso da afirmação (opção) sexual problemática (segundo palavras do próprio Harry Laus), acaba assumindo efeito de “verdade” na imbricação de dois territórios: do dizível e do não-dizível. Na escrita, mais particularmente na tida como autobiográfica, verifica-se a emergência de um lugar para reverter a impotência em relação ao real (cf. Orlandi, 1983). O autor, enquanto sujeito da enunciação, aposta na contraposição de duas personagens (Cara e Lady Águia) como representação ideal de si mesmo. O autor não é nem Cara, nem Águia, mas se mantém numa irreduzível tensão entre ambos. Tensão dilemática, atravessada pelo nomadismo

do sujeito. É este o espaço encontrado pelo sujeito, que lhe permite resistir às repressões morais historicamente instituídas. Deste modo, fica formalizada a “saída do silêncio” através da conquista de um lugar discursivo para expor a si como sujeito da prática homossexual (cf. Souza, 1997).

A questão da heterogeneidade em *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* vai além do que aqui foi possível discutir, mas a natureza de sua conformação, vária, encena, apesar dos limites impostos à pesquisa, o trabalho do sujeito enunciativo, impulsionado por uma disposição à totalização. Desta forma, o texto adquiriu, na forma de um harmonioso mosaico polifônico, um efeito discursivo derivado, segundo Foucault (1996), do princípio do autor, cujo funcionamento aflora uma das ordens reguladoras do discurso.

Assim, este sujeito se mostra em todas as formas possíveis, na primeira, segunda, terceira, pessoas, todas as pessoas, concretizando, de certa forma, o que é próprio do pacto autobiográfico (Lejeune, 1983), ser, ao mesmo tempo, autor, narrador e personagem. Sem favoritismos. É como se sua imagem se multiplicasse, calidoscopicamente, êxtase fragmentário consumado na pluralidade de vozes. A diversidade dos discursos, no entanto, busca um efeito em bloco para sustentar uma imagem unitária. Cremos que esse “bloco de sustentação” seja um plano discursivo em que o sujeito enunciativo busca legitimidade externa – em nosso caso, a instituição literária.

Ao se constituir no texto, o autor brinca com o paradoxo do jogo ficcional, utilizando uma repetição pictórica de sua imagem, oferecida por intermédio da fragmentação de olhares sobre os eventos (jogo de espelhos). No caso de *Laus*, o discurso é o lugar ambíguo onde os fatos históricos são selecionados por uma narrativa indireta, capaz de organizar e ordenar logicamente parte de sua experiência de vida. A especificidade do texto literário confirma-se como dispositivo discursivo, no qual o gesto ficcional coincide com o gesto de

constituição do fato em história. A restituição do real sob o ficcional. O autor revela a visão plural e subjetiva da história, subvertendo-a através da liberdade narrativa. Ao exercitar a linguagem cotidiana, reconstrói a história através de uma memória dinâmica, ancorada num presente perpétuo que a instituição literária viabiliza.

A literatura é uma enunciação lingüística exibida como simulacro, onde espaços são negociados conforme a demanda das lutas, dos choques, das penalidades, das fundações. Na rede de jogos textuais, memória e premonição se inscrevem.

Arranjando o tabuleiro, refleti sobre as fronteiras entre o discurso literário como reproduutor de discursos sociais e seu funcionamento a gerenciar uma postura voltada para o mundo e para si próprio. Para tanto, procurei interpretar a estratificação que o *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* me apresentou, jogando com seqüências (conseqüentes) de variados níveis. No texto, vários sistemas se entrecruzam e servem reciprocamente de intertextos, revelando, por esta via, a composição social e conflitos de época, os limites da visão do mundo e a ideologia do autor.

O sujeito encontra na linguagem a possibilidade e os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que o embate entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas estabelece. É ela também instrumento de resistência do sujeito pelo direito de se posicionar, de não aceitar a coerção, de batalhar por um lugar no qual se encontre em poder de dizer.

Essa batalha é marcada por sua história, sendo própria da relação que ele estabelece com o seu discurso e com o discurso do outro. Por isso, mostrou-se pertinente discorrer sobre um dos filtros que decantam esta relação: a inscrição do juridismo, a emergência do sujeito-de-direito, nas relações pessoais. Os recortes que fiz mostram particularmente estas situações de confronto que

emergem textualmente e que possibilitaram uma instância interpretativa na qual se pode destacar a relativa consonância no jogo estabelecido entre Cara e Água, já que, enquanto manifestação dos conflitos universais, suas vozes não diferem quanto à ideologia, refletindo situações marcadas pela hierarquia de autoridade pré-estabelecida, definidas, como vimos, por determinações institucionais e históricas.

Outro catalítico a atuar neste processo diz respeito a uma teoria da sexualidade, vista como espaço discursivo onde se tramam, se enredam, saberes, poderes e certas posições de sujeito. Através dela, chegou-se a uma peça chave no dispositivo de enunciação da sexualidade: o foucaultiano paradoxo de se falar da sexualidade por meio do interdito, da proibição, do veto. Este prisma permitiu que do MONÓLOGO *de uma cachorra SEM PRECONCEITOS* outras vozes fossem evocadas cujo rebote dialoga com as autobiografias homossexuais da França do fim do século passado, investigadas e incitadas pela medicina legal, principalmente ao se pontuar nestas cartas autobiográficas, o desejo e a possibilidade de expressão de indivíduos homoeróticos.

Tanto num caso como no outro, a prática autobiográfica coloca-se como produto de uma espécie de liberação, digo “espécie” tendo em vista o contexto histórico, quadra onde se engendram jogadas, paradoxos, contradições e transformações.

Assim, entrevi os objetivos específicos desta pesquisa. No mapeamento das modalidades lingüísticas de enunciação administradoras dos mecanismos de manifestação de si, confirmei que tais dispositivos, se não verdadeiras fendas, revelaram uma imbricação que permitiu que se convocasse o nível interdiscursivo. Nesta convocação foi possível retomar sentidos, legitimar uma forma sujeito-de-direito determinantemente constituída, recuperar um percurso histórico do sujeito no âmbito da sexualidade.



As modalidades selecionadas e analisadas: o “não pode”, a negação, a repetição, a seleção lexical, a ausência quase absoluta de sinais de pontuação gráfica convencionais, o uso “cintilante” de aspas e travessões, a coesão textual, a ambigüidade, o nome próprio, a homonímia; permitiram que se vislumbrasse a multiplicidade, a multifacetação e a dispersão do sujeito enunciativo. Achados fortuitos como instrumentos de conhecimento. No conjunto das manifestações analisadas, deu-se especial atenção às possibilidades enunciativas, à demarcação de lugares vinculados às formações discursivas, posições interpretadas por imagens determinadas por estas formações.

Por outro lado, essas modalidades também podem ser vistas de um ângulo diametralmente oposto, quando então, em vez de referenciar o(s) outro(s), constituem e alienam um sentido de si. Tal difusão prolífica propiciou que se esboçasse um efeito de unidade neste mundo de manifestações discursivas: o escritor/autor, já que os dispositivos checados apontavam sempre para a construção da intimidade deste enunciador. Orlandi e Guimarães (1988) atestam que é nesta passagem – da dispersão dos textos para a unidade do discurso – que podemos apreender a constituição da ilusão de autonomia do sujeito. Na reconstrução desta trajetória, a identidade volta de maneira *effroyable*.

Por fim, acreditamos que o mérito desta pesquisa está em delinear uma forma de interpretar os efeitos de sentido oriundos da articulação entre processo criador, instituições literárias e funcionamentos discursivos, contribuindo desta maneira, na interpretação do processamento discursivo, haja vista sua indefectível complexidade. No entanto, a exemplo de toda textualidade, este trabalho é necessariamente incompleto, inacabado, limitado pela finitude de sua estrutura e de seus componentes significativos.

## **Referências bibliográficas**

- ADORNO, Theodor W. Teoria estética. Lisboa / São Paulo: Edições 70 / Martins Fontes, 1988. p. 207.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Porto: Editorial Presença, 1974.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". DRLAV, Revue de linguistique, n. 26, 1982. p. 91-151.
- . "La place de l'autre dans un discours de falsification de l'histoire: à propos d'un texte niant le génocide juif sous le II Reich". Mots. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, n. 8, 1984. p. 9-17.
- . "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)". Trad. Celene Cruz e João W. Geraldi. Cadernos de estudos lingüísticos. Campinas: Ed. da UNICAMP, n. 19, jul./ dez. 1990. p. 25-42.
- . "Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio". In: ORLANDI, Eni (org.). Gestos de leitura: da história no discurso. Trad. Bethania Mariani et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochninov). Marxismo e filosofia da linguagem. 6.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARTHES, Roland. "Proust e os nomes". In: ———. Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 55-67.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de lingüística geral. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- CALIL, Eduardo. "Família atrapalhada: uma análise do processo de rasuramento em texto escrito por crianças". Manuscrita: Revista de Crítica Genética. N. 6. São Paulo: Anna Blume, novembro de 1996. p. 93-111.
- CALLIGARIS, Contardo. "Sexo". Folha de S. Paulo. Mais: 13 / 04 / 1997. p. 12.

- CARROLL, Lewis. Through the looking glass. London: Puffin Books, 1984.
- COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício. São Paulo: Relume/Dumará, 1992.
- COURTINE, Jean-Jacques. "Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en Analyse du Discours". Philosophiques, vol. IX, n. 2, 1982. p. 239-264.
- DOR, Jöel. Introdução à leitura de Lacan: estrutura do sujeito. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FÁVERO, Leonor L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 1991.
- e KOCH, Ingedore G. V. Linguística textual: introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 4. ed. Trad. e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- . História da sexualidade: a vontade de saber. 11. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- . A arqueologia do saber. 4. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.
- . As palavras e as coisas. 7. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995b.
- . A ordem de discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FURLANETTO, Maria Marta. "Para uma abordagem do gênero: animus, anima".  
FUNCK, Suzana (org.). Trocando idéias sobre a mulher e a literatura. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994. p. 69-79.

- . Significar o significante. Trabalho apresentado na 2a. sessão do Fórum Permanente de Lingüística e Psicanálise. Universidade Federal de Santa Catarina, 10 / 11 / 1994. Inédito.
- GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- GALLO, Solange Leda. Discurso da escrita e ensino. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- GENETTE, Gérard. Figuras. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GREIMAS, Algirdas J. e COURTÉS, Joseph. Dicionário de Semiótica. Trad. Alceu Dias Lima e outros. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GREIMAS, Algirdas J. e FONTANILLE, Jacques. Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José R. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HALLIDAY, Michael A. K. & HASAN, Ruqaiya. Cohesion in English. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, Michael A. K. An introduction to functional grammar. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HAROCHE, Claudine. Fazer dizer querer dizer. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de & GONÇALVES, Marcos Augusto. "Política e literatura: a ficção da realidade brasileira". FREITAS Filho, A., HOLLANDA, H. B. de & GONÇALVES, M. A. Anos 70. Rio de Janeiro: Europa, 1980. p. 7-81.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de & Pereira, Carlos Alberto Messeder. Poesia jovem - anos 70. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- INDURSKY, Freda. "Da anáfora textual à anáfora discursiva". Anais do Primeiro Encontro do CELSUL. Vol. 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. p. 713-722.
- JORNAL DE SANTA CATARINA. "Literatura". Joinville, 27 e 28 de set. de 1981.
- KOCH, Ingedore V. A coesão textual. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

- KRISTEVA, Julia. História de linguagem. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1974.
- LAGAZZI, Suzy. O desafio de dizer não. Campinas: Pontes, 1988.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.-B. Vocabulário de Psicanálise. 2. ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAUS, Harry. "Primeira carta do Nordeste". In: Joaquim. n. 11. Curitiba, junho/1947.
- . Diário de viagem: Lucy in the sky with diamonds (1975 e 1977). Florianópolis: Acervo Harry Laus, Biblioteca da UFSC, inédito.
- . De-como-ser. Florianópolis: Lunardelli, 1980.
- . MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS. Florianópolis: edição do autor, 1981.
- . O santo mágico. Florianópolis: edição do autor, 1982.
- . Heptacronos: páginas de diário. Florianópolis: Sanfona, 1985.
- . Caixa d' aço. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.
- . Indicador catarinense de artes plásticas. Florianópolis: FCC edições, 1989.
- . Sentinela do nada. Florianópolis: Noa Noa, 1992.
- . Os papéis do Coronel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.
- LAUS, Ruth (org.). Harry Laus: artes plásticas. Rio de Janeiro: R. Laus / Cervantes, 1996.
- LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1983. p. 13-46.
- . "Autobiographie et homosexualité en France au XIXe siècle". Romantisme: Revue de la Société des Études Romantiques, n. 56. Paris: Éditions C.D.U. et SEDES, 1987. p. 79-94.
- . "Archives autobiographiques". Le débat - histoire, politique, société. N. 54. Paris: Gallimard, mars-avril 1989. p. 68-77.
- LE MOS, Maria Teresa G. de. "Sobre o que faz texto: uma leitura de Cohesion in English". D.E.L.T.A. Campinas, vol. 8, n. 1, 1992. p. 21-42.

- LEXIKON, Herder. Dicionário de símbolos. Trad. Erlon J. Paschoal. São Paulo: Cultrix, 1992.
- MACRAE, Edward. "Afirmação da identidade homossexual: seus perigos e sua importância". In: TRONCA, Italo A. (org.). Foucault vivo. Campinas: Pontes, 1987. p. 81-88.
- . A construção da igualdade / identidade sexual e política no Brasil da "abertura". Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. 2.ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1993.
- . O contexto de obra literária. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- . Pragmática para o discurso literário. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.
- . Elementos de lingüística para o texto literário. Trad. Maria Augusta de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.
- MARTINS, Francisco. O nome próprio: da gênese do Eu ao reconhecimento do Outro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.
- MENEGHIM, Luís. "Laus: a cultura é uma maldição". A Notícia. Joinville, 24 de setembro de 1981.
- MUZART, Zahidé (org.). Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.
- . "*Cartas muito íntimas - escrúpulos de herdeira*". In: Anais de Terceiro Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros. Porto Alegre: PUCRS, 1997. No prelo.
- ORLANDI, Eni P. "A incompletude do sujeito". Folha do S. Paulo, 27 nov. 1983. Folhetim, p. 4.
- . A linguagem e seu funcionamento. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- . As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

- . Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo. "Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito". In: ORLANDI, Eni P. et al. Sujeito e texto. São Paulo: EDUC. n. 31, 1988. p.17-36.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.
- . O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PEREIRA, Carlos A. M. Em busca do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.
- RANGEL, Egon de Oliveira. "A Análise de Discurso: entre as condições de produção e a superfície discursiva". Análise do discurso político: abordagens. São Paulo: EDUC, 1993. p. 49-69.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo reino de Deus. 2. ed. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos, 1996.
- SALLES, Cecília Almeida. "Jogos com a realidade". Manuscrita: Revista de Crítica Genética. n. 6. São Paulo: Anna Blume, novembro de 1996. p. 73-82.
- SANCHES NETO, Miguel. "Fragmentos de um percurso doloroso". Gazeta do Povo, Caderno G, p. 4. Curitiba, 17/06/1996a.
- . "Imagens desmontadas". Gazeta do Povo, Caderno G, p. 4. Curitiba, 8/07/1996b.
- SANTOS, Luísa Cristina dos. "Guerra e paz: a dialética de Harry Laus". Ô Catarina. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, n. 17. Maio/ Jun. 1996a. p. 6 -7.
- . "O lugar do não em nenhum-lugar: a negação como argumento em Utopia". Uniletras (18). Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Imprensa Universitária, dezembro de 1996b. p. 83-92.



- SHIBLES, Warren. "Intenção". In: ——— . Wittgenstein, linguagem e filosofia. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1974. p. 103-133.
- SOUZA, Pedro de. Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997a.
- . "Separatismo, estratégias de definição em um discurso de preservação da unidade nacional". Anais do Primeiro Encontro do CELSUL. Vol. 2. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997b. p. 935-939.
- SUSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

## **ANEXOS**

Em anexo, estão elencados: a bibliografia de Harry Laus – sua obra publicada, alguns de seus artigos e contos publicados em livros e periódicos – e sua fortuna crítica, capazes de elucidar e/ou permitir a interpretação dos processos e propósitos que aqui procurei examinar. Acrescento também uma cópia da novela, *MONÓLOGO de uma cachorra SEM PRECONCEITOS*, cuja edição esgotada reclama uma nova.

**BIBLIOGRAFIA DE HARRY LAUS**

Os incoerentes. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. [ Prêmio “Afonso Arinos” da Academia Brasileira de Letras].

Ao juiz dos ausentes. Rio de Janeiro: Opama, 1961.

De-como-ser. Florianópolis: Ed. da UFSC / Lunardelli, 1981.

Monólogo de uma cachorra sem preconceitos. Florianópolis: ed. do autor, 1981.

Bis. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

O santo mágico. Florianópolis: ed. do autor, 1982.

Heptacronos. Florianópolis: Sanfona, 1985.

As horas de Zenão das Chagas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

Indicador catarinense de artes plásticas. Florianópolis: FCC Edições, 1988.

Les Réveils de Zénon des Plaies. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire ( França ): Arcane 17, 1988.

Caixa d’ aço. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

La première balle. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire ( França ): M.E.E.T., 1989.

Jandira. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire ( França ): Arcane 17, 1989.

Sentinela do nada. Florianópolis: Noa Noa / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1992.

Les Jardins du Colonel. Trad. Claire Cayron. Saint-Nazaire ( França ): Arcane 17, 1992.

Os papéis do Coronel. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

Harry Laus: artes plásticas. Org. Ruth Laus. Rio de Janeiro: Cervantes, 1996.  
[Reunião de alguns dos artigos de Harry Laus, sobre artes plásticas, publicados entre 1961 e 1991 no Jornal do Brasil, Revista Veja, Revista Senhor, Diário Catarinense, e outros periódicos]

Harry Laus: cine-teatro. Org. Ruth Laus. Rio de Janeiro: Cervantes, 1997.  
[Reunião de alguns artigos de Harry Laus sobre cinema, teatro e televisão, peças e adaptações para teatro]

## **Antologias**

Nove histórias reiúnas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956. p. 11-28.

Antologia do novo conto brasileiro. Rio de Janeiro: Júpiter, 1968.

Histórias do amor maldito. Rio de Janeiro: Record, 1968. p. 370-373.

Assim escrevem os catarinenses. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. p. XV, 67-74.

Contistas e cronistas catarinenses. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 88-90.

Este mar catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983. p. VII, 50-55.

Este humor catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. X, 103-111.

Este amor catarina. Org. Salim Miguel, Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996. p. 111-119.

### **Alguns artigos e contos avulsos**

“Não veio ninguém”. O Malho. Novembro de 1944. p. 33.

“A viagem”. Revista Rio. Março de 1947. p. 63, 65, 100 e 101.

“Primeira carta do Nordeste: O sol é forte”. Joaquim. ( n. 11 ) Curitiba: junho de 1947.

“Segunda carta do Nordeste”. Joaquim. ( n. 12 ) Curitiba: agosto de 1947.

“Depoimento: Geração que acredita no artesanato”. Joaquim. ( n. 13 ) Curitiba: setembro de 1947.

“Terceira carta do Nordeste”. Joaquim. ( n. 14 ) Curitiba: outubro de 1947.

“História contemporânea: teatro”. Joaquim. ( n. 15 ) Curitiba: novembro de 1947.

“Carta do Nordeste”. Joaquim. ( n. 17 ) Curitiba: março de 1948.

BLANCHOT, Maurice. “Kafka e a literatura”. Tradução de Harry Laus. Jornal do Brasil. Suplemento dominical. Rio de Janeiro, 01 / 08 / 1959. p. 4-5.

“Um livro chamado *Pajuçara*”. Leitura. ( ano XVIII, n. 28 ) Rio de Janeiro: outubro de 1959. p. 17.

“Traduction et culture”. Atlas Actualité: Bulletin de traducteurs. ( 6 ). France, 1988.

**Fortuna crítica**

**Em livros**

AMADO, Jorge. "O contista Laus". In: Laus, Harry. Bis. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

———. "Deux mots sur Harry Laus". In: Laus, Harry. Les Réveils de Zénon de Plaies. Saint-Nazaire: Arcane 17, 1988.

ANTELO, Raúl. "Laus Harry". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 83-84.

BARATA, Mário. "Harry Laus em dois tempos nas Artes Visuais". In: Harry Laus: Artes plásticas. Rio de Janeiro: R. Laus, 1996. p. 15 e 16.

BARDI, Pietro Maria. "Prefácio". In: Indicador catarinense de artes plásticas. Florianópolis: FCC Edições, 1989.

BENTO, Antônio. Ismael Nery. São Paulo: Gráficos Brunner, 1973. p. 84.

BRETONNIÈRE, Bernard. "Entretien avec Harry Laus". In: Laus, Harry. La première balle. Saint-Nazaire, M.E.E.T., 1989.

———. Saint-Nazaire, port de toutes les littératures. Paris: Editions Autrement, Collection France, 1992.



———. “Entrevista”. Trad. Ilona H. Wolff. In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 73-75.

———. “Port en littérature”. Bâtie pour bâtir. Saint-Nazaire, s/d. p. 138-147.

CAMPOS, Ademar (org.). Literatura tijuquense em prosa e verso. Florianópolis: Edeme, 1995. p. 42-43.

CAVALCANTI, Carlos. Dicionário brasileiro de artistas plásticos. Vol. 2. Brasília: MEC-INL, 1974. p. 444.

CAYRON, Claire. “L’iceberg Laus”. In: Laus, Harry. Jandira. Saint-Nazaire: Arcane 17, 1989.

———. “O iceberg Laus”. In: Laus, Harry. Caixa d’ aço. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

———. “Traduzir Harry Laus”. Trad. Joca Wolff. In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 35-38.

COUTINHO, Afrânio. Brasil e brasileiros de hoje. Vol. I. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1961. p. 652.

———. Enciclopédia de literatura brasileira. Vol 2. Rio de Janeiro: MEC, 1990. p. 771.

- COUTINHO, Marilda de Souza. O conto catarinense na década de 70. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-Graduação em Letras-Literatura Brasileira. Texto inédito. p. 15.
- GOMES, Celuta Moreira et alii. Bibliografia de conto brasileiro. Vol. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. p. 218.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE. Vol. 9. Rio de Janeiro, 1971. p. 3931.
- JUNKES, Lauro. "Monólogo de uma cachorra sem preconceitos". In: O leão faminto. Florianópolis: ed. do autor, 1982. p. 15.
- . "Harry Laus: entre a ficção e as artes plásticas". In: O mito e o rito. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. p. 198-203.
- . "Ambíguas ressonâncias de 'Caixa d' aço'". In: MUZART, Z. L.(org.). Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 49-52.
- LAUS, Harry. "O olhar do autor". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 87-89.
- LAUS, Ruth. "Harry Laus". In: LAUS, Ruth (org.). A décima carta: Laus. Apenas. Rio de Janeiro: Gráf. Cervantes, 1994. p. 195-235.
- LENZI, Zuleika Mussi. "Apresentação". Indicador catarinense de artes plásticas. Florianópolis: FCC Edições, 1989.

LUNEAU, Gilles. Des écrivains dans la ville Saint-Nazaire 1987-1990. [Album fotográfico]. Saint-Nazaire: Arcane 17, 1990.

MEDEIROS, Maristela D. R. "Entrevista". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 69-72.

MIGUEL, Salim. "Apresentação". In: Laus, Harry. De-como-ser. Florianópolis: Ed. da UFSC / Lunardelli, 1981. p. 7-8.

———. "Entrevista". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 61-68.

MORAIS, Frederico. "Harry Laus, crítico de arte". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 21-25.

MUZART, Zahidé L. "Harry Laus: 70 anos". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 9-10.

———. "A última semente: percurso de um texto". In: ———. p. 55-57.

———. "*Cartas muito íntimas - escrúpulos de herdeira*". In: Anais do Terceiro Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros. Porto Alegre: PUCRS, 1997. No prelo.

PEREZ, Renard. [orelha] In: Laus, Harry. Os incoerentes. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

———. “Harry Laus, o escritor: ficção e diário”. In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 27-33.

PONTUAL, Roberto. Dicionário das artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 301 e outras.

———. Arte Brasil hoje - 50 anos depois. São Paulo: Collectio, 1973. p. 83, 197 e 339.

RIBEIRO, Marília Andrés. Neovanguardas: Belo Horizonte - anos 60. Belo Horizonte: C/Arte, 1997. p. 135, 239 e 281.

SACHET, Celestino. A literatura de Santa Catarina. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 169.

SACHET, Celestino. A literatura catarinense. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 161-162, 215.

———. “Magia de santo: humaníssimas trindades”. In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 45-48.

SANCHES Neto, Miguel. “Uma cachorra vê os homens”. In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 41-43.

SILVEIRA, Cláudia R. "Biografia intelectual". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 77-80.

SOLER, Louis. "O homem dos despertadores". Trad. Ruth Laus. In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 39-40.

SOUZA, Silveira de. "O Bis de Harry Laus". In: Laus, Harry. Bis. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

TACQUES, Alzira Freitas. Antologia de escritores brasileiros. Vol. 3. Porto Alegre, 1957. p. 2090.

TEIXEIRA, Cleber. "Foi um rio que passou em nossas vidas". In: MUZART, Z. L. (org.) Tempo e andanças de Harry Laus. Florianópolis: Ed. da UFSC / Fundação Cultural Prometheus Libertus, 1993. p. 81.

VALLADARES et alii. Quem é quem nas Artes e Letras de Brasil. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1966. p. 66.

ZANINI, Walter. História geral da arte no Brasil. Vol. 2. São Paulo, 1983. p. 805.

### **Em revistas e jornais**

ALVES, Liège Maria. "Uma cachorra sem preconceitos: a coragem de Laus". A Notícia. Joinville, 11 / 9 / 1981.

BARBOSA, Rolmes. "A semana e os livros". O Estado de São Paulo, 6 / 6 / 1959.

BARDI, Pietro Maria. "Um tempo de dúvidas". Senhor. São Paulo, 26 / 01 / 1988.

BELL, Lindolf. "Harry Laus: entre memória e denúncia". Jornal de Santa Catarina. Blumenau, 31 / 05 / 1981.

BENEDETTI, Lúcia. "Sol e chuva: nossa livraria". Última Hora. Rio de Janeiro, 30 / 12 / 1958.

BIHAN, Anne. "L'Italie et Brésil dans une rue de Dublin". Presse-Océan. Saint-Nazaire, 16 / 10 / 1987.

———. "Harry Laus, un Brésilien à Saint-Nazaire". Presse-Océan. Saint-Nazaire, 22 / 07 / 1988.

———. "Un lieu pour faire halte". Presse-Océan. Saint-Nazaire, 10 / 04 / 1991.

BRANDÃO, Izabel Drulla. "A essência de um artista versátil - a opção pelo caminho das artes". O Estado. Domingo Magazine. Florianópolis, 09 / 12 / 1990. p. 1.

BRASIL, Assis. "Ficção - 1961 - contistas". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 / 9 / 1961.

BROCA, Brito. "Ao juiz dos ausentes". Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 19 / 8 / 1961.

CAVALCANTI, Valdemar. "A vida com nitidez". O Jornal. Rio de Janeiro, 19 / 12 / 1958.

———. “A vida em pedaços de espelho”. O Jornal. Rio de Janeiro, 4 / 8 / 1961.

COPSTEIN, Liège. “A ficção contra-ataca”. Diário Catarinense. Florianópolis, 10 / 1 / 1988.

COUTINHO, Edilberto. “Ao juiz dos ausentes de Harry Laus”. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 29 / 7 / 1961.

DIÁRIO Catarinense. “Obras de Laus e Freire no CIC”. Florianópolis, 18 / 04 / 1996. Variedades, p. 8.

DRESEN, Monique van. “A luz do companheiro”. O Estado. Florianópolis, 15 / 03 / 1992. p. 2.

ENEIDA. “Os incoerentes”. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 14 / 12 / 1958.

———. “Um contista: Harry Laus”. Diário de Notícias. Suplemento Literário. Rio de Janeiro, 13 / 08 / 1961. p. 2.

FAGANELLO, Everson. “Harry Laus vai ganhar a Europa”. O Estado. Caderno 2. Florianópolis, 3 / 09 / 1989. p. 1.

FEIJÓ, Márcia. “Arte no escuro”. Diário Catarinense. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997. p. 4.

———. “Harry, um outsider na instituição”. Diário Catarinense. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997. p. 4 e 5.

———. “Vitória sofrida”. Diário Catarinense. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997. p. 8.

———. “Ausente sempre presente”. Diário Catarinense. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997. p. 10.

FOLHA DA TARDE. “Harry Laus”. São Paulo: 25 / 03 / 1980. p. 4-5.

FREITAS, Dúnia. “A falta que ama” (entrevista com Harry Laus). A Notícia. Anexo. Florianópolis, 27 de maio de 1997. p. 1 e 3.

GAUDRY, François. “Les secrets du colonel”. Sud-Ouest-Dimanche. Saint-Nazaire, 12 / 07 / 1992.

HOHLFELDT, Antônio. “Harry Laus lança um controvertido depoimento com sua autobiografia”. Correio do Povo. Porto Alegre, 15 / 05 / 1980.

JUNKES, Lauro. “De Como Ser Harry Laus”. O Estado. Florianópolis, 20 / 04 / 1980.

———. “Monólogo de uma cachorra sem preconceitos”. A Notícia. Joinville, 21 / 2 / 1982.

———. “Harry Laus: bis”. O Estado. Florianópolis, 18 / 5 / 1983.

———. “Ambíguas ressonâncias”. A Notícia. Joinville, 28 / 7 / 1991. p. 5.

KARL, Fernando. “A pureza seca de um buscador”. A Notícia. Joinville, 27 / 05 / 1996. Anexo, p. 1.

KLINTOWITZ, Jacob. “A sinceridade como mérito e defeito”. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 03 / 05 / 1980.



- LAGES, Valéria. "Feliz aniversário, Harry". A Notícia. Anexo. Joinville, 11 / 12 / 1996. p. 1.
- LAUS, Harry. "O guia está pronto". Diário Catarinense. Florianópolis, 30 / 03 / 1988.
- LAUS, Ruth. In: WOSGRAUS, Juliana. "Um anjo perpetua Harry". Diário Catarinense. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997.
- LEONARDOS, Stella. "Dois contistas". Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 16 / 8 / 1961.
- LIMA, Marita. "Os incoerentes". Jóia. Rio de Janeiro, 15 / 4 / 1959.
- LINHARES, Temístocles. "Últimos livros de contos". O Estado de São Paulo, 14 / 3 / 1959.
- LITRENTTO, Oliveiros. "Os incoerentes". Jornal de Letras. Rio de Janeiro, fev-mar / 1959.
- MARTINS, Rosane Magaly. "Harry Laus: crítica e autocrítica". Jornal de Santa Catarina. Blumenau, 04 e 05 / 12 / 1988.
- MARTINS, Wilson. "A ambigüidade do conto". O Estado de São Paulo, 4 / 4 / 1959.
- MELATO, Fabiano. "Traduções sem sotaque". Diário Catarinense. Florianópolis, 06 / 04 / 1997. Revista DC, p. 9.

MENEGHIM, Luís. "Laus: a cultura é uma maldição". A Notícia. Joinville, 24 / 9 / 1981.

MIGUEL, Salim. "Informação literária". O Estado. Florianópolis, 6 / 10 / 1961.

———. "As horas de Zenão das Chagas". Ô Catarina. (12) Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, março de 1995. p. 8.

NEVES FILHO, João Otávio. "Celebração arte-vida". O Estado. Florianópolis, 19 / 04 / 1992.

O ESTADO. "Um catarinense editado na França". Florianópolis, 27 / 9 / 1988.

———. "Harry Laus lança novela bilingüe". Florianópolis, 5 / 11 / 1989.

OLINTO, Antônio. "O conto em 1958". Leitura. Rio de Janeiro, 1959. p. 25-26.

OUEST-FRANCE. "Colloque de la MEET à Saint-Marc". Saint-Nazaire, 8 / 6 / 1991.

PEDROSO, Néri. "Editora da UFSC lança livro de Harry Laus". AN Capital. Florianópolis, 21 / 02 / 1996.

PEREGRINO, Umberto. "Contos de um militar escritor". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 / 12 / 1958.

PEREZ, Renard. "Apresentação de 'Os incoerentes'". Tribuna de Corumbá. 9 / 1 / 1959.

———. "Ao juiz dos ausentes". Última Hora. Rio de Janeiro, 19 / 7 / 1961.

PLANES, Jean-Marie. "Zénon! pauvre Zénon!" Gironde Magazine. n. 12. Bordeaux (França), 1988. p. 45.

PÓLVORA, Hélio. "Os incoerentes". Leitura. Rio de Janeiro, janeiro de 1959. p. 37.

PONTES, Mário. "De-Como-Ser". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 03 / 04 / 1980.

PONTUAL, Roberto. "A crítica em foco nas últimas edições". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 / 04 / 1980.

PORTANOVA, Eduardo. "Em busca de um centro mundial". Diário Catarinense. Florianópolis, 9 / 7 / 1991.

RAMOS, Ricardo. "Os incoerentes". Última Hora. São Paulo, 14 / 2 / 1959. p. 11.

RÓNAI, Paulo. "Os incoerentes". A Cigarra. n. 3. Rio de Janeiro, 1959.

SÁ, Jorge de. "Quarteto de contos". Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 09 / 7 / 1983. p. 10.

SANCHES Neto, Miguel. "Fragmento de um percurso doloroso". Gazeta do Povo. Curitiba, 17 / 06 / 1996. Caderno G, p. 4.

SANTOS, Luísa Cristina dos. "Harry Laus encontra a sua mais completa tradução". AN Capital. Florianópolis, 07 / 06 / 1996.

———. "Guerra e paz: a dialética de Harry Laus". Ô Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, maio / junho / 1996. N. 17. p. 6-7.

- . “Cartas da ilha”. *Ô Catarina*. Florianópolis: FCC, julho/ agosto/ 1997. N. 24. p. 11.
- SOARES, Doralécio (org.). Boletim da Comissão Catarinense de Folclore (n. 45-46). Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1993-1994. p. 129.
- SOARES, Iaponan. “Artes e artistas”. Diário Catarinense. Florianópolis, 07 / 11 / 1988.
- SOLER, Louis. “Splendeurs et misères”. Sud-Ouest Dimanche. França, 24 / 12 / 1989. p. 23.
- . “Crítica a um *arquiteto da letra*”. Trad. Joca Wolff. O Estado. Florianópolis, 28 / 1 / 1990.
- . “El hombre de los despertadores”. Revista Confluencias. Vol. V. n. 2. Barcelona, 1991. p. 33-36.
- SOMMER, Vera. “Três anos sem Harry Laus”. Diário Catarinense. Florianópolis, 28/05/1995. p. 8.
- TEIXEIRA, Cléber. “De major do exército a flaneur baudellairiano”. Diário Catarinense. Revista DC. Florianópolis, 25 / 05 / 1997. p. 10.
- TERNES, Apolinário. “De-Como-Ser”. A Notícia. Joinville, 23 / 04 / 1980.
- TRISTÃO, Maristella. “De como ser um crítico de arte”. Estado de Minas. Belo Horizonte, 07 / 05 / 1980.

TURLEY, Louisa Frost. "Modern Art Museum stages Brazilian Writers Festival". Brazil Herald. Rio de Janeiro, July 22, 1962.

WOLFF, Joca. "Harry Laus: a literatura como um contínuo desafio". A Notícia. Joinville, 10 / 4 / 1988.

———. "Em plena forma, Harry Laus vai à França onde lança *Jandira*". A Notícia. Joinville, 3 / 9 / 1989.

———. "Destaques literários na feira do livro". A Notícia. Joinville, 27 / 10 / 1989.

———. "A literatura catarinense marca presença na França". A Notícia. Joinville, 4 / 6 / 1991.

———. "Laus, um destaque na França". A Notícia. Joinville, 2 / 7 / 1991.

———. "Harry Laus há exatamente um ano, por Marcos Rück". A Notícia. Joinville, 22 / 12 / 1991. p. 4.

ZAND, Nicole. "La ligne Saint-Nazaire - Montevideo - Buenos Aires". Le Monde. Paris, 14 / 6 / 1991. p. 26.



Harry Laus

*de um autor*  
**MONÓLOGO  
SEM  
PRECONCEITOS**



ilustrações  
**DARCY PENTEADO**



**MONÓLOGO**  
de uma cachorra **SEM**  
**PRECONCEITOS**

como o texto não tem pontuação seria interessante assinalar logo na primeira leitura as cenas que queira reler nalguma tarde noite manhã de extrema euforia fúria ou bemaventurança



**MONÓLOGO**  
de uma cachorra **SEM**  
**PRECONCEITOS**

novela de  
**HARRY LAUS**

ilustrações de  
**DARCY PENTEADO**

de

*Harry Laus*

.1922-1992

para Luisa Cristina.

encontrei este exemplar depois que Harry morreu,  
entre seus guardados. Talvez estivesse lá para encon-  
trar você. E você tinha sido destino dele.

Paris 77 - Porto Belo 78

*D*  
10/10/95

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina**

L388m Laus, Harry, 1922-  
Monólogo de uma cachorra sem preconceitos:  
novela / Harry Laus; ilustrações de Darcy  
Penteado. — Florianópolis: Ed. do Autor,  
1981.  
45p. : il.

1. Literatura Brasileira - Novelas I.  
Penteado, Darcy II. Título.

CDD: B869 302

**edição do autor**

**capa** Índio Negreiros

**lay-out** Harry Laus

**composição e impressão** Orleans Gráfica - E. S. Elbert - fone 44-1268 - Fpolis

Papo bolado num vôo Rio—Madrid escrito em Paris outubro 1977 para você acompanhar devagar reler tentar amar  
este papo de Lady Águia bolado num vôo Rio—Madrid escrito em Paris outubro 1977 rua Quincampoix reescrito em Porto Belo Santa Catarina março 1978 para você acompanhar devagar reler tentar amar

este papo de Lady Águia escrito em Paris rua Quincampoix casa de Ceres Franco reescrito em Porto Belo vendo-se ao longe a luta entre o céu e o mar para você acompanhar devagar reler tentar amar

este papo de Lady Águia escrito em Paris rua Quincampoix casa de Ceres Franco a quem o papo é dedicado com muito amor depois de reescrito em Porto Belo vendo-se ao longe a luta entre o céu e o mar na linha do horizonte ambos querendo provar sua enorme beleza ninguém aceitando ser juiz dessa discussão infinita

para você acompanhar devagar reler tentar amar

Nunca soube quem foi meu pai e de minha mãe posso dizer muito pouca coisa porque ela precisava atender à filha-rada mais onze além de mim não podendo dar uma atenção direta a nenhum deles nem demonstrar preferências para não criar complexos nos outros como também não tinha muita voz ativa sobre os filhos porque de vez em quando entrava o Homem com cara de alemão grandes mãos cobertas de penugem loura lá se ia um ou outro até que um dia me acordei sozinha naquele quarto com uma porta gradeada por onde entrava a comida pela manhã e no fim do dia numa cumbuca de plástico cor-de-rosa na primeira vez um pouco de leite morno e aguado muito diferente daquele que eu sugava de minha mãe e na outra uns minúsculos pedacinhos não sei de que com gosto de carne misturados com polenta mais o prêmio de uma saída pela tarde para um pequeno páteo oval onde mal dava para uma corrida atrás de um colega de infortúnio ou a disputa por algum inseto que voasse ou caísse por ali mas sempre era uma chance de a gente poder esticar as pernas perceber que o mundo não era só aquilo que as árvores o cercado deviam esconder coisas maiores mais amplas por onde se pudesse correr sem limites de distância nem de velocidade para se ficar forte poder defender melhor a nossa vida a vida daqueia pessoa que nos amasse a quem a gente acabaria por amar também por uma questão de reconhecimento pelos carinhos pela comida pelos passeios e presentes que nos daria mas estava demorando muito quando dei por mim já com seis meses de idade aquela rotina insuportável de perceber o dia nascer morrer com um céu azul aparecendo mal e mal sobre as copas das árvores ou a chuva irritante que impedia nosso pequeno passeio quando se percebia a grande variedade da roupagem que se usava eu toda de branco com pequenas pintas negras outros de marrom alguns com uma capa preta muito solene de quem vai à missa ou a algum enterro sem contar com uns fedelhos metidos a besta com casacos de pele branca ou amarelada que muitas vezes descia até ao chão dando um trabalho danado para se manter limpos ou ainda outros vestidos de cinza cara fina simpática os demais carrancudos de cara amarrada os dentes à mostra como se estivessem sempre prontos a brigar quando eu muito jovem e alegre só pensava em brincar pensar besteiras como por exemplo roer a cumbuca cor-de-rosa derramar a outra de água para ver o Homem entrar me passar a mão cabeluda pelas costas

— virou outra vez sua filha da puta

enchê-la de novo com uma água limpa fria que entrava gostosa em minha boca escorria para dentro depois de ter mudado a temperatura de minha língua rosada igual à cumbuca de polenta com as tais bolinhas muito sem graça ou mesmo um ou outro osso que não vinha todos os dias mas que talvez por isso mesmo era um prazer muito grande a gente ficar horas esquecidas roendo aquele troço duro mas necessário para



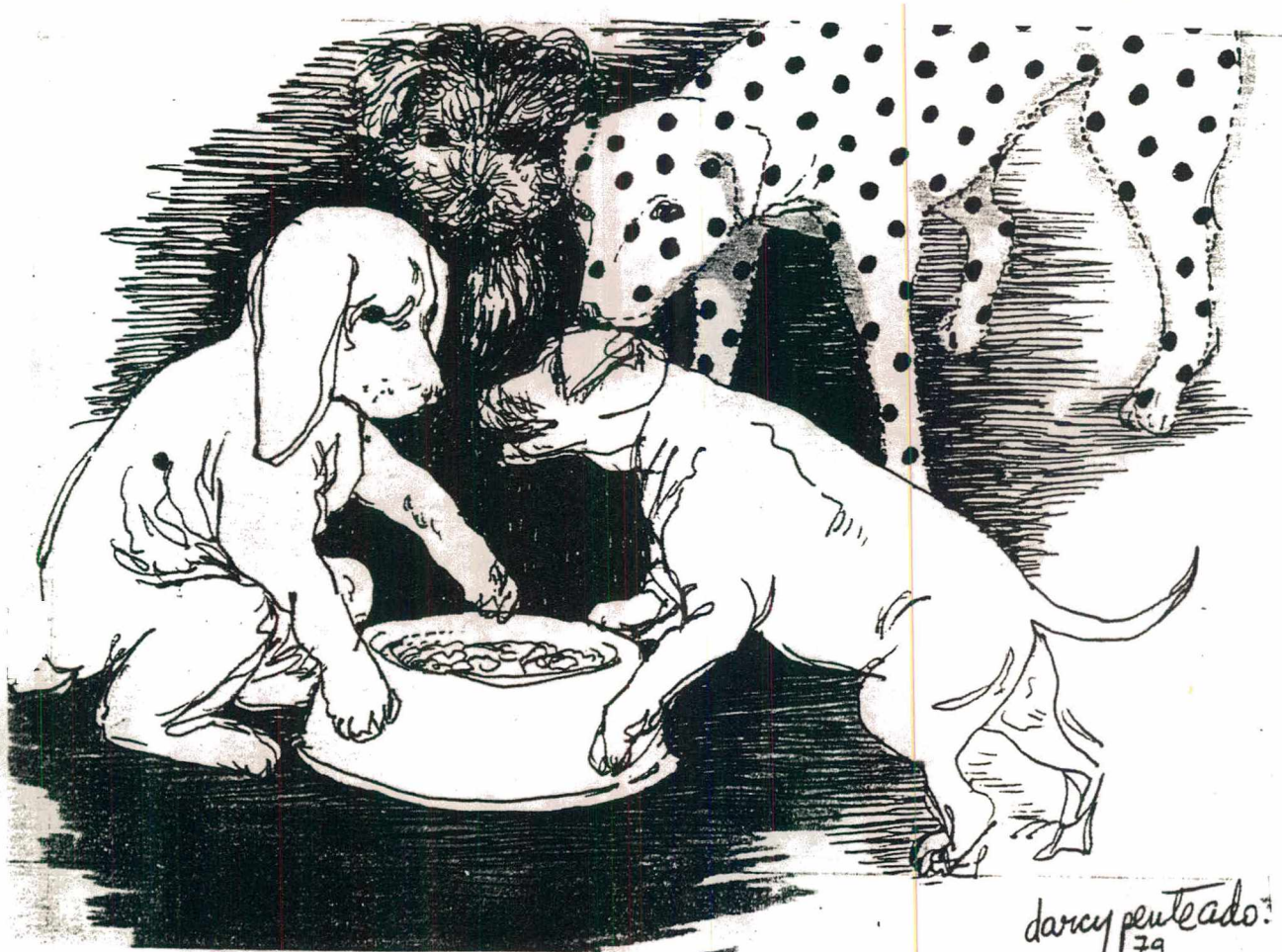
fortalecer nossos próprios ossos acima de tudo para afiar os dentes não sei bem para que pois eu tinha o pressentimento de que jamais iria morder alguém mas quem sabe para me defender da maldade do mundo ou dos colegas invejosos de outras raças menores ou maiores mais feios ou mais bonitos ou mesmo roer a corda e fugir caso desse vontade ou fosse mesmo necessário por uma questão de vingança contra os maus tratos de algum patrão insensível sem coração que a gente nunca sabe o que vai encontrar pela frente já que não se tem o direito de escolher chefe nem casa nem serviço mas como sou pura de raça com um papel que o Homem chama de pedigree linhagem nobre devo ter um preço bastante alto por isso minha esperança é cair nas mãos de quem me possa dar uma comidinha melhor uma almofada macia um canto maior um pátio grande com mato para se caçar algum bicho mudar de paladar conhecer outros pratos outros gostos enfim educar a boca o estômago para a variedade de coisas que devem existir por fora desta grade deste espaço limitado pois ouço ruídos sons tão estranhos e fascinantes vindos do lado de fora dos muros que não ruporto mais de curiosidade para saber como é produzido tudo isto sem falar em risadas gostosas de meninas como só vi duas que vieram uma tarde me visitar mas não se agradaram de mim ou me acharam muito cara pois acabaram saindo com um colega pequenininho de cabelos encaracolados que se foi muito feliz da vida todo rebolido me deixando morta de inveja tristeza neste cubículo frio acimentado sem um lugar próprio para se fazer pipi cocô onde a gente fica responsável pelo próprio mau-cheiro precisa suportá-lo às vezes por mais de um dia principalmente quando cai essa coisa desagradável que o Homem também detesta e grita

— merda de chuva

fica mal-humorado a gente é quem sofre não tanto eu mas o colega aqui do lado que apanha muito grita muito já quebrou uma perna tentando escapar pelo muro alto sem muita paciência para esperar seu dia pois acredito que haverá um dia para todos uma vez que não há espaço para muitos e pelo menos de mês em mês de quinze em quinze dias percebe-se que aconteceu algum milagre pelos vagidos que se ouvem me dando uma enorme alegria porque percebo que meu dia está mais próximo como de resto ficou provado com a chegada de um Sujeito simpático magro sempre rindo acompanhado por um Menino que me botou uma coleira de couro uma corrente enquanto o Sujeito dava uns papéis para o Homem recebeu outros em troca

— tudo certo

me levaram para um automóvel chamado Kombi foi um grande deslumbramento verificar que eu tinha razão em esperar grandes espaços coisas bonitas jamais sonhadas pois meus sonhos até então eram muito limitados quase unicamente ossos briga com os colegas por causa desses ossos apenas um mais interessante quando morava numa casinha toda feita de ossos mas para sair tive de ir roendo um por um quando tentei passar pela abertura roída caiu tudo em cima de mim me acordei gritando feito louca mas não passei muita vergonha porque estava tudo escuro noite completa parece que ninguém percebeu afinal o que interessa é dizer como me sentia feliz deslizando pelas ruas de Blumenau conforme o Sujeito falou para o Menino naquela embalagem de metal muito mais cômoda do que minha pobre cela de grades e chão frio de cimento as casas enormes onde naturalmente moravam meus colegas





homens mulheres uns por cima dos outros pois eu via pessoas e animais pelas janelas muitos carros nas ruas muita gente gente gente pessoas carregando colegas de todas as roupagens que paravam nos postes levantavam a perna numa atitude grosseira coisa que nunca fiz nem farei nem acho que fique bem para a minha raça por isso me abaixei discretamente até perceber que aquele líquido momo e amarelado escorreu todo me deixando mais leve com vontade de correr mas não sei ainda quando será isto naturalmente só quando a Kombi parar não sei onde eu descer espero que não seja para me trancarem de novo mas é melhor não pensar em coisa ruim sinão a sorte pode mudar e como há tanta coisa bonita para ver chega a ser maldade perturbar o panorama com pessimismo besta deixando de apreciar devidamente as caudalosas curvas de água deslizando agora pelo lado esquerdo da estrada colinas verdes árvores muito grandes algumas se inclinam para a margem do rio o Sujeito e o Menino falando

— o vale verde

— o Itajaí parece dormindo

numa velocidade tão grande pelo asfalto que não sei como os carros que vêm não batem na gente mas deve ser normal pois todos correm numa pressa enorme de chegar em algum lugar naturalmente para um encontro muito importante mas não entendo porque uns ultrapassam os outros se o encontro deve ser o mesmo para todos como também não entendo porque corre um bando de carros numa direção outro bando no sentido contrário quando seria muito mais natural que o encontro de toda essa gente apressada fosse marcado na própria cidade onde mora cada um ou pelo menos com mais antecedência para evitar a correria as travadas bruscas acabo quebrando a cabeça contra a parede de ferro que me separa do Sujeito e do Menino mas como estou pensando coisa ruim esquecendo de olhar para tudo de novo que acontece como por exemplo o grande amontoado de casas altíssimas que está aparecendo pelo lado esquerdo

— Camboriú cresce dia a dia cada vez mais gente no verão

— e no inverno uma cidade fantasma com todos os prédios na escuridão

— quem tem dinheiro pode se dar ao luxo de usar uma casa ou um apartamento dois meses por ano

eu acho bom o papo dos dois porque vou aprendendo coisas nomes mas eles falam pouco o Menino trata o outro com respeito muito gentil se volta para trás me passa a mão pela cabeça dá um sorriso bonito volta a olhar para a estrada que parece nunca terminar ou será que morri e esta viagem é para me encontrar com meu povo todo que foi embora antes de mim aliás talvez seja a única maneira de explicar a velocidade dos carros para a gente não apodrecer antes da chegada ficar fedendo como aconteceu com um filhote que morreu debaixo da mãe lá no cercado onde eu estava enfiada descoberto só dois dias depois pelo Homem de mãos peludas

— estás me dando prejuízo mãe assassina

deu uns tapas na cara da pobre mãe saiu com o bichinho morto apagado seguro pela ponta do rabo mas não deve ser nada disso que sou apenas uma criança ainda quero ver e fazer muitas coisas por falar em ver olha só que paisagem maravilhosa

— o morro do boi

– não conheço o mundo mas não pode haver vista mais linda que esta

– Itapema Meia-Praia Perequê Porto Belo todas as curvas do mar

– a cor do mar o céu o sol a espuma junto às pedras

então o Sujeito virou para a esquerda a roda segura por suas mãos a Kombi saiu da estrada principal entrou por um desvio parou bem próximo a um imenso depósito com milhões de litros de água mas esta água é esverdeada e não fica parada como a da cumbuca onde eu bebia ao contrário se mexe muito forma umas corcovas que se quebram com estrondo apavorante largando na areia umas bolhas brancas que logo se recolhem para formar novas corcovas barulhos cada vez maiores foi me dando um medo terrível me encolhi toda no banco traseiro mas não adiantou nada porque os dois estavam quase nus me agarraram rindo do meu pavor

– estás precisando de um bom banho

– não é qualquer um que entra nas ondas do mar de Itapema

me jogaram violentamente contra as ondas quase me afoguei naquela água maldita venenosa que amargava na boca gelava minha pele fazia meu corpo todo tremer de frio compreendi então que batendo as patas era possível chegar na areia onde o calor do sol queimava os dedos e a sola dos pés mas sempre era melhor mas quando pensei estar livre daquele suplício veio uma vez o Menino depois o Sujeito fui jogada mais duas vezes no mar um inimigo que resolvi adotar para toda a vida embora os homens considerassem a coisa mais gostosa do mundo conforme iam dizendo mergulhando reaparecendo mergulhando escorrendo água secando o corpo no sol eu amarrada bem perto daquele barulho irritante repetitivo sem imaginação ameaçada pelas ondas que se espalhavam na praia cada vez mais perto de mim

– estamos atrasados

– vamos embora

graças a Deus me colocaram novamente na Kombi se vestiram rapidamente recomeçou a viagem felizmente longe da água movediça que nunca mais quero ver na vida

– precisamos ir um dia a Porto Belo

– tem uma igreja bonita uma ilha linda

– já fui na prainha que tem na ilha

nem na morte sei lá se será possível pois o caminho sempre corta um rio

– a ponte matou Tijucas

– progresso de um lado prejuízo do outro

– um rio tão calmo deve dar muito peixe

– dá nada muito poluído

ou mostra o mar ameaçando subir pela estrada entrar no carro me afogar eu indefesa porque já percebi que os dois não são meus amigos não sei como me livrar deles mas eis que acontece outra novidade outra parada agora mais longe do mar embora eu ouça o seu barulho perigoso

– vamos comer alguma coisa

– minha barriga está roncando

os dois descem entram numa casa cheia de mesas e cadeiras me deixam morrendo de calor trancada nesta caixa de lata com cheiro forte de uma água que botam por um canudo mole numa parte escondida embaixo de mim mas estão demo-



rando muito minha língua começa a pingar de sede meu pêlo coça todo por causa do maldito mar espero que não caia o pêlo todo senão vou ficar feia horrível ninguém vai me querer mais estou ficando triste vamos pensar em coisas alegres mas minha vida tem sido tão besta que não tenho alegrias para me lembrar a não ser o riso daquelas duas meninas que me deixaram por aquele pirralho encaracolado mas não importa que os dois inimigos estão voltando com uma cumbuca rasa branca para eu comer que bom são uns ossos pequenos macios que se desmancham na força de meus dentes fazem cócegas na garganta nunca havia comido disto mas é tão bom espero se repita o prazer desta comida nova agora um prato mais fundo com água boa de beber embora um pouco morna cheia de uns grãosinhos brancos muito sem graça até que o Menino recolhe tudo recomeça o barulho da Kombi retomamos a mesma estrada preta o Sujeito fala

– São Miguel

– é bonito

– o aqueduto a casa antiga a igreja

vai-me dando um sono tremendo me apago no calor acolchoado do banco o murmúrio do motor ajudando a dormir uma água violenta quebra em cima de mim dou um grito

– está sonhando

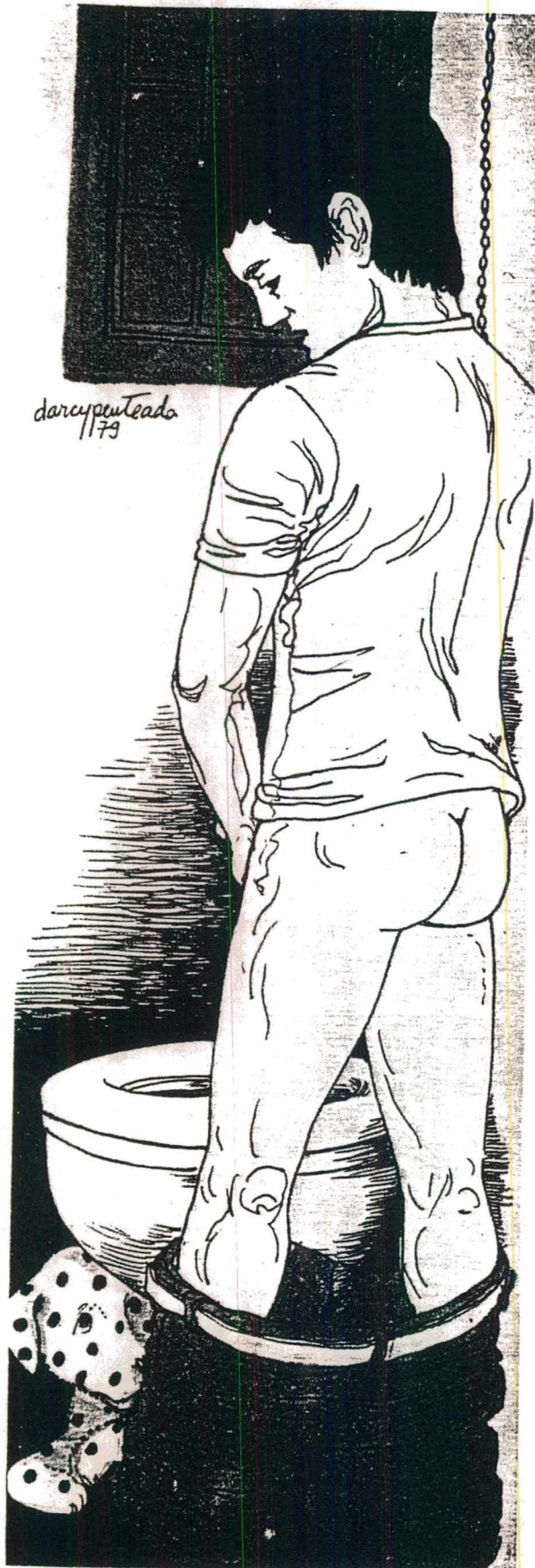
– será que o Cara vai gostar dela

– acho que vai

percebi que estavam falando de mim quem seria esse Cara mas a Kombi pára me carregam por uma sala cheia de uns bichinhos engaiolados amarelinhos fazendo piu-piu mais alguns colegas pequenos em gaiolas maiores todos muito tristes passo por tudo bastante desconfiada temendo por minha sorte que vai de mal a pior agora me trancam num cubículo ainda menor que o de Blumenau fedido todo fechado com um monumento branco no meio onde o Menino o Sujeito outras pessoas entram fecham a porta abrem a calça puxam uma tripa de dentro fazendo escorrer xixi com cheiro igual ao meu para dentro do monumento depois puxam uma cordinha parece que o mar vai inundar o cubículo me afogar me encolho num canto apavorada mas a água foge por um funil não chega a sair a não ser quando o fio de urina que sai deles erra a pontaria vem molhar minha adorada roupagem preta e branca

– desculpe Lady Águia foi sem querer

desaforo nem adianta reclamar porque eles são donos da gente a gente deve ficar quieta para não complicar ainda mais as coisas se é que ainda se podem complicar mais do que já estão imagino que não exista lugar menor mais escuro mais fedido para me meterem será que meus irmãozinhos tiveram a mesma sorte espero que não o melhor é dormir sem saber se é noite ou dia quando penso que é noite vem um abre a porta entra a claridade recomeça a cerimônia da tripa mole vertendo água mas uma vez foi diferente o Menino entrou todo afobado fechou a porta com um ferrinho a claridade foi entrando aos poucos ele abriu a calça e deixou escorrer pelas pernas abaixo até o chão depois segurou a tripa com a mão toda mas a urina não queria sair a tripa foi ficando dura o Menino subia e descia a mão fechada sobre ela a respiração foi ficando forte cansada como se ele estivesse correndo um gemido longo abafado o estremeamento de todo o corpo pensei que o Menino estivesse doente então um leite grosso pingou ploc-ploc no monumento





uma gota no chão perto de mim

– não diz prá ninguém Águia

provei não era leite gosto esquisito cheiro forte mais tarde iria conhecer melhor mas o pior não foi isto e sim quando os homens baixavam a calça sentavam no panelão branco faziam o que faço mas fedendo muito mais insuportável ficar ali parada sofrendo a catinha pior ainda quando não puxavam a tal cordinha até que um dia raiou a liberdade já raiou a liberdade no horizonte sem funil para sempre espero longe de mim com aquele fedor brabo intoxicante afastada substituída pelo negro de um estofamento macio dentro de um carro todo branco por fora quase sem nenhum ruído um moço bonito com as mãos na roda girando para um lado e outro o carro obedecendo seus movimentos de mãos pequenas rosadas bem mais claras que a minha antiga cumbuca de comida mas a direita tão leve suave quando escorreu por minha cabeça perguntou meu nome

– Águia Sumatra diz aqui no pedigree

– Águia

– descendente de campeões puro sangue uma lady

– Lady Águia

– Lady veja só a pose deve saber que falamos dela

então entrou na minha vida a primeira coisa realmente maravilhosa mais maravilhosa que todas as paisagens que vi pela estrada todas as comidas provadas pequenas carícias recebidas porque me fazia imaginar paisagens gostos carinhos bem além daquilo que eu conhecia dependendo apenas de um leve gesto do moço bonito Suave quando baixava a mão a um pequeno botão preto perto da roda-volante imediatamente um som calmo ou agitado benfazejo inundava o espaço inteiro do carro embalava a gente música música foi a primeira palavra que aprendi com o Cara na pequena viagem desde o cubículo escuro até uma grande casa branca de janelas azuis com dois pátios por onde naturalmente eu poderia afinal correr sem barreiras um deles com lugar para o carro cercado de árvores altíssimas o vento assobiando em suas cabeleiras verdes de fiapinhos que sujam o terreno

– estas casuarinas são um inferno

depois fiquei sabendo que as árvores do outro pátio davam frutas grandes e pequenas vermelhas verdes amarelas de nome caju abacate goiaba carambola néspira limão butiá caqui mas eu não gostava de nenhuma só de uma ou outra uva roxa caindo madura da parreira mas principalmente das grandes brancas que de vez em quando o Cara trazia me dava o grão estendido na palma da mão dizendo meu nome Águia Lady Águia mas isto foi depois porque no começo tive de me acostumar com a casa grande demais eu me perdia se o Cara chamava eu corria de sala em sala até encontrá-lo ele ria me fazia festas eu precisava efetivamente me orientar melhor situar sua voz para não parecer burra coisa que não vai bem com a minha raça dálmata pintada de negro comecei por partes pela cozinha onde uma mulher chamada Ana Catarina preparava a comida para eles para mim quando não era o próprio Cara quem fazia a minha pois só ele queria me tratar dar ordens ficava furioso quando encontrava alguém me paparicando

– assim ela nunca vai saber quem é o dono

me levava para outra peça da casa sentava na sala de música botava disco e mais disco com um copo na mão geralmen-





darcy penteado.  
79



te de tarde então eu saía para reconhecimento de todos os lugares que ficavam mais ou menos assim um grande salão com diversos assentos almofadas mesa redonda cadeiras muita coisa bonita pelas paredes uma ovelha que parecia de verdade um galo uma galinha de veludo branco cristas vermelhas que não resisti a tentação de provar besta sem gosto alguns gritos do Cara para não fazer mais isto depois outra sala que diziam de almoço onde se sentava o Cara o Suave diversas pessoas diferentes que apareciam todos os dias na hora da mesa servida na mesma sala um aparelho cinzento tocava uma sineta o Cara corria para lá

— alô sim hoje não pode ser porque vou jantar fora  
falava falava desligava a campainha voltava a tocar

— alô como vai estou te esperando entre sete e meia e oito da noite

desta sala saíam dois quartos um do Cara o menor para visitas mais uma porta para um quarto frio onde eles entravam quase nus se fechavam cantavam assobiavam faziam barulho de chuva mais uma porta para uma sala maior quase vazia apenas uma mesinha uns banquinhos as paredes cheias de quadros lindos imitando as paisagens bonitas que eu vira ou com desenhos de gente e bichos ou umas formas que não dava para entender mas de cores muito belas me deixando a pensar em algum mundo diferente que eu ainda não conhecia de certo depois das nuvens e do céu então o Cara parece que se cansava de olhar para aquela coleção trocava tudo de noite a sala ficava cheia de gente gente bebendo bebendo comendo umas coisas miudinhas falavam falavam olhavam olhavam falavam mais do que olhavam os quadros no dia seguinte dona Ana tinha um trabalho danado de limpar o chão de tapete macio onde eu gostava de fazer pipi mas sempre levava uns safanões para não repetir aquilo até que aprendi mas o pior era quando resolvia fazer cocô e apanhava com um jornal dobrado que o Cara trazia me arrastava até o cocô me fazia cheirar

— não pode não pode não pode

enquanto me batia sem dó nem piedade eu não sabia direito como resolver meu problema com o tempo acabei aprendendo só fazia no pátio pela manhã quando o Cara me soltava da prisão onde dormia na verdade do tamanho do anterior sem monumento nem mau cheiro luz natural uma almofada grande verde preta onde me refastelava tranquila me acordava com a porta se abrindo saía correndo para fazer as necessidades debaixo da parreira o Cara vinha com uma guia botava na coleira

— vamos dar uma volta na praia

confesso não gostava por causa do mar mas ia puxada por ele ficava na calçada longe da água ouvindo o barulho ameaçador que me faz lembrar Itapema embora aqui no Continente como eles chamam ou Bom Abrigo outro nome que usam o mar seja bem mais calmo quase tão parado como a água de minha cumbuca que agora é azul são duas iguais para água e comida de manhã leite com as tais bolinhas-ração de noite carne cozida prefiro coração ou carne moída vou desistir de beber leite não tenho mais idade para isso não sou gato a refeição da noite é bem melhor forte aliás a noite é quase sempre muito movimentada principalmente nos fins de semana chega uma porção de rapazes quatro cinco que brincam muito comigo eles ficam bebendo bebendo uma bebida forte ouvindo

música se tratam por números Oito Dezesesse Vinte e Cinco o Cara chama um loirinho de rosto redondo de Coroinha bota nos ombros uma grande capa purpurina segundo disse parece um bispo abraça um por um já meio tonto escolhe um ou dois leva para o quarto aperta um botão branco junto à cama aparece Suave para me levar ao quartinho de almofada verde preta e entrar no dele que fica exatamente em frente ao meu no outro lado do pátio de manhã a turma jovem já foi embora começa outro dia

— vamos à cidade

Suave traz o carro para a frente da casa me bota no assento trazeiro o Cara senta ao lado dele música sem parar saímos passamos por uma ponte enorme com o mar todo azul parado lá embaixo chegamos à Ilha ou City ou Florianópolis ou Floripa de praça bonita com uma árvore figueira muito grande apoiada em muletas para não cair de tão antiga está as pessoas param perguntam minha raça meu nome minha idade

— é mansinha

me fazem carinho me chamam Águia Águia mas não dou muita bola porque não gosto de desconhecidos tenho de ser fiel apenas ao Cara e ao Suave

— estás vendo só o cachorro é o melhor meio de comunicação

Suave ri vamos voltar passamos por outra ponte muito mais bonita toda de ferro preto com umas curvas bem altas que o Cara chama de catenária ele fala pouco mas explica tudo para Suave se tratam muito bem quando de noite não chegam meninos Suave tira a roupa deita na cama com o Cara se esquecem de mim durmo na sala de música ouvindo o Cara roncar feito carro velho Suave não consegue dormir foge para um sofá da sala de almoço mas certa noite foi muito engraçado porque apareceu um Amigo do Cara que bebe bebe fala fala anda completamente nu pela casa toda como o Cara nunca fez também o Cara não é tão desesperado com os rapazes como o Amigo que agarra um por um leva para o banheiro volta rindo abobalhado bêbado conversa coisas sérias com o Cara dedilhando as partes mais escondidas dos moços leva outro para o banheiro o engraçado foi a tal noite o Amigo bebeu demais sentou nu na beira da mesa de vidro que se quebrou manchou tudo de vermelho o Cara ria ria o Amigo teve de ir para o Pronto Socorro passou um tempão sem aparecer nesse tempão a casa transformou-se a biblioteca juntou-se à sala de almoço a de música virou quarto o grande salão agora tinha música e na galeria uma porção de pequenos quadros ocupava todas as paredes o Cara falou para uma visita que parecia importante

— esta é a última exposição

— do ano de 76

— do ano e da casa

— ia tudo tão bem

— só sai dinheiro o que entra não compensa

— terra de merda

proveitei o papo dos dois saí de casa atravessei o pátio das frutas entrei no mato do terreno baldio onde eu exercitava meu direito à liberdade aguçava meus ouvidos para localizar até um inseto voando dava oportunidade a meu instinto de caçadora sem grande sucesso porque o mato era baixo pouco denso poucos bichos apenas alguns ratos que eu espreitava



cuidadosamente andava pé ante pé até surpreendê-lo e abocanhá-lo para vê-lo sofrer e se debater entre minhas patas rasgado pelos dentes fortes de minha boca para depois deixá-lo morto por lá abandonado que não gostava daquela carne crua e rija lutando apenas pelo prazer da conquista me deliciando com seu desespero de tentar fugir grunhindo grunhindo até calar-se num último esforço de libertação aí procurava um lugar fresco e sombrio deitava a cabeça sobre as patas dianteiras e ficava comparando as folhas os verdes claros médios escuros sobre folhas redondas compridas largas curtas tudo tão variado e bonito que sentia inveja daqueles artistas que sabiam tão bem desenhar tudo isto mas em compensação não sabiam caçar um rato portanto voltei para casa o Cara e a visita combinavam uma festa de aniversário compra isto compra aquilo arruma isto aquilo mesas no jardim lanternas japonesas nas árvores muita bebida muita música muita comida certa noite a casa movimentou-se tanto como nunca vira o aniversário era do Cara gente pelas salas todas pelo pátio inteiro lá pela meia-noite o Cara estava muito tonto foi dormir a festa continuou até de manhã mas antes que Suave me trancasse no quatinho pude ver uma cena muito curiosa entre ele e um homem alto de óculos se exibindo como um Pavão tentando disfarçar os olhos vermelhos de doença ou maconha que andaram fumando escondido do Cara deitado numa rede sob as árvores o Pavão puxava Suave para si

– te levo para São Paulo

alisava o peito de Suave debruçado sobre ele beijava suas pernas

– te dou um carro

descia as mãos pelo corpo todo de Suave encostava a cabeça na altura da emenda das coxas ria sem parar fazia propostas chegou o Amigo da bunda rachada começou também a provocar Suave passivamente entregue a essa disputa naturalmente feliz por despertar desejos nos outros um pouco embriagado porque naquela noite não teria de ser motorista o carro fechado na garagem comecei a latir com raiva daquela vergonheira o Amigo falou

– olha a Águia está com ciúme do Suave

Pavão levantou-se cambaleando beijou Suave na boca em frente de toda a gente que ainda estava por lá inclusive o pai dele puxou Suave pelo braço

– vamos dormir na garagem

Suave foi com ele mas antes me trancou no quatinho e no dia seguinte a casa amanheceu com gente dormindo por todos os cantos o Cara levantou-se encontrou dona Ana às voltas com a limpeza Pavão e Suave tomando café na cozinha o Cara parece que não desconfiou de nada porque ainda deu ordens para Suave levar o Pavão de carro até sua casa na Ilha fomos dar a volta de sempre pela praia quando voltamos todos tinham ido embora não demorou dois dias apareceu Pavão com telas cavaletes pincéis tintas passava horas debaixo das árvores pintando conversando com Suave

– não posso fazer isto o Cara é muito legal comigo

– diz que arranjaste um emprego melhor

– saí de um ruim este agora é uma moleza

– vamos para São Paulo diz que não queres mais trabalhar com ele

falando insistindo convencendo comendo a comida do

Cara bebendo sua bebida durante três dias de doutrinação na cuca mole de Suave que acabou chamando um táxi os dois entraram e desapareceram

– filho da puta

O Cara ficou desesperado estraçalhou a vidraça com um copo cheio de bebida passou a beber ainda mais desde manhã cedo ficou dias e dias atendendo desligando o telefone sem receber ninguém o carro morto na garagem quando de repente tudo mudou com uma bela manhã de sol nosso passeio pela praia um moço dormindo sobre a pedra maior de Bom Abrigo redonda e lisa o Cara ficou perturbado com aquela cabeça jovem apoiada nos sapatos cabelos entrando para dentro deles o corpo todo entregue a qualquer sonho desconhecido passamos repassamos passamos pela pedra o rapaz finalmente acordou-se espreguiçou-se calçou os sapatos ajeitou os cabelos desceu da pedra passou água do mar pelo rosto sorriu quando o Cara lhe ofereceu um cigarro

– de Curitiba 16 anos

– vamos tomar café lá em casa

Curitiba pegou minha guia brincou comigo o Cara falou

– Lady Águia está no cio

Curitiba pegou minha cauda olhou minhas partes fômos para casa os dois conversando

– não tenho pai briguei com minha mãe não quero voltar prá casa

– então fica comigo

– posso limpar a casa roçar os páteos

– não tenho filho

– meu pai morreu

– vou te adotar como filho

Curitiba sorriu de alegria

– meu pai

os dois saíram voltaram com roupa nova uma sacola Curitiba todo feliz mudou calça camisa sapatos ficou lindo de azul vermelho mas eu andava preocupada com a palavra cio o gesto de Curitiba levantando minha cola fazendo um carinho gostoso na barriga um prazer diferente mas ao mesmo tempo me desagradava aquele calor o sangue pingando sujando a almofada ao mesmo tempo uma vontade louca de fugir de casa sair correndo pelas ruas mas o Cara tomava uma conta redobrada de mim me deixava presa na corrente junto à parede de uvas ou até mesmo no quartinho quando saiam de casa não deixava nenhum dos meus colegas da vizinhança se aproximar eu percebendo que o calor o sangue recebiam a solidariedade deles rondando a casa querendo me visitar a todo o pano então comecei a pensar que estava doente resolvi fugir para saber com eles o que se passava aproveitei um momento de distração do Cara às voltas com Curitiba saí pelo pequeno portão de ferro da frente passei pela mercearia atingi a esquina da avenida junto à praia logo se chegou correndo para mim um conhecido sem raça mas preto e branco alegre e simpático com quem sempre brincava mas desta vez a brincadeira foi um tanto violenta ficou todo nervoso saiu de entre as pernas dele um pequeno bastão vermelho parecido com a tripa do Menino naquela prisão fedida quando saiu o leite não leite amargo me agarrou por trás abraçou-me pelas virilhas sua cabeça cutucava a minha senti alguma coisa pulsando quente entrando em mim mais dor que prazer comecei a gritar apareceu



o Cara correndo com uma grande vara na mão nos separou a porrada eu corri apavorada para meu quartinho o Cara veio correndo atrás de mim

– não pode ainda sua filha da puta

não deu atenção a meu desesperado pedido de perdão batendo o rabo aceleradamente sem cessar ele sem cessar me batendo com o jornal dobrado eu sem saber qual o erro cometido fechou a porta acho que era de manhã dormi um pouco não sei quanto tempo acordei de noite o Cara me solta vou para dentro de casa ele e Curitiba estão ouvindo música o rapaz bebendo um líquido marrom o Cara sempre a mesma coisa amarelada com pedras dentro que eu gostava muito de mastigar quando ele atirava no chão para mim lambia depois mastigava aquilo ia-se diluindo misteriosamente em minha boca virava água o Cara falava

– ela é pura não quero mistura com vira-lata

– coitada deixa ela aproveitar a vida

– não pode é muito nova a cria não presta só com mais de um ano pelo terceiro cio

resolvia por mim eu compreendendo que o abraço do tal vira-lata poderia me encher de filhotes como minha mãe tinha tido passei a achar que o sangue o calor eram coisas naturais mas sem o abraço seria inútil sentir sofrer tudo aquilo mas quando o Cara dizia “não pode” a proibição era definitiva como aprendi com as surras por causa do xixi e do cocô em lugares proibidos mas Curitiba não pensava como ele me acariciava a cabeça as costas a barriga as tetas miúdas na mesma noite aproveitou um descuido do Cara me chamou foi à cozinha abriu a grande caixa vermelha de fazer pedras de água bebeu mais um copo do líquido escuro fechou a porta de comunicação com a sala de almoço abriu a calça ajoelhou-se no chão pude ver um bastão rosado bem maior que o do vira-lata agarrou-me por trás como fizera meu colega começou a tentar encaixar o bastão dentro de mim eu morta para rir porque naturalmente a coisa não ia caber mas Curitiba insistia eu ali feito idiota pensando na dor-prazer daquela manhã com medo que o Cara aparecesse com a vara enorme querendo fugir do abraço de Curitiba querendo ficar para saber o resultado quando a porta se abre de repente o Cara furioso me agarra pelo pescoço me arrasta

– não pode não pode

me tranca no quartinho de onde ouço a discussão

– não quero saber disso

– não sou tarado foi brincadeira

– é de raça pura quero cruzar com outro da mesma raça Curitiba ria

– minha raça é melhor

– raça de filho da puta se você se aproximar da Água outra vez te mando embora

as vezes foram indo para longe dormi acordei pela madrugada aos gritos assaltada por bastões e tripas de todas as cores e tamanhos querendo me possuir à força “não pode não pode” a voz do Cara me enchendo os ouvidos mas ainda estava escuro depois foi clareando ouvi os passos lentos de dona Ana chegando cheiro de café que o Cara acordava muito cedo andava pelos pátios olhava o carro talvez pensando em Suave porque mesmo eu me lembrava dele com saudades de rever seus olhos a boca muito bem feita o cabelo baixo corpo



forte mas sobretudo aquele rosto triste as poucas palavras

– Águia ando com vontade de morrer

se ele com 18 anos queria morrer então o Cara devia ter morrido três vezes pois tinha 54 como dizia

– nada dá certo comigo quero ir embora para outro lugar

isto foi antes de aparecer o Pavão se ele pensava assim não foi difícil o Pavão engambelar o rapaz com o papo de artista que tinha mas isto passou agora ouço a chave girar na fechadura que bom vou ser solta o Cara abre a porta não diz nada corri pelo pátio fiz xixi dona Ana me deu um resto muito besta de comida o Cara apareceu com o copo de líquido amarelo foi sentar-se sob as árvores numa mesa branca abaixou a cabeça entre as mãos ficou pensando pensando

– pensando morreu um burro

Curitiba ria sempre alegre despreocupado de calção de banho foi à praia na volta o Cara disse

– Águia precisa de um banho

conhecia essa palavra me escondi aos pés do Cara embaixo da mesa não adiantou me agarraram tiraram tudo de dentro do meu cubículo abriram uma coisa cuja existência eu desconhecia exatamente em cima de onde eu dormia começou a chover me molharam toda passaram uma espuma branca me secaram ao sol depois burrifaram um pó branco

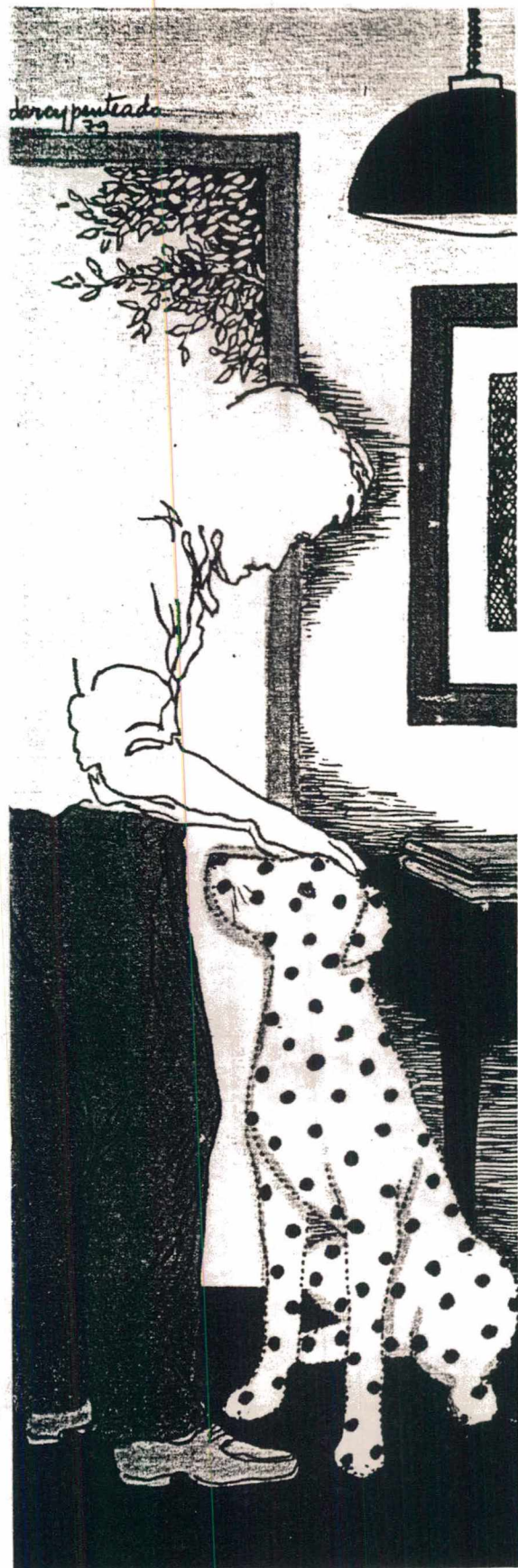
– olha como está linda

fiquei toda prosa mas a bem dizer nunca consegui gostar desse ritual e passei a dormir meio assustada com aquele cubículo no teto cheio de furinhos podia tornar a fazer chuva em cima de mim coisa que felizmente nunca aconteceu a não ser quando a mão de alguém enrolasse a trave de metal para a direita mas a chateação do banho foi logo esquecida com a descoberta que Curitiba fez brincar comigo de outra maneira sempre longe do Cara ou quando ele não estava em casa me chamava para um canto sobre as almofadas ou em cima do sofá macio me puxava para ele ficava me alisando o pelo a barriga abria a frente das calças puxava o bastão duro para fora me fazia lamber muito estranho bem diferente das pedras de água morno não derretia tinha cheiro de carne crua pulsava um pouco até cuspir aquela mesma espécie de leite igual ao do Menino confesso que acabei me acostumando gostando de lamber o leite-não-leite coisa que aconteceu uma porção de vezes quando uma tarde o Cara desconfiou porque quando a gente estava na sala Curitiba saía eu ia atrás para ver se acontecia tudo de novo quando Curitiba voltava para o sofá eu subia ficava cheirando aquela parte então o Cara mandou Curitiba buscar qualquer coisa no bar me chamou para perto dele abriu a calça tirou o bastão para fora quando ia começar a lamber me deu um tremento chute

– não pode

me bateu de novo me trancou na prisão no dia seguinte não vi mais Curitiba que pena pois até era bonito gentil mas é tão difícil saber o que “pode” e o que “não pode” melhor ficar sempre perto do Cara ele me trata bem me dá comida me faz carinhos sem intimidades muitas vezes fala coisas comigo que não entendo bem mas gosto da música de suas palavras em voz baixa

– Águia talvez o melhor seja a gente ficar sozinho para sempre porque todas as vezes que se intromete sentimento



daraypenteada



em nossas relações com os outros aparece alguém para estragar tudo roubar a calma como foi o caso do Pavão prometendo mundos e fundos para o pobre do Suave de quem não posso deixar de me lembrar pela pureza ingenuidade que ainda existe nele um comportamento honesto difícil de se encontrar a ausência do fato comum de roubar explorar mas a culpa foi minha de não me dedicar só a ele dar festas para mostrá-lo e afinal entregá-lo como aconteceu com o Amigo um jornalista bêbado que nem conheço outros e outros porque quando me apago a casa fica entregue a quem estiver por aqui

parava de falar mudava de música na eletrola enchia mais uma vez o copo a fala se enrolava

— Curitiba foi uma idéia maluca para compensar a falta de Suave muito bom você estar comigo que assim consegui um pé para mandá-lo embora senão você ficaria completamente viciada cheirando a braguilha de todos que entram nesta casa iam pensar que eu estava te viciando sabes como é essa gente vem comer beber ouvir música levam os meninos que aparecem ainda saem falando mal da gente

lá pelas tantas as palavras saiam muito misturadas o Cara botava umas músicas muito tristes encostava a mão no rosto eu via uma água rala escorrer de seus olhos lambia suas mãos ele me acariciava a cabeça o queixo encostava a cara na minha a água rala era um pouco salgada não tanto como a do mar mas eu percebia que alguma coisa estava errada com o Cara ficava com pena dele me enroscava na almofada tentava dormir nada podia fazer ele cada vez mais triste apagava as luzes me levava para o quartinho eu não ficava sabendo de mais nada a não ser no dia seguinte mas nem todo dia seguinte era igual às vezes chegava o antigo Sócio do Cara com um colega meu todo negro lindo de morrer mas muito brutamontes para a minha sensibilidade pastor belga chamado Arcow me cheirava o cio tinha ido embora não se interessava por mim mesmo assim eu fazia as honras da casa mostrava os páteos o mató do terreno baldio corríamos tudo aquilo numa doce brincadeira ingênua sem a maldade do vira-lata nem o lambe-lambe do Curitiba embora de vez em quando Arcow se esquecesse de minha fragilidade de donzela apesar de Lady me derrubasse com uma patada e com o todo dia seguinte era diferente amanheceu um cheio de movimento um carro grande parado em frente um moço Gordo falando sem parar separaram uma porção de quadros botaram no carro grande o carro branco do Cara também foi carregado um motorista contratado pegou minha almofada minhas cumbucas um pouco daquela ração detestável botou tudo na mala do carro me fez entrar no banco de trás compreendi que a gente ia se mudar ou fazer uma viagem porque saiu o grandão na frente o nosso atrás tomamos uma estrada conhecida São Miguel da igreja casa antiga aqueduto a ponte sobre o rio Tijucas Itapema o medo de outro banho Camboriú então comecei a ficar triste pensar que o Cara ia me levar de volta para Blumenau mas os carros passaram direto fomos parar de noite num restaurante de estrada comi de novo aqueles ossinhos macios se desmanchando na boca o Cara comprou um bicho muito estranho maior do que eu de pelo branco manchado de amarelo com uma cabeleira caindo pelo lado do pescoço enorme uma cauda longa grossa muito diferente da minha fininha macia mas o bicho era mudo nem se mexia me dava medo foi colocado desaforo em cima de minha

almofada na mala do carro seguimos viagem paramos pouco depois numa cidade tudo escuro não pude ver nada

— você fica no hotel vou dar uma volta já venho

inspecionei tudo era um quarto com uma cama uma mesinha depois o banheiro com tudo que tinha na casa do Cara mas muito menor a almofada mal cabia embaixo da pia minhas cumbucas estavam com água fresca numa ração na outra verifiquei nada mais poder fazer senão dormir mais tarde o Cara voltou me disse

— amanhã cedo vamos ver São Francisco uma cidade antiga muito bonita cheia de casas do século dezoito

embora eu preferisse a casa de Bom Abrigo mais ampla cheia de páteos o Cara ficava muito tempo olhando as fachadas velhas cheias de bordados um grande mercado muito estragado com uma porção de gente trabalhando para deixá-lo novo outra vez só não entendo porque deixaram tanto tempo ali esquecido o vento a chuva derrubando paredes portas janelas de repente a descoberta de que aquilo deveria ser preservado como se tivessem recebido uma ordem de alguém muito mais inteligente do que todos os habitantes de São Francisco mas confesso não entender muito dessas coisas embora deva tentar compreender para melhor conviver com os homens já que é tão difícil conviver com os colegas de minha espécie quase proibido a não ser vez por outra brincar com o belga Arcow suportar suas brutalidades então o jeito é ir também me interessando por essas coisas entendo que o Cara quer me instruir ou teria me deixado por lá sozinha acredito que tenha medo de eu ser roubada ou será pura vaidade me carregar para todos os lugares pelo prazer de me apresentar

— Lady Águia puro sangue

mas no caso dessa viagem o Cara não foi lá só para ver casas antigas porque na parte da tarde ficou o tempo todo com o Gordo separando quadros em várias salas vazias depois começaram a pendurar as salas se povoaram de muitas cenas bonitas inclusive paisagens daqueles países desconhecidos ou imaginários lembrando um pouco a casa de Bom Abrigo aí pensei novamente que se tratava de uma mudança para sempre mas de noite a música não saía de uma vitrola mas de uma porção de homens vestidos com roupas iguais estranhos aparelhos brilhantes no ombro nas mãos assoprando sons se combinando muito bem chegava sempre mais gente o Cara mudou de roupa muito bonita apertava a mão de todos apresentado pelo Gordo também de roupa nova então chegou o mais importante que fez discurso

— São Francisco tem a honra de inaugurar o ano cultural de Santa Catarina com esta exposição de arte contemporânea reunindo alguns dos mais destacados valores da arte brasileira

mais uma porção de palavras que não guardei nem acho que sejam muito importantes pois as pessoas bebiam bebiam comiam aquelas coisinhas miúdas andavam de sala em sala cochichando rindo das pinturas como se nunca tivessem visto nada daquilo aliás acho que nunca tinham visto mesmo deviam ser todas do tempo daquelas casas velhas que o Cara gostava tanto de olhar francamente na humildade de minha condição me senti superior àquela gente mas há outra coisa que quero dizer desta viagem é que o motorista contratado quase não aparecia a não ser para dirigir o carro depois sumia não era como no tempo de Suave sempre junto do Cara olhando tudo



conhecendo as pessoas querendo aprender então comecei a entender que um era apenas empregado compreendi aquilo que o Cara me disse de “o melhor é ficar só sem intrometer sentimentos nas relações” ou coisa parecida mas não vem ao caso na manhã seguinte o motorista pegou minhas coisas as malas entramos todos no carro o motorista perguntou se

– venderam muitos quadros

– nenhum essa gente ainda prefere folhinha ou Coração de Jesus na parede

parecia que o resultado pouco importava ao Cara botou música o tempo todo o carro corria desesperadamente eu morrendo de medo dos que vinham em direção contrária também correndo naquela pressa de chegar não sei onde para fazer não sei que no fundo no fundo eu também estava louca para entrar na casa de Bom Abrigo quando chegamos vi outra vez o bicho estranho chamado cavalo Malhado colocado pelo Cara no meio da grande sala enquanto foram arrumar as coisas nos outros quartos cheguei devagar junto ao Malhado lati não respondeu morde a cauda dele nem se mexeu arranquei uma orelha dele comi muito ruim dura seca pior que umas pelancas que dona Ana me dava fiquei com pena do Malhado era mudo podia também ficar surdo pedi desculpas ficamos amigos era tempo de muito calor a praia cheia cheia de gente gente vindo não sei de onde em carros ônibus a pé todo mundo quase nu bebendo coisas frias em latinhas eu saía com o Cara para ver essa gente

– qual é a raça

– como é o nome dele

– não é ele é ela

– que idade tem ela

aquela história da comunicação voltávamos com outras pessoas para beber à sombra das árvores do jardim sempre gente jovem rapazes e moças todos bonitos bebiam bebiam comiam ouviam música vinham muitas vezes aqueles numerados 8 ou 16 ou 25 sei que um era gaúcho outro paulista outro paranaense não só os três porque cada vez um deles aparecia com outros diferentes a casa era um rodopio muito confuso o Cara bebendo cada vez mais sem poder controlar nada amanhcia sempre mais triste como querendo e não querendo tudo aquilo emagrecendo tanto feio sem dentes uma pena como todo mundo dizia não para ele mas entre si a não ser o Sócio quando trazia o Arcow para brincar comigo

– Cara não tenho nada com isso mas sou teu amigo se tu não paras com essa loucura vais acabar arruinado financeiramente como já estás fisicamente

– Eneida dizia “não me dês conselhos sei errar sozinha”

continuava o rodopio os outros zombando do Cara comendo bebendo gozando a casa dele levando discos roupas coisas sem que ele pudesse saber quem foi porque cada dia apareciam dois ou três diferentes brincando comigo no quarto com ele as almofadas pela sala cheia de gente dormindo acordando indo à praia recomeçando sem parar aquele alvoroço cada vez maior culminando com uma exaltação coletiva novidade para mim

- carnaval
- três dias de loucura
- muita música muita alegria

o Cara começava pela manhã só parava quando não podia mais se mexer se apagava na cama nas almofadas em qualquer lugar ninguém para tomar conta dele porque o motorista aproveitava seu sono para roubar o carro sair a passear sem nunca pedir licença nem dizer o que tinha feito na véspera sempre com o passo arrastado a boca grossa a voz mole de doente olhos quase adormecendo muito antipático nunca fui com a cara dele mas era uma espécie de solução para o desaparecimento de Suave uma flor de bondade em comparação com o Provisório sabido traçoeiro enganando o Cara que nada percebia ou fazia não perceber porque precisava de motorista para ver o carnaval na cidade como aconteceu uma tarde em que o Cara me botou no carro fomos para a Ilha na Praça XV nas ruas todo mundo com roupas coloridas máscaras o Sócio irreconhecível fantasiado de Nega Maluca batucadas por todos os lados em tambores copos garrafas latas de cerveja tudo louco pulando cantando gritando sem parar perto disso a casa do Cara era um santuário de repente o Cara me deixou na calçada com o Provisório cai na dança desaparece eu afli-ta pela demora volta cercado de rapazes moças sentam-se na grama da Praça comem pão com queijo tomam cerveja em latinhas me dão pedaços de pão que detesto quiseram que eu bebesse aquela água amarelada amarga gelada voltamos para casa de noite com dois desconhecidos todos tontos cantando batucando mais bebida em casa depois o Cara foi para o quarto com um dos moços fiquei na sala com o segundo muito Louro o rosto pintado de vermelho um colar de plumas no pescoço ouvindo música me acariciando me pegando me agar-

rando deixou apenas uma luzinha acesa porque não encontrou onde apagar abriu a calça pegou minha cabeça com cuidado levou para junto do bastão lembrei-me do Curitiba mas o Louro trabalhava com mais violência ajudando com a mão a saída do leite-não-leite escorrendo abundante uma vez depois outra na terceira parecia mais sofrimento que prazer gemia roncava respirava cansado apertava minhas orelhas fiquei com medo querendo que o Cara aparecesse não aparecia apertei os dentes naquela carne de borracha o Louro gritou me empurrou corri para debaixo da mesa da cozinha não me viu voltou quase caindo esbarrando nos móveis derrubando cadeiras ficou tudo em silêncio a madrugada começou clareando as janelas ouvi vozes de despedida o Cara apareceu fez café tomou sozinho andou pela casa limpando arrumando me deu carne moída com a ração abominável

– vamos ver o saldo do carnaval de ontem

pela praia havia uma porção de gente dormindo homens mulheres o sol queimando as fantasias coloridas sujas rasgadas aos poucos foram chegando carros gente mais gente barulho batucada cantoria pelas mesas do bar Nautilus quando pensei que se ia repetir tudo o que acontecera na noite anterior na Praça XV o Cara resolveu tudo diferente

– minha família está em Porto Belo vamos para lá

com uma tremenda cara de sono o Provisório trouxe o carro embarcamos São Miguel Tijucas Santa Luzia Porto Belo uma porção de homens mulheres crianças beijando abraçando o Cara me fazendo festas todos falando juntos sem parar numa confusão dos diabos o carnaval devia ser também isso aos poucos foram saindo na grande varanda ensolarada com o lindo e perigoso mar ali me azucrinando os ouvidos com as ameaças da água movediça ficaram com o Cara apenas uma Senhora de





cabelos brancos um homem Grisalho com charuto na boca  
uma moça loira de Lenço Azul na cabeça todos muito preocupados Lenço Azul falou

– tu estás te matando

– não há mais nada a fazer

o Grisalho estava triste

– tenho muito orgulho de tua inteligência

Lenço Azul recriminava

– magro dentes quebrados roupa horrível

– não tenho mais nenhum interesse na vida

o Cara dizia a Senhora apenas olhava mais triste que todos de repente a alucinação do carnaval foi-se fechando se apagando naquela varanda quente ninguém mais falava cabeça baixa mão no nariz lenço nos olhos mágoa mágoa tão grande que achei melhor fugir dali nem que fosse para me jogarem nas águas salgadas do mar fugir daquela atmosfera sombria quatro pessoas tão amadas umas das outras reduzidas à profunda dor causada pelo Cara por seu abandono a si mesmo aniquilando seus valores a zero se auto-destruindo fugi para a sombra do carro onde o Provisório dormia veio o Cara entramos de volta a Bom Abrigo ninguém dizendo nada durante toda a viagem nem música só o chiado das rodas na estrada o mar à esquerda muito verde à direita as elevações verde escuro as árvores correndo ao lado do automóvel ruas casas o pátio das casuarinas a cozinha a sala grande o Cara me abraçou sentado numa almofada vermelha

– é preciso começar tudo de novo Águia porque descobri que a gente não é só a gente que a gente talvez seja muito mais os outros do que a gente não temos o direito de fazer os outros sofrer uma vez que lhe fornecemos uma imagem de amor que não devemos destruir sem mais nem menos mesmo que a gente não tenha amor pelos outros quando descobrimos o amor deles por nós temos que respeitar nos realizarmos um pouco nesse amor desinteressado a gente nunca está só porque sempre existe em qualquer lugar alguém pensando em nós se preocupando esperando uma grande coisa ou pelo menos uma notícia de que nada nos perturba temos a consciência tranquila estamos pacientemente esperando que aconteça o milagre do trabalho da criação da justificação de nossa existência sendo útil aos outros cotucando a inteligência dos outros acho que ainda posso ser útil ou pelo menos bom menos egoísta

mais uma vez senti calada aquela água salgada molhando meu pelo entrando em minha boca o corpo do Cara estremeendo levantou-se entrou para o quarto deixou-me na sala acordei tudo claro calmo só o ruído de louça na cozinha tive o pressentimento de alguma transformação um acontecimento importante para aquele dia o telefone toca o Cara atende quando chego perto dele está enxugando os olhos nas costas da mão brincou comigo alegre alegre rindo

– ele vai voltar Águia ele vai voltar

entrou no banheiro saiu cheiroso roupa bonita calça azul camisa vermelha a campainha da porta tocou corri latindo o Cara abriu a porta entrou Suave meio acabrunhado abatido barbado a mesma mão quente me acariciou a cabeça as costas fiquei tão feliz por mim e pelo Cara corri pela casa toda mordi a cauda do Malhado os dois sentados bem perto junto à eletrola o Cara bota uma música Suave sorriu



– sempre me lembro daqui quando escuto isto  
– vou parar de beber uns tempos melhorar minha fachada tratar da saúde

tomaram café Suave quis ver o carro alisou o capô voltaram para a sala eu sempre atrás dos dois contente com a volta mas parece que ele não ia ficar

– saí da cadeia hoje

– como foi isso

Suave falou uma porção em carro roubado por outro que ele dirigiu a polícia pegou os dois na cabeceira da ponte quando o carro enguiçou o Pavão negou-se a ajudá-lo precisava indenizar os prejuízos com uma batida que o outro deu o Cara ficou de adiantar não sei como ficou só sei que Suave se despediu de mim do Cara foi embora permanecendo a alegria na casa de tarde veio o Doutor falou em exames tratamento Porto Belo dois dias depois estava tudo mudado voltou Suave o Cara deu ordens para Provisório veio o carro embarcamos Suave e eu no banco de trás os outros dois na frente parada no super-mercado compras compras lataria frutas arroz feijão macarrão linguiça carne legumes verduras doces leite café pão margarina nada de álcool música durante toda a viagem chegada a uma casinha na beira da estrada muito simpática Suave leu uma placa

– Casinha da Didi

entramos um quarto para o Cara com cama grande outro para Suave e Provisório eu na saleta de entrada com minha almofada que traziam sempre podendo passear pelo jardim bem menor que os pátios de Bom Abrigo grande silêncio interrompido apenas pela rara passagem de carros na estrada o Cara escrevendo na saleta os dois na praia depois se revezavam na cozinha abrindo latas fazendo arroz feijão macarrão carne moída saladas o Cara tinha horror de lavar a louça os dois limpavam tudo de noite vinham para minha sala ligavam um quadrado luminoso homens mulheres falando cantando eu dormia com aquele som gostoso de manhã o Cara saía comigo para a maldita praia visitar a Senhora de cabelos brancos

– o pessoal está indo todo embora gosto de todos mas é melhor quando não tem ninguém a gente pode ver em paz o crepúsculo tão lindo de Porto Belo

falava com voz pausada macia como se pensando ou falando para ela mesma depois ficava triste lembrava “minha mãe” “meu pai” todos os que tinham morrido eu ficava escondida debaixo da mesa da varanda com medo do mar a Senhora falando no tempo em que escrevia para jornais revistas tinha um programa de rádio na estação de Itajaí saudades do passado pegava um caderno usado lia lia coisas bonitas contando de amor pássaros passado flores mas esse tempo durou pouco porque o Provisório precisava resolver uns problemas disse que voltava dali a dois dias não voltou o Cara também precisava voltar a Bom Abrigo então foi descoberto que Provisório não pretendia voltar mesmo roubou cheques do Cara falsificou passou adiante o Cara conseguiu recuperar ficou muito decepcionado com o abuso

– não se pode confiar em ninguém

eu feliz da vida com a fuga de Provisório o lugar de motorista seria ocupado por Suave agora barbeado limpo cheiroso com a cara mais triste que da outra vez reclamando sempre

– esta vida é uma merda não dá nada certo comigo

voltamos a Bom Abrigo a casa começou a ser desmontada o Cara vendia móveis objetos quadros veio um carro grande de longe levou muitos livros fizeram as contas

– os livros de arte ao preço simbólico de cinco cruzeiros cada um os catálogos reunidos desde 1961 faço doação ao Museu de Joinville

o moço de olhos azuis cabelos longos, muito louros sorria concordava foi embora com tudo a casa cada vez mais confusa com coisas amontoadas por todos os cantos o Cara nervoso falta de dinheiro para resolver a situação logo paciência paciência um dia resolvi ajudar a rasgar coisas me deixaram trancada na biblioteca escolhi um livro grosso da prateleira de baixo comecei a arrancar folhas umas letras muito miudinhas desenhos de bichos casas gente máquinas o Cara entrou de repente

– pára com isso sua porcaria

arrancou o livro todo estraçalhado

– meu dicionário espanhol estragado até a letra “m” me bateu com a capa dura saí correndo ouvi o Cara dizer

– se tivesse aprendido alguma coisa seria a primeira cachorra bilingue do mundo

no outro dia chegou um caminhão enorme botaram tudo o que havia sobrado dentro dele o carro branco também foi carregado sobrou apenas um pequeno lugar para mim no banco de trás o Cara e Suave na frente

– acabou-se a aventura de Bom Abrigo

Suave calado mas o Cara queria uma definição

– acho que você não vai aguentar aquilo lá

– enquanto o senhor estiver na pior não vou deixar o senhor sozinho

o Cara ficou contente botou música quando estava anoitecendo chegamos ao tal de “aquilo lá” que era nada mais nada menos do que Porto Belo outra casa maior cor-de-rosa como da outra vez Suave leu outra placa

– Recanto de Luciana

grande pátio na frente outro menor atrás que bom para eu correr por eles mais uma porção de mato alto ao redor da casa melhor ainda para procurar alguma coisa além dos ratos de Bom Abrigo aos poucos fui conhecendo a casa uma varanda na frente sala grande cozinha ainda maior três quartos embaixo um em cima misterioso para onde se sobe por uma escadinha estreita de madeira na primeira noite dormi na cozinha de manhã começaram a pendurar quadros colocar móveis objetos Malhado outra vez imponente no meio da sala aproveitei para percorrer os pátios entrei no mato com verdes de todas as cores folhas de uma variedade incrível flores flores.ve.melhas um passarinho lindo verde-dourado voando de uma para outra metendo o bico fino bem dentro delas outros passarinhos cantando invisíveis nos galhos das árvores mais altas tudo isto só para o Cara Suave eu era muito sem contar uma mulher que vinha três vezes por semana arrumar lavar roupa louça o chão confesso que contava as horas esperando sua chegada porque vinha com ela um coleguinha meu muito mixuruca coitado medroso corria do Cara que nem lhe dava importância mas servia para eu brincar correr latir morder seu rabo ele minha perna fingir uma luta rolar pela grama como era bom quase não havia divertimento sempre a mesma coisa to-



dos os dias pouca gente aparecia a não ser o Doutor muito rapidamente para saber do Cara ver resultados de exames dar mais remédios ou no fim da tarde a Senhora com o passo lento sentava na cadeira de balanço do avarandado o Cara sentava noutra cadeira ficavam conversando as vozes tranquilas sempre lembrando coisas passadas me dava sono eu não sabia de nada dormia acordava dormia acordava com a Senhora chorando de leve não de dor mas de saudade aquilo deprimia o Cara se levantava pegava uma longa mangueira vermelha ia molhar as plantas do jardim lançava um esguicho sobre duas árvores de ramos cheios de pequenas folhas descendo até o solo ele chamava chorão mas quem mais chorava era a Senhora querendo fazer o tempo voltar como se o presente não fosse importante nem com a presença do Cara que gosta tanto dela nem existisse mais futuro talvez pequeno para ela maior para o Cara quem sabe maior para a Senhora do que para ele ou igual para os dois se houvesse um desastre com eles no carro branco mas nem quero pensar nisso porque o Cara e Suave são tudo que tenho no mundo naturalmente Suave estaria dirigindo poderia morrer também estou ficando mórbida e pessimista igual à Senhora que descia lentamente a rampa suave da pequena elevação onde se situava a casa ia ver o crepúsculo no outro dia o Cara me chamou saímos ele com uma caixa preta pequena nas mãos tomamos a esquerda da estrada passamos por três casas bonitas chegamos a um bar onde havia uma coleguinha muito pequeninha de dentes saindo fora da boca a roupagem marrom-claro arrastando no chão quis brincar com ela o Cara me puxou pela guia em direção ao mar tentei voltar não deixei continuamos descendo a ladeira eu relutando ele me forçando

– sua chata medrosa não vou te jogar no mar

mais embaixo prendeu-me num tronco andou para cá para lá olhando para a igreja linda cor-de-rosa com o campanário muito alto fino separado da construção vi os sinos pendurados então era dali que saía o som bonito que se ouvia pela manhã pela tarde levantou a caixinha preta à altura dos olhos deve ter visto a igreja através dela clic

– esta vai ficar jóia vamos adiante

entramos pelo capim alto uma pequena elevação um grande tronco caído um animal que nunca tinha visto do tamanho de cavalo com chifres comendo capim com toda a calma mas o pior é que tinha a audácia de vestir como eu de preto branco as manchas pretas exageradas não delicadas como as minhas dei um safanão na guia consegui escapar lati lati o bicho nem se incomodava cheguei mais perto continuava pastando queria dar-lhe uma dentada pelo desaforo de usar minhas cores aproximei-me deu uma virada brusca ameaçou-me com os chifres corri para perto do Cara

– deixa a vaca em paz

escolhendo ângulos para melhor ver a igreja a vaca um gavião pousado no tronco clic

– legal esta foto vai ficar legal

bateu outras enquanto íamos voltando subindo a rampa da praça gramada desde a estrada fronteira à igreja até à praia ouvi um estrondo horrível pior que a casinha de ossos se desmoronando no sonho de Blumenau pior que a onda quebrando em cima de mim no sonho de São Miguel dois homens apontavam um cano preto para uma táboa fixada no





gramado tlec saia o estrondo eu puxava a guia desesperada para fugir correr para casa o Cara me puxou firme

– quieta estão fazendo tiro ao alvo com espingarda de chumbo

em plena praça da igreja ninguém passando um que outro carro depois silêncio total só quebrado pelos estrondos um homem de cada vez corriam até à tábua discutiam davam gargalhadas

– olha aqui meu grupamento bem centralizado

– centralizado uma ova o meu tiro está muito melhor

cheguei em casa ainda com o coração aos pulos corri para a cumbuca azul beber água acalmar o susto fora estas pequenas surpresas nada acontecia naquela cidadezinha não sei como o Cara e Suave podiam suportar calma tão grande sem as confusões de Bom Abrigo liam jornais revistas livros ouviam música viam televisão jogavam cartas até madrugada dia seguinte o Cara levantava cedo fazia café tudo corria sem nenhum atropelo o Cara cozinhava para eles me dava comidas gostosas Suave lavava a louça ia passear na praia o Cara dormia um pouco outras vezes Suave queria saber coisas ficavam conversando na varanda um dia falaram em dicionário eu muito curiosa por causa daquele que comi em Bom Abrigo o Cara entrou veio com um livro grosso papel e caneta escreveu uma palavra de cada letra abacate barco casa dado escada fábrica girafa hóspede inseto jaula kilowatt lauro motor natureza ovo pedra quadrado república saliva terra uva viveiro watt xadrez zimbros

– tinha ainda o Y mas trocaram pelo I e Yacht virou Iate

lentamente Suave procurava palavra por palavra parou em lauro

– é nome de gente

– procura aí seu preguiçoso

– louro laurel

o Cara explicava tudo Suave continuou a remexer o livro parou outra vez

– zimbros é uma praia aqui de perto

– quer dizer outras coisas veja aí

quase no fim do livrão Suave encontrou

– orvalho cacimba sereno relento arbusto sempre verde de cujas bagas se faz a genebra não sei o que é genebra

– procura

– licor espirituoso feito de aguardente e bagas de zimbros

eles não sabiam quanta coisa aprendi durante essas aulas pois não tinha colegas para brincar conversar o jeito era aprender coisas de gente para me comportar direito perto de visitas quanto mais Suave lia e aprendia mais feliz ficava o Cara como professor de um aluno que tinha dificuldades na leitura então o Cara recomendou que lesse uns dez quinze minutos em voz alta o jornal que chegava todos os dias pela manhã Suave lia lia procurava palavras desconhecidas no dicionário voltava a ler sempre notícias de crimes mortes roubos de carro prisão

– nunca mais quero saber de cadeia Águia perdi um carnaval trancafiado só porque andava louco para dirigir fui pegar logo um carro que tinha sido roubado

o Cara chegou com a caixinha preta me botou a guia convidou Suave saímos os três desta vez pelo lado direito da estrada passamos por casinhas simples de madeira depois de uma curva aparece uma grande rua a perder de vista toda

calçada então Porto Belo não era só aquele pedacinho com a Casa da Senhora do Cara o boteco dos tiros a Igreja tinha uma parte maior mais importante o Cara ia mostrando dizendo barbearia motel baleia branca prefeitura churrascaria real farmácia correio supermercado telefônica ponto de táxi

— nada disso merece fotografia vamos ver a praia deste lado

comecei a tentar escapar com a aproximação do mar

— Suave leva esta chata medrosa para casa vou fazer umas fotos

voltamos pela mesma rua calçada agora tudo ao inverso ponto de táxi telefônica supermercado correio farmácia churrascaria real prefeitura motel baleia branca barbearia acabou o calçamento cada carro passando fazia uma poeirada que pensei estar ficando cega outra vez o Cara e Suave inventaram construir uma casa para guardar o carro branco passaram dois dias serrando pregando serrando pregando tudo pronto Suave guardou muito feliz o carro lá dentro fechou a porta

— sou um grande carpinteiro Águia olha só que garagem passou a fazer sozinho uma rampa eu não podia imaginar para que seria tirou o carro da garagem conduziu-o por cima das táboas bem no alto o carro inclinado quase caindo Suave saltou pegou a mangueira abriu a água corri para o fundo da casa descobri numa prateleira junto à janela da cozinha umas caixinhas coloridas abocanhei uma verde deitei-me no cimento comecei a estraçalhá-la um pó espalhou-se lindo pelo chão sacudi a caixa de um lado para o outro a mancha verde ficou maior mais bonita corri trouxe uma preta rasguei sacudi ficou mais bonito ainda carreguei uma azul o chão estava colorido lindo de morrer então era com aquilo que os artistas pintavam vou ser pintora o Cara faz uma exposição de meus quadros fico famosa corro mundo o Cara chega de repente me arrebeta os sonhos grita para Suave vir correndo

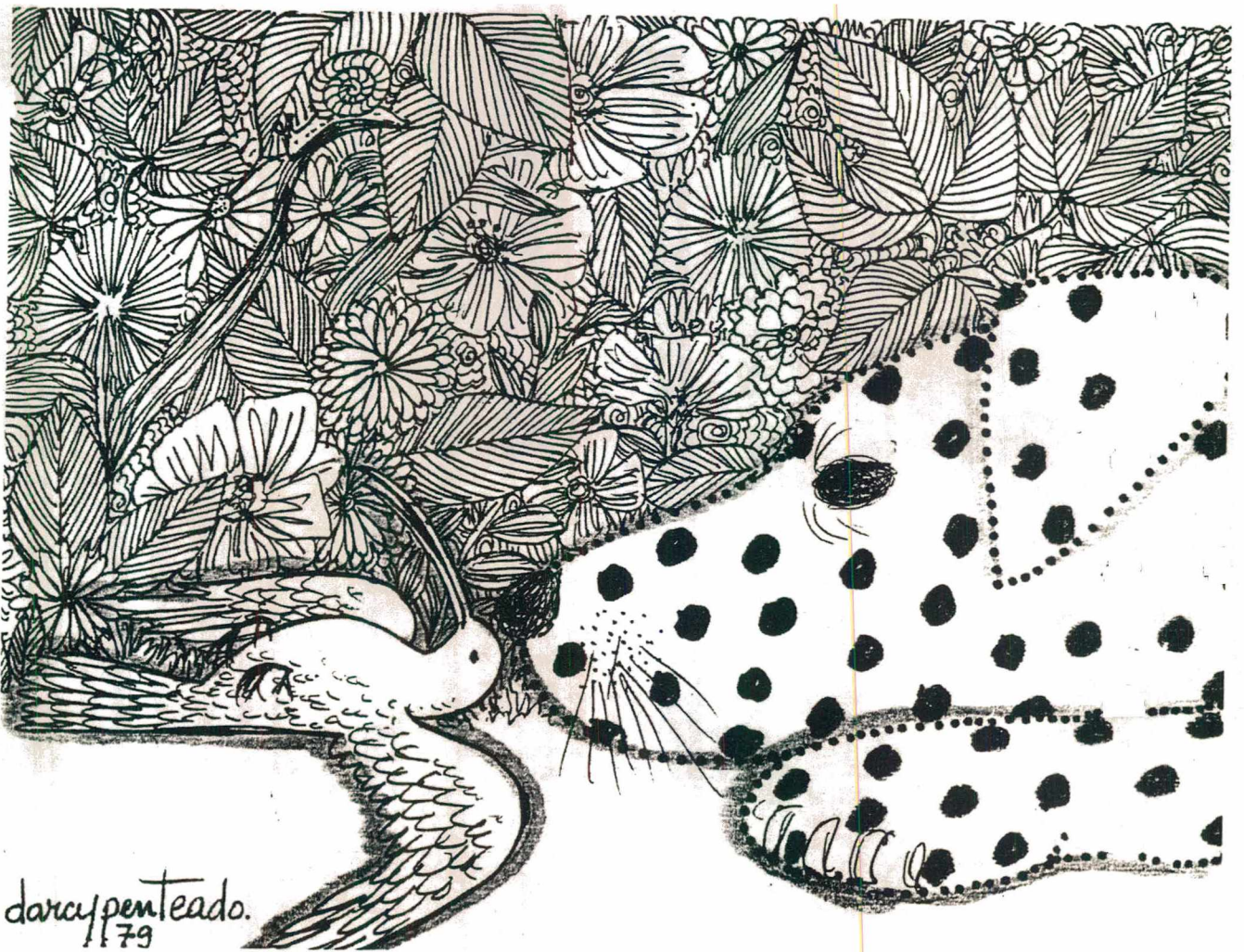
— a Águia virou palhaço de circo

— o palhaço o que é

— é ladrão de mulher

os dois riram riram com minha cara minhas patas pintadas de azul preto verde me agarraram perto da torneira e já sabia acontecer a mesma coisa da vez do gambá tive de me sujeitar à água fria correndo em cima de mim para ficar limpa no fundo eu gostava do banho depois de ficar coberta de espuma branca o chato era o choque da água mas o sol secando a gente era gostoso o Cara me escovava com um pó branco eu me sentia leve limpa podia me deitar em qualquer sofá almofada mas como gostava muito de andar pelo mato procurando algum bicho para me divertir um dia me dei muito mal encontrei um buraco escuro fiquei esperando nada saía lá dentro esgravatei feito galinha o bicho se irritou apareceu na boca da toca jeito de rato do tamanho de um gato nada disse me olhou irritado abriu as pernas mijou meu pelo preto branco saí correndo um peso fedido em cima de mim o Cara falou gambá lavaram meu pelo sujo fedido senão só podia deitar em minha almofada que não era mais preta verde mas uma cheia de quadrados vermelhos laranja pretos mais bonita um pouco menor muito gostosa mas no dia do gambá Suave me botou a guia entrou no mato comigo chegamos no buraco escuro me instigou repeti tudo escarafunchei esgravatei o bicho chegou





darcy penteado.  
79

na boca Suave deu uma paulada matou o bicho trouxe para o quintal fizeram um buraco um enterro o Cara com uma cruz de dois ramos de araquá Suave com uma flor vermelha hibisco no cruzamento dos ramos

– descança em paz

eu tinha razão de ter medo do banho foi numa dessas em que Suave me levou à força para o mar completou com a torneira fiquei doente dos ouvidos tive que passar uns dias me tratando no hospital do Estreito perto de Floripa onde meus colegas e eu ficávamos uns em cima dos outros em cubículos de tijolos com porta de grade muito apertadinhos mal dando para a gente se virar com direito a duas saídas para um pequeno páteo menor ainda do que aquele de Blumenau a comida era uma sopa de legumes pela manhã de tarde ração com carne crua não demorou aparece o Cara ouvi sua voz de longe fiquei feliz da vida toda assanhada Suave me levou para o carro partimos para Porto Belo chegamos de noite o Cara fazia curativos os ouvidos fediam muito saía um líquido amarelado num pauzinho com algodão que ele metia devagar doía um pouco mas muito menos do que quando o enfermeiro do Estreito fazia a mesma coisa era só o Cara aparecer com uma caixa de remédios eu me escondia debaixo da mesa me chamava prendia minha cabeça entre as pernas dele começava a cerimônia para meu bem eu sei por isso não relutava muito o mais chato não foi o tratamento mas o mau cheiro que saía de mim

– tu estás fedendo muito não podes dormir em casa

passei a dormir no banheiro dos fundos até que tudo acabou fui novamente admitida na sala nas almofadas nos sofás enquanto o Cara via sozinho o tal quadrado de televisão porque Suave ia namorar voltava muito tarde acordava meio apatetado não falava com ninguém um dia pegou ferramentas madeira serrou pregou apareceu de suas mãos uma casinha muito bonita para mim fiquei toda prosa o Cara arranjou um pincel uma lata grande pintou toda a casa de branco eu passava horas lá dentro gostando do calor que o sol fazia me dava um sono danado dormia dormia até que um dia aconteceu alguma coisa de anormal dentro de casa o Cara chamou Suave me chamaram havia um bicho escondido num dos quartos retiraram a cadeira o bicho correu para outro lado escondeu-se debaixo da cama afastaram a cama percebi que deveria defendê-los saíram fecharam a porta me deixaram trancada corri de cá prá lá cerquei o animalzinho um rato menor do que aqueles que eu atacava em Bom Abrigo não foi nada difícil agarrá-lo mordê-lo estraçalhar sua pele sangrar o Cara abriu a porta me enxotou carreguei o rato na boca para perto de minha casinha aí o bicho morreu aconteceu uma coisa que nunca vou esquecer uma centena de piolhos saiu do corpo dele o Cara viu jogou o rato bem longe pegando-o pelo rabo me lavou a cara a boca me deu água fresca para beber fui me deitar na varanda da frente estava pousado nos fios da luz que vinham da rua até à casa aquele passarinho lindo ver-dourado bico fino sugando as flores imaginei como seria bom destruir aquela beleza competindo com a minha mas como alcançar aquelas alturas sem ter asas de repente senti que o passarinho estremeceu naturalmente o coração falhou caiu dos fios no chão ploc corri até ele tão abandonado tão belo na sua solidão verde-dourada que descansei a cabeça sobre minhas pa-



tas sem coragem de tocá-lo lembrei-me da festa do Senhor dos Passos Porto Belo amanheceu Florianópolis carros estacionados em ambos os lados da estrada deixando livre só nosso portão placas de Indaial Brusque Itajaí Canelinha São João Batista mais todas as cidades já citadas neste papo barraquinhas com laranja pera maçã uva melancia ameixa correntes de metal cheiro de churrasco galinha assada cerveja cachaça conhaque muita gente disputando um maço de cigarro com uma argola de plástico Cosme Damião colados numa concha Cristo também música em alto-falantes gente gente de repente a contrição como pode um beija-flor morrer assim como pode um rei ser castigado dessa maneira coberto de veludo roxo bordado a ouro todo mundo chorando acompanhando sua viagem a cruz nos ombros cada um responsável irresponsável arrependido da sentença dada sem coragem de voltar atrás querendo não querendo a hipocrisia nas mãos nos olhos nas palavras dos cânticos na incerteza do andar na incerteza de dar a única verdade possível que é a esperança

– glória a Deus nas alturas

sem paz na terra aos homens de boa vontade amém amém

– se todos são aflitos a esperança está em mim

voltei para a varanda chegou a Senhora com passo lento mas muito feliz

– sou bisavó

mostrou um papel o Cara olhou com muita atenção

– bonito isto “tive minha filha acorada no chão como uma índia de mão dada com meu marido sorrindo para ele” a Senhora ficou séria

– como mudaram os tempos dizer que quando me casei não tinha a menor idéia de como nasciam as crianças se por trás ou pela frente

o Cara ficou escandalizado

– o sexo era um grande tabu nem a mãe esclarecia a gente tudo era mistério proibido tocar no assunto a gente ia aprendendo sozinha me aprendendo sozinha me lembro do pavor quando tive as primeiras regras corri para minha mãe pensando estar doente com uma inflamação dentro de mim então ela explicou direitinho fiquei tranquila

– hoje em dia todos sabem de tudo desde criança

– mas naquele tempo não havia tanta safadeza como hoje os namorados deitados na grama em frente à minha casa se abraçando se beijando uma pouca vergonha não respeitam nem uma velha como eu me lembro quando era mocinha briguei com um namorado porque queria me roubar um beijo só beijei meu marido depois de casada

ficaram um tempão falando coisas desse tipo o Cara achando que agora estava certo a Senhora dizendo que a liberdade era demais ninguém mais casava virgem o homem vá lá mas a mulher deve ser pura então achei que o Cara não era muito sincero porque não me deixou andar com aquele cachorrinho branco preto de Bom Abrigo agora achava normal as moças não serem virgens para casar até quando teria de ficar esperando minha vez tendo de aprender tudo sozinha como a Senhora tinha dito principalmente agora que eu já tinha um ano comemorado com filé minhom e tudo recomeçava a sentir os sintomas do calor do sangue quente escorrendo por minhas pernas os cuidados do Cara redobram era o tal de cio

outra vez mas ele não deixava nem eu sair com medo que algum colega me fizesse mal que eu achava seria um bem de prazer Suave apareceu com um coleguinha muito peludinho todo branco ficamos brincando na varanda ele tentando me agarrar por trás mas era tão baixinho que não alcançava então me deitei ele subiu em mim todo se sacudindo o Cara enxotou o coitadinho me amarrou no meu canto entre o quarto dele e o de Suave não tive outro remédio senão dormir acordar com a almofada toda manchada de sangue o Cara reclamou mandou a empregada lavar tudo inclusive o chão cheio de pingos vermelhos Suave falava

– deixa ela dar uma voltinha

– não pode só no terceiro cio senão a cria não presta

quando o Cara dizia “não pode” era caso fechado tratei de me conformar em poucos dias passou tudo voltei a sair despreocupada os colegas nem me davam atenção quando eu ia até ao portão ver as pessoas passar a pé de carro de carroça puxada a cavalo vendendo laranjas bananas tomate alface aipim batatas que o Cara comprava para comer com Suave na mesa redonda da cozinha Suave não parava mais em casa comia correndo mal lavava a louça às vezes amontoava tudo saía apressado para namorar conversar com as mocinhas da vizinhança deixava o Cara sempre sozinho bastante diferente do começo em Porto Belo agora mais gordo mais moço de dentes perfeitos mas cada vez mais triste falando em viajar até que um dia parou um carro preto no portão desceu um moço louro que vinha uma vez ou outra por ali sentaram-se na mesa da sala muito sérios falaram em morte o Grisalho tinha ido embora para sempre aquele que tinha muito orgulho da inteligência do Cara

– pena eu queria tanto que me visse mais gordo com aspecto sadio que soubesse ter sido ele e Lenço Azul os responsáveis por minha recuperação

chegou outro homem foram todos dar a notícia para a Senhora com muito medo porque ela sofre do coração podia ter um choque morrer também começaram a preparar seu espírito contaram que o Grisalho estava muito doente ela começou a chorar

– de certo já está morto o coitado tão bom que era me carregava no colo como se eu fosse uma criança me beijava me dava presentes de vez em quando sentia falta de mim vinha lá de Passo Fundo só para conversar comigo

ninguém tinha coragem de dizer a verdade foram todos embora deixaram o problema para o Cara resolver sozinho então chegou Suave com o carro entramos fomos passear por Bombas Bombinhas a aflição dominando o Cara olhando a paisagem sem ver nada sem nada dizer ou falando coisas que nada tinham a ver com morte voltamos Suave levou o carro ficaram os dois sentados na varanda

– como é lindo o crepúsculo

a Senhora tomou remédios para o coração pelo fim da tarde o Cara abraçou a irmã acariciou seus cabelos

– sobre ele

– ele quem

o Cara ficou muito nervoso ela disse

– morreu

começaram os dois a chorar Senhora falando entre soluços



— eu sabia assim que vocês chegaram eu sabia mas não queria acreditar preferi ficar pensando que não podia ser verdade que qualquer dia ele havia de chegar com o charuto na boca sorrindo rindo brincando me carregando no colo

de repente sua tranquilidade de sempre desapareceu deu um forte soco com a mão fechada na mesa

— merda por que não fui eu que sou uma inútil

o Cara pensava a mesma coisa sem mulher sem filhos não faria falta seria logo esquecido mas a escolha não dependia deles talvez por isso chorassem tanto não comeram direito o Cara passou a noite naquela casa para fazer companhia à irmã fiquei num canto mal dormindo soluços abafados de um quarto pigarros de outro o Cara varando a noite um cigarro depois do outro a cama dele estremecendo chorando em silêncio coitado para não entristecer ainda mais a irmã que no outro quarto fazia o mesmo os dois tinham perdido alguém muito importante a família ia ficando cada vez menor os grandes tempos de alegria com a chegada de todos para as festas de fim de ano iam ficando sempre mais longe mais remotos mais sem sentido

— merda por que não fui eu

o Cara resmungou saiu da cama muito cedo foi caminhar pela praia eu fiquei de longe louca de vontade de ir com ele mas com medo do mar esse medo que não consigo perder apesar de ver outros colegas se refastelando na água crianças gente moça gente velha todos adorando mergulhar molhar o corpo sair com água escorrendo pelos cabelos pelo rosto lambendo o sal dos lábios que raiva me dá daqueles dois cretinos em Itapema que me fizeram perder para sempre esse prazer que os outros sentem o que muito irrita o Cara que gostaria de passear comigo pela praia nadar comigo mostrar-me para todos fazer novas comunicações impossível como não posso acompanhá-lo fico esperando em frente da casa ele volta com o rosto abatido toma café com a Senhora vai para sua casa recomeça a falar com Suave sobre viagem combinam data hora de partida

— deixamos a Águia no Estreito

chegou minha vez de ficar triste porque não estava sabendo direito o que ia acontecer comigo por quanto tempo ficaria novamente no estreito cubículo do Estreito ou se seria para sempre mas continuei vivendo normalmente enquanto Suave se esmerava em limpar o carro falava em revisão foram a Floripa voltaram com roupas novas Suave não resistiu à tentação botou uma camisa de veludo vermelho calça clara ficou mis bonito ainda foi mostrar para as namoradas eu ficava amuada num canto porque sabia que algo de muito ruim iria acontecer comigo mas afinal se fosse para o bem deles passear longe diziam São Paulo Santos Rio de Janeiro bem cedo tocou uma campainha que eu não conhecia o Cara levantou-se chamou Suave arrumaram malas fecharam bem a casa nem bem estava amanhecendo pegaram o carro o Cara me botou junto a ele na frente

— não fica triste nós não vamos demorar muito

como em matéria de tempo não sei calcular nada só posso dizer que anoiteceu amanheceu muito mais vezes do que quando fiquei no Estreito por causa dos ouvidos fiz camaradagem com os colegas de lá alguns estavam por doença outros muito novinhos a espera de casa para morar a maioria na

mesma situação minha aguardando a volta dos donos foi quando tive um sonho muito estranho o Cara sentado numa mesa redonda de um lugar que não era Bom Abrigo nem Porto Belo vinha um barulho infernal da rua ele lendo para outro homem que eu não conhecia uma carta para a Europa “São Paulo 7 do 7 de 77 minha querida veja a data só vai-se repetir daqui a 100 anos em 2077 quando todos nós estaremos juntos em outro lugar tomando outra bebida para comemorar sua passagem um abraço” suas palavras foram-se perdendo dentro de um imenso aparelho brilhante que foi indo embora rápido alto longe perdeu-se de minha vista acordei tremendo de medo foi-me dando uma grande angústia passei a comer pouco emagreci de saudades do Cara de Suave como é que tinham coragem de me deixar ali trancada como uma criminosa eu que não tinha andado em carro roubado nem nada sentindo uma falta danada dos dois da comida que o Cara fazia do carinho dos dois do jeito que o Cara se debruçava no balaustre da varanda eu metia a cabeça entre seus braços ele me alisava a cabeça o pescoço o focinho parava de me alisar eu pedia mais com a pata arranhando cuidadosamente seu braço ele me atendia parava de novo eu insistia

— chega Águia vai dormir

agora aqui neste cubículo triste apenas ouvindo a gritaria de revolta de meus coleguinhas só posso me lembrar de tudo o que se passou comigo comparar Blumenau com Estreito Bom Abrigo com Porto Belo lembrar os pileques do Cara a garotada infestando a casa grande Curitiba querendo por força fazer a proibida comigo o Louro do carnaval num lambe-lambe sem fim melhor mesmo era a calma de Porto Belo minha casinha branca ninguém para perturbar nossos pequenos passeios até à casa da Senhora ou ela chegando mansamente

— tenho pena de deixar Porto Belo o clima aqui me faz muito bem mas a solidão é demais sem amigos sem vizinhos sem ninguém para a gente conversar

o Cara ouvia concordava parecia não ter coragem de dizer uma coisa que lhe ia na cabeça acabou dizendo que ia a São Paulo Rio estudar uma solução para sua vida não sei que solução mas a Senhora entendeu porque falou muito triste

— eu sei que tu não voltas compreendo tua necessidade de conviver com pessoas inteligentes também sinto muita falta disso então vou para Tijucas pelo menos tenho minha filha os netos parentes vizinhos para me socorrer em caso de necessidade

o Cara ficava muito sério queria dizer uma coisa importante mas não tinha coragem só disse para Suave quando ela foi embora

— mal sabe ela a importância de sua companhia para mim a ida dela para Tijucas vai tornar mais difícil minha permanência aqui

então o Cara volta ou não volta mas como disse “nós não vamos demorar muito” confio nele naturalmente sem mais nem menos ouço sua voz fico feliz me atiro nele no Suave entro no carro branco vou novamente para meus grandes espaços de Porto Belo correr pelo jardim sentir o cheiro do mato dormir no calor gostoso de minha casinha de tanto pensar assim a coisa acabou acontecendo num dia pela manhã o carro estava cheio de músicas novas a viagem a Porto Belo foi rápida estava de volta ao Recanto de Luciana o recanto do Cara



de Suave o meu recanto tão bom e calmo

— nada como a casa da gente

o Cara conversou muito com Suave sobre sua ida para São Paulo Suave disse que não queria ir ficava arranjava emprego então comecei a temer por minha sorte percebi que Porto Belo estava morrendo na alma dos dois o encanto havia-se partido o Cara já estava curado Suave não se sentia seguro de nada não sei que fim teria cada um dizendo para seu lado que não suportava Porto Belo acho que foi a miserável viagem a São Paulo Rio de Janeiro que botou minhoca na cabeça deles ou a ausência da Senhora ou a briga de Suave com a namorada ou tudo junto só sei que os dois estavam cada vez mais inquietos iam e voltavam a Floripa quase todos os dias me deixavam trancada em casa com ração e água mas o que eu queria era correr pelos matos como nos primeiros e felizes tempos de Porto Belo tempos também felizes para os dois porque tinham planos de recuperação física moral sei lá doença de um cadeia do outro agora tudo estava normal com os dois mas tanto um como outro não queriam ou não podiam resolver nada de uma hora para outra o que irritava o Cara doido para tomar uma decisão

— não sei se levo toda esta tralha para São Paulo se deixo uma parte por aqui se não levo nada começo tudo de novo por lá

Suave não respondia não sabia mesmo que responder ele próprio não sabia o caminho a tomar voltar a morar em Barreiros com os avós sem ouvir música sem poder ligar a televisão devendo chegar a horas certas da noite porque os velhos eram crentes enfim uma mudança completa para ele acostumado a uma vida melhor mais calma mais segura mas um dia chegou um envelope o Cara abriu leu releu chegou Suave o Cara decidiu

— vou viajar para a Europa resolvo tudo quando voltar se voltar

então entendi o mistério daquele meu sonho do 7 do 7 de 77 do imenso aparelho brilhante voando desesperadamente para cada vez mais longe Suave falou

— para lá eu também iria

— é muito caro não posso pagar você já está pronto para enfrentar a vida

— falei por falar como o senhor mesmo diz a gente nunca deve sair do lugar aonde nasceu porque depois não se encontra mais então fico por aqui mesmo na minha terra com minha gente

o Cara fingiu que ia buscar alguma coisa na cozinha saiu para o pátio eu fui atrás dele sentou-se na mesa embaixo do limoeiro começou a chorar subi no banco meti a cabeça entre seus braços ele falou numa voz muito sumida

— Águia não pode ser mais assim vou ter que ir embora por algum tempo ou por muito tempo o Suave se vira é jovem tem força para trabalhar quanto a ti confesso não sei o que fazer ou sei mas não quero ou quero mas não devo mas acabo fazendo por uma questão muito maior do que simplesmente gostar de ti ou dele porque cada um deve mesmo é tratar de si porque na hora mais grave cada um não tem senão a si mesmo para consultar

não sei se fiquei com pena ou raiva dele se ele tinha razão no fundo meus problemas eram tão pequenos comer dor-

mir receber um pouco de carinho mas afinal quais seriam os problemas dele além desses tão pequenos mas tão essenciais para mim pelo menos comer dormir ele fazia tanto quanto eu mas de certo a outra coisa ele precisava em quantidade maior ou de maneira diferente da minha não recebia de Suave de ninguém tinha escolhido ser diferente ou tinha sido obrigado a ser diferente mas com a idéia de viajar ficou um pouco mais contente embora cada vez mais inquieto começou a desmontar tudo encaixotar louças coisas o Recanto de Luciana ficou parecendo a casa de Bom Abrigo tudo amontoado no meio da sala esperando não sei quem para levar aquilo não sei para onde até que um dia o Cara escreveu alguma coisa na máquina que tinha no quarto leu para Suave

— dálmata vende-se uma cadela dálmata de 14 meses virgem com pedigree terceiro cio em dezembro

tudo estava perdido para mim sabe-se lá em que mãos eu cairia havia chegado a “hora mais grave” para o Cara que naturalmente havia consultado a si mesmo resolvido tudo como se fosse dono dos sentimentos de Suave dono dos meus sentimentos abandonando tudo todos se contradizendo porque me lembro que uma vez em Bom Abrigo falou “que a gente talvez seja muito mais os outros do que a gente” mas eu senti que sua decisão era a final como se tivesse dito “não pode” fui dormir muito infeliz quando acordei chovia bastante o Cara disse

— é preciso dar um banho na Águia

— pode fazer mal não tem sol

— então lava com álcool passa talco amanhã cedo vamos embora

não havia saída tudo estava resolvido Suave passou um líquido gelado em minha barriga entre as pernas senti alguma coisa me queimando por dentro o tal de álcool entrando em meu segredo fiquei totalmente alucinada corria de um lado para outro me agarrei com minha almofada comecei a fazer os mesmos movimentos que o coleguinha de Bom Abrigo fazia comigo os dois riam sem parar Suave falou se enrolando nas almofadas da sala

— ela é paraíba

o Cara passou um pano com água fria em minha barriga entre as pernas o calor foi passando sem entender que história era aquela de eu sentir uma necessidade tão grande de fazer sair para fora alguma coisa além do pipi diário por aquele lugar de onde só tinha saído sangue por duas vezes atraindo a atenção e a cobiça de meus colegas de Bom Abrigo e Porto Belo mas acontece que todas as perguntas iam ficar sem resposta porque no dia seguinte cedo já estava tudo pronto para a gente ir embora eu ficaria no Estreito segundo disse o Cara mal sabia eu que aquela era a última vez que entrava no carro branco que também era a última vez que o Cara e Suave iam entrar nele porque o Cara vendeu tudo ficou sem nada sem ninguém para sair por aí crente que fugia dele para sempre me entregou naquele hospital cretino agora eu na situação humilhante dos coleguinhos pequenos esperando casa para morar mas sempre com uma leve esperança de que o Cara mudasse de idéia voltasse mas o tempo passava nada acontecia eu sonhando todas as noites com o aparelho brilhante subindo cada vez mais numa velocidade tão grande que era apenas um zumbido insuportável





darcy peiteado.  
1999

— a dez mil metros de altura e mil quilômetros por hora  
vi uma estrela no céu e me lembrei de você

me acordava em pânico vieram um dia me tirar da prisão me levaram para a saleta de espera onde estavam sentados no sofá imagina quem o Cara e Suave muito sérios me atirei nos braços do Cara ele ficou todo perturbado não disse nada fui agradecer Suave também todo duro senti que a atitude deles não era normal o Cara levantou-se entregou uns papéis para outro homem que estava lá o homem pegou minha guia me puxou eu não queria ir o Cara sentou-se tirou um lenço do bolso disse para Suave me levar Suave segurou a guia fui com ele até a um carro preto com outro homem fardado na direção me fizeram entrar à força Suave foi embora me deixou ali no meio de estranhos meu Deus fazei com que o Cara se arrependa fazei com que ele volte meu Deus meu Deus se ele voltar

— prometo fazer as pazes com o mar

### **Do Autor:**

**Os Incoerentes.** Contos. Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Livraria São José, Rio, 1958.

**Ao Juiz dos Ausentes.** Contos. Edição Opama, Rio, 1961.

**De-Como-Ser.** Documentário Autobiográfico. Co-edição UFSC – Editora Lunardelli, Florianópolis, 1980.

### **Antologias:**

**9 Histórias Reíunas.** Biblioteca do Exército-Editora, Rio, 1956

**Antologia do Novo Conto Brasileiro.** Editora Júpiter, Rio.

**Histórias do Amor Maldito.** Gráfica Record Editora, Rio, 1963

**Assim Escrevem os Catarinenses.** Editora Alfa-Ômega, São Paulo, 1976.

**Contistas e Cronistas Catarinenses.** Editora Lunardelli, Florianópolis, SC, 1977.

### **Inéditos:**

**Monólogo da Provação.** Diário, Rio, 1963.

**Batalhão Sagrado.** Romance inacabado, Rio, 1967.

**Roupa-Corpo-Roupa.** Peça teatral, Rio, 1968.

**Arte Brasileira Explicada.** Verbetes sobre artistas brasileiros a nível infantil, São Paulo, 1976.

**O Acidente Gaúcho.** Peça teatral, São Paulo, 1976.